

4ª Entrevista: 9.12.1983

L.H. - Brigadeiro, eu queria voltar com o senhor, debaixo do maior espanto meu e da Ignez, àquele inquérito que houve em 52 nas forças armadas, segundo nós depois nos informamos, motivado pela campanha pela reeleição do Estillac. Eu gostaria de aprofundar um pouco mais esse episódio, porque me parece que há uma espécie de conspiração de silêncio em torno dele, não se fala nele, ninguém sabe, não há notícias, há apenas um relato no livro do Nelson Werneck Sodré. De modo que eu gostaria de aprofundar um pouco mais esse episódio.

F.T. - Pois não. Você sabe que a eleição para o Clube Militar é em maio – parece que na segunda ou terceira quarta-feira do mês de maio –, e a campanha vai se processando nos estados, a busca dos votos dos militares que servem no interior, desde janeiro. Desde janeiro as chapas são lançadas.

L.H. - Então a campanha começa no mês de janeiro do ano da eleição.

F.T. - Do ano da eleição. Janeiro, fevereiro, as chapas já estão lançadas, e as correntes que apoiam os seus candidatos iniciam a campanha no interior em busca de votos - os votos eram dados por procuração. Então, no mês de março, abril, a campanha está no auge, porque já se está recolhendo todos os votos, os emissários vão aos quartéis apanhar os votos. Em 52 desencadeou-se um processo anticomunista, que eu penso, no Brasil, até aquela data, foi o maior que ocorreu. Foram presas mais de mil pessoas entre militares e civis. Estendeu-se também aos civis. Foram presos, inclusive, vários oficiais, entre os quais o Fortunato e o Dantas Loureiro, da Aeronáutica.

L.H. - Não houve um Paiva?

F.T. - O Paiva, também da Aeronáutica. Eles regressavam de unidades da Aeronáutica ou do Exército, onde tinham ido buscar os votos. Foram presos com os votos.

L.H. - E os votos sumiram?

F.T. - Sumiram, é claro, não chegaram à eleição. Os encarregados dos inquéritos - isso também é uma coisa muito interessante - foram: no Exército, o Amauri Kruehl; na Marinha, o almirante Suzano – talvez em 52 ele nem fosse... acho que já era almirante, sim –, o almirante Suzano; e na Aeronáutica, o coronel Scaffa.

L.H. - Uma coisa me despertou a curiosidade: num inquérito dessa envergadura, o encarregado não tem que ser nomeado pelo ministro?

F.T. - Pelo ministro.

L.H. - Então o Estillac ainda era ministro e nomeou o Kruehl encarregado do inquérito?

F.T. - Não. Eu acho que o Estillac não era mais ministro.

L.H. - Era. Ele saiu - eu vi essa data - no dia 26 de março de 52. Foi isso que me despertou muito a curiosidade.

F.T. - Então é preciso ver, precisamos conferir as datas, porque é capaz do inquérito ter-se iniciado depois da saída do Estillac. Não acredito que o Estillac tenha nomeado o Krueel; ele não gostava do Krueel.

L.H. - Isso eu não consegui entender pelas informações que tive do inquérito. Eu disse: "Não é possível que num inquérito dessa envergadura o ministro não tenha conhecimento, pelo menos da nomeação do encarregado." Eu admito até que ele não acompanhe o inquérito.

F.T. - Não acompanha. O encarregado do inquérito tem plena liberdade.

L.H. - O Scaffa teria sido então nomeado pelo Nero?

F.T. - Pelo Nero. Isso seguramente que sim. E entende-se, porque o problema era o anticomunismo, e se no Brasil inteiro o preconceito, a discriminação anticomunista é generalizada, nas forças armadas...

L.H. - É mais aguda, não?

F.T. - E a partir de 35, inteiramente eficaz. Passou a existir a perseguição, a discriminação, até o medo do comunismo. Na Aeronáutica, então, foi também...

L.H. - Mas o Scaffa não era eduardista naquela época?

F.T. - O Scaffa é uma figura muito interessante nesse panorama político brasileiro. Ele era muito soldado. Não era um aviador de voar, não gostava de voar. Até vou dizer mais a você: não voava. Voavam por ele, porque o aviador tem que fazer umas tantas horas. Ele se dedicou aos aspectos administrativos da profissão.

L.H. - Pilotava escrivania?

F.T. - É, pilotava escrivania.

L.H. - O Nero nos deu uma expressão muito engraçada, ele chamava de "pilotos de P.51," que era *Parker 51*. [risos]

F.T. - Exato. Então ele pilotava escrivania. Dedicou-se muito à parte administrativa, conhecia regulamentos e especializou-se sobretudo em inquéritos policiais-militares. Então, se há uma acusação de que há comunismo na Aeronáutica, eu acho muito natural que o Nero nomeasse aquele que ele achava mais capaz de apurar realmente isso. Era o especialista no assunto. Evidentemente, vocês conversaram com o Nero, o Nero sequer era um homem politizado; ele era um getulista, boa pessoa, como eu disse a você, bom ministro, mas nomeou o Scaffa. Quer dizer, aí eu entendo. Agora, o Estillac, não. Eu acho que o Estillac não era mais ministro, ou então foi alguma imposição que ele, já no fim, de saída mesmo, concordou.

L.H. - Pois é. Mas ele não sabia que esse tipo de inquérito estava voltado contra seu próprio pessoal? Pois era a candidatura, a reeleição dele para o Clube que estava em jogo.

F.T. - Mas ele só aceitou a candidatura... Por isso é que eu digo, eu acho que ele saiu antes. Você tem certeza de que ele saiu no dia 26 de março?

L.H. - Tenho. A data da saída do Estillac, que eu confirmei ontem, foi 26 de março de 52.

F.T. - É, então ele foi candidato antes. Foi candidato nosso ainda ministro.

L.H. - O que pode ter ocorrido, a diferença, é o inquérito ter começado no final de março. Eu não sei.

F.T. - Final de março, princípio de abril, isso também pode ser. Porque foi na fase da eleição, ele pegou o período mais agudo da eleição.

L.H. - Eu descobri um oficial da força aérea americana chamado Edgar Bundy, que chefiava o inquérito na Aeronáutica na área dos sargentos, e que inclusive torturou muito sargento. O que um oficial da força aérea americana estava fazendo nisso?

F.T. - Isso eu não sei, não.

L.H. - Eu soube.

F.T. - Tem certeza?

L.H. - Tenho!

F.T. - Então era uma ajuda muito escondida. Muito escondida!

L.H. - Eu ontem tive essa informação de que havia um oficial da força aérea americana chamado Edgar Bundy.

F.T. - Esse nome até não me é estranho, não.

L.H. - E que ele participou dos inquéritos na Aeronáutica torturando sargento. Não chegou a pegar oficial.

F.T. - Oficial... Eu hoje ainda sou muito amigo do Fortunato; o Fortunado, por exemplo, foi condenado a dois anos, então não perdeu a patente, porque só perde a patente quem é condenado a mais de dois anos. O Paiva, que você citou, e o Vinhas foram condenados a mais de dois anos, dois anos e seis meses.

L.H. - Não havia um Sebastião alguma coisa?

F.T. - Dantas Loureiro. Esse foi condenado a dois anos.

L.H. - Sebastião Dantas Loureiro; então esse também não perdeu a patente.

F.T. - Não perdeu a patente, voltou, e o Fortunato ainda ficou até 64, se não me engano.

L.H. - E o pessoal do Grupo de Caça foi punido também?

F.T. - Não, não. O Fortunato era do Grupo de Caça.

L.H. - Mas eu digo o Rui Moreira Lima, por exemplo.

F.T. - Não, não. Esse pessoal nos seguia no Clube Militar, ouviu? Na primeira eleição do Clube Militar. Na segunda eu já não garanto, por causa dessa campanha, mas na primeira eleição do Estillac o Grupo de Caça votou integralmente conosco. É verdade, como eu disse antes, que foi a primeira eleição disputada, a técnica empregada pelo adversário ainda estava se ensaiando, eles não tinham uma... Então nós pegamos tudo, até o sobrinho daquele Meira de Vasconcelos, chefe do Estado-Maior, que era do Grupo de Caça votou conosco. E o tio, votou contra. Na segunda eleição eu já... O Rui com certeza votou conosco. O Rui votou.

L.H. - Mas ele não foi punido, não foi atingido por esse inquérito?

F.T. - Não, não. É como eu disse: o inquérito, na parte dos oficiais... Eles tinham uma certa cautela em fazer as prisões. Era preciso que houvesse uma denúncia, compreendeu? Estou dizendo que seria muito do gosto deles me prender, tanto que o Scaffa, tempos depois, foi um grande amigo meu e me acompanhou, em 64 e antes de 64, foi do gabinete do Melo, onde eu era chefe, e ele me disse mesmo que queria me pegar. Então ia com o meu retrato porque, não havendo tortura, ninguém confessa nada. Disso você não tenha dúvida. Por isso é que eu hoje tenho muita pena desses que confessaram tudo, porque saíram de lá liquidados. Eu me lembro a Maria Lúcia - não sei se eu contei a vocês - quando eu estive preso com ela lá na PE, passei seis dias lá porque...

L.H. - Na Barão de Mesquita?

F.T. - Na Barão de Mesquita. Isso foi em 69, 70, 71, naquele auge. Eles já tinham prendido o Aluísio, não é? Ele estava perseguido e tal, e eu aconselhava a Maria Lúcia a se apresentar. Para resumir, acabou, foram prendê-la em sua casa, e por acaso eu estava lá. Ela então me perguntou: "Você quer ir comigo até a PE?" Eu perguntei ao tira, um barbadinho muito simpático: [risos] "Como é? Posso ir com ela?" E ele, naturalmente com medo de eu reagir, de criar problema com um brigadeiro, ter que me matar... Eles pensam sempre que militar é... Ele disse: "Pode ir." Foi uma confusão! Aquilo foi um aparato bélico! Cercaram o quarteirão, eu entrei no carro com ela e dois tiras, e fomos para a PE. Quando chegamos na porta, ela disse: "Você não quer entrar comigo?" [risos] Eu queria dar força a ela, o que aliás foi uma burrice. Eu digo: "Bom, entro." Chamei o sujeito, o barbadinho, e disse: "Como é? Posso ir com ela até lá dentro?" Ele disse: "Bom, esse já é outro problema." Aí foi lá dentro e voltou. Naturalmente o torturador de dia, o oficial de dia, não se deu conta da burrice que estava fazendo, foi a nossa salvação - e pensou: "Se eu prender esse brigadeiro, vai ser uma glória. Traga o brigadeiro! Capuz." Eles não tinham capuz para mim, só tinham para a Maria Lúcia, então foram buscar um capuz, lá entrei eu, e quando dei conta estava numa cela em frente à da Maria Lúcia. Eu disse: "Bom, agora eu não posso fazer nada aqui."

Mas felizmente o meu advogado, que era o Osvaldo Mendonça, fez um pedido de *habeas-corpus*, porque ele se encontrou com aquele Grun Moss - aliás meu adversário -, que disse: "Esse caso do Teixeira é um caso de *habeas-corpus*. Porque o que está suspenso é o *habeas-corpus* político, mas isso não é político. Foi uma injustiça! E ele fez tudo, escreveu que eu fui preso com a filha e tal. Sei que seis dias depois eu estava lá de noite e vi um movimento de... Porque ali, sendo quartel, e você militar,

os guardinhas, os pracinhas ficam mais atentos. Apareceram dois sujeitos à paisana, chegaram - era um corredor em L, a minha cela ficava num lugar, e havia um corredor onde ficava a da Maria Lúcia, - olharam para a minha cela discretamente, passaram, olharam para a da Maria Lúcia e foram embora. Um advogado que estava preso em outra cela disse: "Esse sujeito é comandante da PE e o outro é um general." Eu até pensei comigo: "Vai ver que o pessoal lá de fora já está se mexendo." Passados uns 15 minutos, meia hora, um pracinha chegou e perguntou: "O senhor quer café?" Senhor, coisa que não tratavam... E café não existia lá, não é? Eu disse: "Quero." Tomei o café e vi, ele foi até a Maria Lúcia e deu café também para ela. No dia seguinte, soltaram. Mas não sei a título de quê eu contei esse fato.

L.H. - O senhor estava falando que ninguém confessa sem tortura.

F.T. - Então eles não torturaram. Mas lá, por exemplo, eu vi gente que, torturada, confessava tudo. Prenderam a Maria Lúcia porque um professor que eu não sei o nome - é melhor até não saber, - apanhando, debaixo de pau, disse que a Maria Lúcia pertencia à célula dele, que reunia tantas vezes por semana, aquela coisa toda. Prenderam, e o sujeito chamou a Maria Lúcia; chamou, não, foi lá na cela e disse: "Olhe, você está acusada disso, disso, por fulano de tal." Leu o depoimento. Ela disse: "É mentira!" Não torturaram a Maria Lúcia, e ela disse: "É mentira!" Ele disse: "É mentira? Então chame o fulano aí!" Chamaram o fulano à cela em que ela estava...

L.H. - Para fazer a acareação?

F.T. - A acareação. Ele leu o depoimento para o sujeito e disse: "Está aqui. O que você diz, Maria Lúcia?" "Eu digo que é mentira dele." Esse professor ficou, coitado, arrasado! Disse: "Não, eu realmente devo confessar que o nome dela aí está errado. Ela não ia muito lá, não." Saiu assim... Mas coitado, acabou-se, esse sujeito liquidou-se, porque ficou desmoralizado, não é?

Então é o que eu digo: eles torturavam. Os oficiais, não. Mesmo o Fortunato, com quem estou sempre, é muito meu amigo, ele não conta tortura. Havia aquela tortura moral do isolamento, de ameaças, mas tortura mesmo, não. Agora, sargento eles torturavam. Então é o caso que eu queria contar. O Scaffa me contou que uma vez o Suzano ligou para ele e disse: "Olha, eu tenho aqui um marinheiro" - até há bem pouco tempo eu sabia o nome desse marinheiro, ele tinha um apelido, o homem era forte, um monstro. E continuou: "Esse marinheiro fez um depoimento importante, e tem coisas da Aeronáutica que interessam a você. Vou mandá-lo para você." E mandou mesmo. Disse o Scaffa que quando o marinheiro saltou da viatura, era um trapo! Ele então disse: "Não, botem-no na viatura e o devolvam, porque não quero que ele morra aqui para depois dizerem que fui eu quem o matou de pancada." [risos] Por aí se vê que havia tortura, não é?

L.H. - Esse fato a que a Ignez se referiu antes de começarmos a gravação, de que havia uma ligação no inquérito entre as três forças, quer dizer, o sujeito era interrogado na Aeronáutica, mandado para o Exército, depois para a Marinha, como era isso?

F.T. - Exato. Quando o depoimento do sujeito, arrancado dessa ou daquela maneira, implicava um problema, digamos, de um aviador, um oficial, um sargento, se implicava um problema do Exército, eles mandavam o sujeito para o Exército, e o Exército ouvia para apurar os fatos, trazer esclarecimentos ao andamento dos processos - porque os processos eram independentes, acho que depois juntaram num só. Não, não! Eram independentes. Cada um foi processado na sua força armada, na auditoria da força armada. Ah, houve uma *débacle*!

L.H. - Esse problema com os sargentos, e na Marinha, com os marinheiros ocorreu porque de um lado é mais fácil, evidentemente, torturar alguém que não seja oficial. Oficial sempre assusta um pouco. Até mesmo naquele episódio que o senhor nos contou da década de 70, quando o fato de ser oficial já não assustava tanto, mesmo assim talvez a sua presença no quartel da PE tenha facilitado um pouco as coisas para a Maria Lúcia.

F.T. - Ah, sem dúvida nenhuma! E o *habeas-corpus* foi publicado no *Estadão* e no Hélio Fernandes na *Tribuna*, aqui no Rio. O homem foi lá para mandar soltar.

L.H. - Exatamente, um brigadeiro sempre assusta.

F.T. - Porque eles tinham que informar ao Superior Tribunal Militar, tinham que dar uma informação. O que iam dizer a meu respeito? Soltaram logo.

L.H. - Então, de um lado, nós temos isso, não é? É mais fácil torturar um não-oficial do que um oficial. Agora, de outro lado, o senhor acredita que houvesse efetivamente uma organização comunista junto aos sargentos, aos marinheiros? Porque eu me lembro, acho que na nossa primeira entrevista o senhor disse uma coisa que foi muito interessante, que naquele período entre 35 e 38, mais ou menos, os marinheiros eram mais suscetíveis à pregação comunista, e a oficialidade, no caso da Marinha, mais suscetível à pregação integralista. Nesse período da década de 50 havia uma pregação comunista forte entre marinheiros e sargentos?

F.T. - Ali o problema da propaganda... A propaganda comunista teve, realmente, entre os oficiais um relativo sucesso, vamos dizer assim, um relativo sucesso - não estou aqui exagerando a coisa - devido ao Prestes. O Prestes era um ídolo militar. Mas a tradição da organização comunista era entre os marinheiros, marinheiros.

L.H. - A lembrança do encouraçado *Potemkin*? [risos]

F.T. - Exatamente, era uma tradição. Era uma tradição mesmo! Não sei se na propaganda eles cultivam, jogam com esse fato, mas o fato é que isso é conhecido.

L.H. - Mantém-se a tradição?

F.T. - Hoje eu não sei, porque estou afastado dessa coisa. No Exército e na Aeronáutica, entre soldados, não há. É uma coisa engraçada, não há! Esse recrutamento militar obrigatório por sorteio podia até facilitar eles botarem gente lá, mas não há notícia de nenhum avanço comunista nessa área. Já entre sargentos... Mas eu acho que isso se dava mais entre oficiais. Eu não digo organizados no partido, mas sensíveis a uma organização, sobretudo depois da guerra, porque nesse intervalo houve uma guerra em que... Eu contei a você a admiração que o militar tinha pelos exércitos alemães no começo da guerra; no fim da guerra era pelo russo, que foi quem ganhou tudo, e derrotou inclusive o alemão. Então havia, eu diria até uma simpatia soviética, um desligamento dos... Isso havia. Agora, a extensão do comunismo entre oficiais, eu não...

I.F. - Pelo livro do Nelson Werneck Sodré, nessa época de 52, com essas prisões, pegaram muitos sargentos da Aeronáutica também.

F.T. - Muitos, muitos!

L.H. - Por que a Aeronáutica foi a força mais atingida? Não houve perda de patente nas outras forças.

F.T. - Não. No Exército, que eu saiba, só o Júlio Sérgio Machado de Oliveira, e eu penso que ele nem foi condenado por ser comunista, foi condenado por deserção. Ele desertou, achou que não tinha mais futuro ali e foi embora. E parece que fez a sua carreira no Partido Comunista, provavelmente na ilegalidade, ou certamente. Mas nós o perdemos de vista. Agora, na Aeronáutica, não. Na Aeronáutica foram uns quatro demitidos e dois condenados a dois anos, o Fortunato e o Sebastião Dantas Loureiro.

L.H. - Ficaram no limite, não é?

F.T. - Ficaram no limite e não foram para a rua. Eu jamais entendi isso, porque eles tinham tudo na mão, condenavam a dois anos e um mês, um dia, e os expulsavam.

L.H. - Já era o suficiente para expulsar. Havia a possibilidade de recurso ao STM?

F.T. - Ao Superior Tribunal Militar? Havia. Parece que eles recorreram e perderam em todas as instâncias. Desses todos eu conhecia mais o Mauro Vinhas, que era nosso companheiro do Clube Militar, era um artista, desenhava muito bem. Ele até trabalhou depois com o Oscar Niemeyer nessa revista *Módulo*, uma revista que ele tinha, não sei se ainda tem. Ele trabalhou lá. E suicidou-se. Em 64 ele suicidou-se. Ficou muito nervoso com o problema daquelas prisões, daquela coisa... Eu nunca mais o vi depois da campanha. E o outro, o Paiva. Esses dois foram condenados a dois anos, não quiseram, eu acho, nem apelar.

L.H. - No Exército não havia um Joaquim Inácio Cardoso também?

F.T. - Havia. Joaquim Inácio Cardoso, primo-irmão do Fernando Henrique, filho do general Felicíssimo. Ele foi um esteio nessas campanhas do Clube Militar, na Campanha do "O petróleo é nosso!" Era um homem muito empenhado na luta nacionalista.

L.H. - E pegaram o Joaquim Inácio?

F.T. - Pegaram o Joaquim Inácio. O Joaquim Inácio, eu acho que foi preso. É, foi preso. Eu não tenho assim muita certeza sobre o problema do Exército porque, primeiro, já se passaram 30 anos, e segundo, eu estava mais preocupado com a Aeronáutica, porque sabia que eles estavam atrás de mim. E o meu medo, como era o meu medo em 64, quando fui preso, não era de ser ouvido, inquirido; o meu medo era forjarem testemunhas falsas. Então podiam armar um problema. Nisso o Scaffa teve um mérito. Ele podia ter dito: "Não reconheceu?" E comprava um sargento daqueles.

Quando analisarmos 64 eu vou contar um processo. Eu fui processado em 64, estava preso, e todas as testemunhas de acusação arroladas na base do IPM feito na III Zona, que eu comandava, sob a pressão dos acontecimentos, depuseram contra mim. No Superior Tribunal Militar todos retiraram a acusação, inclusive um sargento da ativa na época. Isso foi quando? Em 65 o processo chegou ao Superior Tribunal Militar, então foi antes de 65. Um sargento declarou ao juiz... O juiz era o Romeiro Neto, um político de Vassouras, já morreu até, mas ele era juiz do Superior Tribunal Militar e disse ao sargento: "Mas o senhor declarou isso aqui no inquérito! Aqui no seu depoimento o senhor disse que o brigadeiro era isso, era aquilo, era aquilo outro!" E o sargento respondeu: "Tudo isso é mentira. Eu

estava preso, 30 dias preso, quando o encarregado do inquérito, o coronel Chestenet, chegou para mim e disse: 'Sua mulher está na miséria, sua família está aí, você vai ficar preso a vida inteira se não assinar isso.' Eu assinei." Desfez. E foi acareado com o coronel. Depois o Romeiro fez essa... Foi um dos momentos da minha vida em que eu me senti mais humilhado, vendo aquele coronel, e o sargento na cara dele: "O senhor disse isso?" E ele: "Não, não é bem isso. É maneira de interpretar."

L.H. - É uma situação que não é bonita para ninguém.

F.T. - Para ninguém. É uma tristeza!

I.F. - Quando o senhor falou sobre essa questão da Marinha, nos disse que os marinheiros vêm da Escola de Aprendizes Marinheiros. Eles ficam normalmente quanto tempo como marinheiros?

F.T. - Se não me engano, o contrato... Como se chama? Eu até já estou muito paisano. O contrato é de cinco anos. Ele entra para a Escola de Aprendizes menino.

I.F. - Quer dizer então que é bem diferente do soldado que passa dez meses, no máximo um ano?

F.T. - Completamente diferente. O recrutamento é profissional. O Exército agora está falando nisso. Está querendo mudar o tipo de recrutamento, de sorteio militar.

I.F. - E na Aeronáutica como é?

F.T. - Na Aeronáutica é igual ao Exército.

I.F. - Então fica bem diferente realmente o comprometimento do soldado para o comprometimento do marinheiro?

F.T. - Exato, exato! O marinheiro faz carreira desde marinheiro. O sargento da Marinha vem de marinheiro. Ele é promovido a cabo e depois a sargento, faz um curso lá, uma coisa qualquer e tal, aquele que já veio da Escola de Aprendizes.

L.H. - Eu acho que, das circunstâncias desse inquérito, falta a gente investigar um pouco mais e esclarecer essa questão das datas, porque é uma coisa que eu fiquei muito perplexa. Pode ser que eu esteja enganada, mas suponho que realmente o encarregado do inquérito seja de nomeação do ministro, um inquérito de tal envergadura.

F.T. - Nisso não há dúvida nenhuma.

L.H. - Até o ministro pode não saber porque, como nós sabemos mesmo, esses serviços acabam tendo uma autonomia muito grande, mas de qualquer forma é preciso a gente esclarecer um pouco o papel do Estillac nesse episódio. Porque o Estillac era pessoalmente envolvido, quer dizer, ele era o candidato à reeleição.

F.T. - Porque se ele saiu em 26 de março... Vamos supor que o inquérito tenha sido aberto no princípio de março, então foi ele que, como ministro, nomeou o encarregado do inquérito.

I.F. - E o Getúlio nisso tudo?

L.H. - Pois é. O senhor, aliás, falou uma coisa interessante no início dessa conversa. O senhor disse: "Se o Estillac estava no ministério, ele pode ter sido pressionado." Pressionado por quem?

F.T. - Pelo Getúlio. Não! Naturalmente a pressão... Porque você sabe, o nosso grupo - aí é uma tese que eu defendo...

L.H. - Essa história está complicada, brigadeiro! [risos]

F.T. - Não, eu vou mostrar a você. A discriminação política e ideológica dentro das forças armadas existe. O grupo nacionalista que se formou a partir de 45, que atuou maciçamente na primeira eleição do Estillac no Clube Militar e tem atuado por aí a fora - nós até discutimos isso aqui - concorre muito, com a sua posição divergente da cúpula militar, para que os presidentes fossem eleitos, se candidatassem. Foi o caso do Getúlio, como nós vimos aqui, e depois do Juscelino, que veremos oportunamente. Mas o que caracterizava a posição do governo do Getúlio que, como eu disse, não foi eleito por nós, nem era a nossa intenção que ele se elegesse... Era intenção que fosse eleito e tomasse posse quem tivesse mais votos. Em geral esse fato que ajuda um indivíduo a se candidatar e a tomar posse reflete uma divisão dentro das forças armadas. Nessa divisão, o sonho do Getúlio, do Juscelino, do Jango, quando assumiram o poder, não era administrar a força armada conosco, era administrar como inimigo, pacificar o inimigo. Isso foi uma constante. Juscelino, como vou contar a vocês, tomou posse em janeiro, e em fevereiro estourou Jacareacanga, aquela revolução de Jacareacanga. Eu era um juscelinista! Nessa época o meu irmão, que foi do gabinete do Melo, estava no Gabinete Militar do Juscelino, e para combater aquilo... Aquilo foi uma bobagem, era um oficial com um sargento e uns civis que havia lá em Jacareacanga... Não tinha futuro nenhum. Não houve as adesões que o Veloso provavelmente esperava, em suma...

L.H. - Maluquice pura?

F.T. - Maluquice pura. Quer dizer, não havia nenhum risco de o governo Juscelino cair, de ser derrubado pelo Veloso em Jacareacanga. Mas o Juscelino foi enchendo o saco, foi enchendo o saco, e acabou, deu o ultimato. E o comandante militar, que era o brigadeiro Antônio Alves Cabral, pediu ao Juscelino que mandasse os pára-quedistas para assustar o pessoal. Pára-quedista é uma tropa muito temida em todo lugar do mundo, porque é violenta, são homens fortes, pulam, saltam... E eu ainda chefiava o estado-maior do Comando de Transporte quando o meu irmão me telefonou do palácio e disse: "O presidente está aqui ao meu lado dizendo o seguinte: ele quer hoje!" Porque já tinha havido uma tentativa de mandar pára-quedistas, eu até interferi para que não mandassem, porque sabia que a coisa ia ter um reflexo terrível.

L.H. - O Seco refugou um pouco também, não?

F.T. - O Seco, que era o ministro, recuou, essa coisa toda... A primeira vez que chegou a ordem eu fui ao Seco e disse: "Ministro, eu vim aqui porque acho que os pára-quedistas não devem ir. Não adianta nada, o Veloso está condenado. Isso é uma besteira do Cabral!"

L.H. - Porque mandar pára-quedista significava dar uma importância muito grande ao episódio, não?

F.T. - Muito grande. E em segundo, parecia que se queria matar o Veloso, arrasar o Veloso. E ele me disse: "Mas não sou eu," - o Seco era um sujeito muito... sei lá, deixe para lá - "quem está fazendo questão disso é o Lott." Eu perguntei: "É o Lott?" E ele: "É o Lott!" Então eu disse: "Está bom, o senhor me dê licença que eu vou falar com o Lott." "Ah, pois não." - porque ele estava doido para não mandar os pára-quedistas. Aí liguei para o Lott, que disse: "Absolutamente, coronel, absolutamente. O presidente é que falou nisso. A tropa está pronta, mas se o senhor não quiser ir, não vai." Adiamos o negócio. Mas o Juscelino ficou naquela pressão, e como eu contei, o Lino me ligou, dizendo: "O presidente quer ouvir hoje, até à meia-noite, o ronco dos aviões saindo daqui com os pára-quedistas." Foi um drama, porque a Aeronáutica estava dividida. Nós tínhamos que mandar os aviões do Transporte! Esse é um fato que eu vou detalhar mais tarde. Em suma: saímos e fomos com os pára-quedistas. À meia-noite já estávamos voando para lá. Chegamos, não jogamos pára-quedas. Aí houve uma revolução na FAB. Os comandantes se negavam a mandar os aviões, e rebeliões uma atrás da outra, uma situação muito ruim. Mas nós fomos com os pára-quedistas, controlamos a base de Belém, ocupamos Belém, e o Veloso foi preso sem nenhum pára-quedista, sem nenhuma importância. Pois muito bem: voltei de lá, fiquei mais uns três dias para trazer os meus pára-quedistas - quando cheguei aqui no Rio, estava sendo substituído o ministro.

[FINAL DA FITA 7-B]

F.T. - Um homem que, incumbido pelo Juscelino, só foi ministro com uma condição: pacificar com o Eduardo, quer dizer, com o nosso inimigo. Na semana seguinte, eu e todos os oficiais que foram comandando aviões para ele, fomos exonerados das nossas funções. Eu fiquei encostado na Inspeção, e acho que foi aí que eu fui tirar a Escola Superior de Guerra. Então é essa a tese que eu defendo. O que o Juscelino estava querendo? Conciliar com o Eduardo.

L.H. - Sim, porque a vocês ele já tinha.

F.T. - Exato. E nós o que fazíamos? Continuávamos firmes na nossa posição. Continuávamos firmes, e no caso até foi ótimo, porque ele não pacificou mais com o Eduardo. No caso do Exército era mais fácil, porque não havia um Eduardo. Mas a Aeronáutica tinha um Eduardo com um Prestígio enorme, e que não conciliava. A idéia era derrubar o governo. Então, na primeira oportunidade que surgiu, que foi uma preterição do Adil de Oliveira, novamente preterido... O Juscelino, coitado, estava doido para promover o Adil, mas a família Vargas não deixava! Não deixava! E com razão, porque ele teve um procedimento muito incorreto com a dona Darci, já uma senhora... Então ele conciliou, conciliava. Bom, mas o Fleiuss não conseguiu... E o Eduardo compareceu a um almoço de desagravo pela não-promoção do Adil, o que foi pior, porque aí nós entramos: eles tiraram o Fleiuss - também o Juscelino nessa coisa não conversava - e nós botamos o Melo.

L.H. - O Melo Maluco.

F.T. - O Melo Maluco, que não era homem com nenhuma ligação política e muito menos ideológica - isso não havia na cabeça dele, era completamente vazia! Mas era um homem que nos interessava, porque era um homem valente, muito temido pelos seus destrambelamentos. Era um maluco, o Melo Maluco!

L.H. - Dizem que era boa pessoa.

F.T. - Não, não era uma boa pessoa. Eu fui seu chefe-de-gabinete durante três anos. Em 57 ele foi ministro e me levou para o gabinete, eu era coronel. Então fiquei como oficial-de-gabinete dele. No fim de 57 eu fui promovido a brigadeiro e não poderia mais ficar no gabinete. Nessa altura do jogo, toda a copa e cozinha do Juscelino estava querendo que eu fosse ser o chefe do gabinete. Por quê? Porque todo mundo precisa de um avião e é o ministro que dá. Se não tem chefe-de-gabinete amigo, fica mais difícil. Então havia uma torcida para eu ser. E eu, indiferente. Até conversava muito com eles: "Ah, a promoção foi difícil." O Melo não queria me promover, no fundo ele era... eu vou voltar a isso mais tarde, não vale a pena prolongar muito. Estou mostrando a você que eu entendo muito até a possibilidade de o Estillac ter nomeado o Kruel já com a idéia de sair, como quem diz: "Não é comunismo, não!" Porque ele não sabia o que havia de comunismo. Então, sob essa chantagem de que era preciso descobrir os comunistas, porque eles iam virar a mesa, iam fazer e acontecer, ele pode ter topado inclusive nomear o Kruel.

L.H. - É possível.

F.T. - É possível, não é? Como eu disse a você do Nero: O Nero escolheu, é claro - vamos dizer aqui para nós, coitado, já morreu e era meu amigo -, um torturador. Ele dizia que não era, que nunca torturou. Não acredito, ele tinha fama disso. Mas o Nero tinha que nomear aquele, porque senão estaria querendo proteger os comunistas. Entendeu a outra face do problema?

I.F. - Ontem, lendo o livro do Nelson Werneck Sodré, eu vi que essa situação toda foi muito divulgada pelos jornais, inclusive, pela revista *O Cruzeiro*, e que teve também artigos no *New York Times*. Então foi uma coisa pública.

F.T. - Ah, pública, pública!

I.F. - Qual foi a posição do João Neves e a do Osvaldo Aranha nessa ação toda, com a Comissão Mista Brasil - Estados Unidos?

F.T. - O João Neves é capaz de ter sido um dos promotores desse inquérito, porque o Estillac estava reagindo à política que ele preconizava. O Estillac era antiamericano e se opôs ao acordo. Ele saiu por causa do Acordo Militar Brasil-Estados Unidos assinado na época. Foi o motivo da demissão dele. O Aranha, eu não me lembro. Acho que ele estava meio no ostracismo.

I.F. - Não. Quando o João Neves saiu, o Aranha assumiu o Ministério da Fazenda.

F.T. - O Aranha assumiu o Ministério do Exterior.

L.H. - Não, ele assumiu o Ministério da Fazenda, mas isso já foi em 53.

I.F. - Mas essa questão se desenrolou até fim de 52, quer dizer, o Osvaldo Aranha não estava tão no ostracismo assim, estava? O João Neves estava no auge.

F.T. - O João Neves estava no auge. O Aranha também devia estar, porque o Aranha devia ser partidário da candidatura Getúlio. Ele não era um homem com ligações no PSD na época?

L.H. - Formalmente ele estava inscrito na UDN do Rio Grande do Sul.

F.T. - Ah, do Rio Grande, exato. Então é capaz de o Aranha não ter participado da campanha. Isso eu não sei, confesso que não me lembro bem. Agora, o João Neves...

L.H. - Não, da campanha ele não participou, porque ele estava com aquela posição de Assembléia Geral da ONU, havia uma série de coisas, e ele ficou mais no cenário internacional nesse período.

I.F. - É, mas tinha muita ligação com os americanos.

F.T. - Muita, tinha muita ligação.

I.F. - A notícia saiu no *New York Times*, saiu aqui no *O Cruzeiro*, João Neves ministro negociando essa situação de Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, uma série de coisas. O Osvaldo Aranha não devia estar por fora disso tudo.

F.T. - Não devia estar. Inclusive o Osvaldo Aranha, justamente na época da guerra, era partidário da participação do Brasil na guerra, contra a opinião do Góis Monteiro, do Dutra...

L.H. - Falando em Góis e Dutra: os dois se manifestaram a esse respeito? Porque o Góis já estava doente, mas ainda palpitava, pelo menos.

F.T. - Eu acho que ele era senador, não era?

L.H. - Era senador.

F.T. - O Dutra já tinha deixado o governo, estava em casa meio... Não se pronunciava na época. A coisa foi com muita repercussão! Muita repercussão, porque a repercussão interessava devido ao fim a que ela se destinava, que era a eleição do Clube. Quer dizer, interessava divulgar ao máximo: os comunistas estão presos, há tantos comunistas!" Saiu um noticiário muito grande. É claro, a imprensa toda, sadia, era contra a nossa chapa. Lá era fechado.

L.H. - E o *Correio*?

F.T. - O *Correio* era contra, violentamente contra, violentamente. Eu nem aparecia lá! Não queria nem ver o Paulo.

L.H. - Porque o Paulo evoluiu da posição de um getulismo muito grande, ainda no período do velho Edmundo no jornal, para um antigetulismo terrível, não?

F.T. - Terrível!

I.F. - Deve ficar bem claro o meu comentário sobre o *New York Times*, porque o *New York Times* não denunciou as torturas.

F.T. - Sim, ele denunciou o inquérito.

I.F. - Não. Fez apenas comentários sobre a ligação Brasil–Estados Unidos, e aqui era que faziam a ligação entre a situação do João Neves, os americanos e as torturas. Quer dizer, tudo isso era muito divulgado. Era um rolo muito grande naquela época.

F.T. - É isso mesmo. Foi, sim.

I.F. - Então eu gostaria de saber da situação dos ministros nessa questão.

F.T. - Os ministros, quer dizer, o Estillac pode ter nomeado o Krueel, não afasto essa hipótese.

I.F. - E os ministros civis?

F.T. - Os ministros civis? Não, esses não... Porque havia também muito civil nos ministérios e andavam prestigiando as comissões.

L.H. - Quer dizer que houve comissões de inquérito também entre civis?

F.T. - Acho que entre civis também, porque nós... Nós! Lá venho eu com nós! A Aeronáutica prendeu muito civil. Eu contei a vocês o caso de um médico em Natal. Em Natal foram presos mais civis do que militares. Alguns sargentos, talvez.

I.F. - O Nelson Werneck fala num médico e fala num advogado.

F.T. - É, do médico eu me lembro bem.

L.H. - Que tipo de autorização teria sido dada para que o inquérito policial-militar pudesse incluir também civis? Teria que haver alguma mecânica especial? Como era isso?

F.T. - O inquérito policial-militar é aberto em determinadas circunstâncias que configuram crime militar. Pelo menos era, atualmente eu não sei, já mudaram isso. Então, configurando um crime militar, mesmo você pode ser acusada de...

L.H. - Certo. Mas comunismo é crime militar?

F.T. - O crime, naturalmente, não era o comunismo, a ideologia comunista. Era atentado, conspiração, tentar derrubar o poder, coisas desse tipo.

L.H. - Essas coisas configuram um crime militar?

F.T. - Configuram. Eu não me lembro as origens - é uma pena, porque se o Scaffa estivesse vivo, eu até perguntaria a ele a origem, o motivo. O Nero deve saber, mas você deve ir assim com certo cuidado...

L.H. - O inquérito tem que ter um motivo.

F.T. - Tem que ter um motivo. O inquérito policial-militar tem que ter um motivo que configure um crime militar. Aí se apura em inquérito - pode não haver crime nenhum, pode haver crime. Depois do

inquérito então há um processo, como ocorreu nesse caso. Eu não me lembro a origem dos inquéritos. Foram vários na Aeronáutica, na Marinha e no Exército, chefiados por esses que eu já citei.

L.H. - E isso durou quanto tempo, mais ou menos?

F.T. - Eu penso que você tem razão, foi até agosto. Não demorou muito. A eleição foi em maio, começou um pouco antes e foi a um pouco depois.

L.H. - Quer dizer, uma vez ganha a eleição pela Cruzada Democrática...

F.T. - Encerraram aquilo. Apuraram lá umas tantas coisas... É claro que ninguém vai ser ingênuo em admitir que não houvesse organizações comunistas nas forças armadas. Apuraram alguma coisa, prenderam, demitiram, condenaram, e encerrou-se a questão.

I.F. - Parece, pelo livro do Nelson Werneck, que, tudo começou com uma discussão entre o Estillac e o Etchegoyen sobre quem seria mais nacionalista... Parece que é mais ou menos nesse gênero que começou a discussão e que a partir de então se entrou, diz ele, "numa época de terror" entre os dois candidatos.

F.T. - É possível. Mas você assegura que o Estillac foi até 26 de março?

L.H. - Dessas datas todas, as únicas de que eu tenho certeza são a saída do Estillac e a eleição no Clube, que foi 21 de maio.

F.T. - É a uma quarta-feira.

L.H. - Pode ser que nesse período que medeia entre 26 de março e 21 de maio se tenha desencadeado esse inquérito. É muito possível. Agora, é possível também que essa coisa tenha...

F.T. - É possível que o inquérito tenha sido um pouco antes. Mas eu vou também verificar isso.

L.H. - Eu agora vou me dedicar a esse inquérito. Vou! Porque isso não casa absolutamente com a imagem populista do Getúlio. Não casa.

I.F. - Inclusive há comentários sobre a diferença da polícia do Estado Novo para o segundo governo, as torturas do Estado Novo... Comparam o Estado Novo com 64, mas nunca fizeram uma comparação das torturas do Estado Novo com esse período.

F.T. - Isso é até uma nódoa no período de Getúlio.

L.H. - Pois é. E é estranho que isso tudo tenha sido... Passou-se uma borracha nesse assunto e ninguém toca nele. Por que isso não combina com o perfil getulista, e é muito interessante, porque de alguma forma os antigetulistas poderiam ter utilizado isso como sendo um inquérito aprovado em última instância pelo próprio Getúlio.

F.T. - Mas veja, aí há um emaranhado, a coisa se presta muito à especulação. Os inimigos do Getúlio pediram aquilo, porque para eles era muito importante o nosso alijamento da cena política, cujo palco

principal era o Clube Militar. Quer dizer, ali todo mundo concordou. Eles podiam realmente pegar nisso para ir em cima do Getúlio: "Está torturando!" Imagine, inclusive, um homem como o Lacerda com um negócio desses: "Getúlio torturou!" Ele derrubava, ele fazia misérias! Mas sobre isso eles nunca... Houve silêncio nesse particular, quer dizer, o mundo político aceitou aquilo como uma coisa saneadora nas forças armadas. Inclusive deu um dividendo enorme, que foi a eleição do Etchegoyen para presidente do Clube, o que realmente nos afastou. Por exemplo, a partir desse momento nós, da Aeronáutica, passamos a ter muito pouco contato com o pessoal do Exército, porque o contato era no Clube Militar. Acabou. Então, daí em diante, até que se voltasse a articular ações em 56, nós ficamos... Eles lá, de um lado; e nós, os nacionalistas, os esquerdistas, os patriotas, os democratas, do outro. O Getúlio governou, nas condições que vocês conhecem, com uma oposição militar tremenda, tremenda! Não era de bastidores, não era uma coisa em surdina, não. Era ostensiva, como foi o *Manifesto dos Coronéis*, que tirou o Jango.

L.H. - Mas se ele de alguma forma se calou sobre esse inquérito como uma política de apaziguar, de pacificar, e deixou que seus adversários tomassem a frente e liderassem esses inquéritos todos, é estranho que a oposição a ele continuasse, porque isso poderia ter sido entendido como uma forma de pacificar também.

F.T. - Mas é como eu digo, o pacificar nesse sentido é uma fraqueza que o inimigo explora. Então aconteceu que dali em diante a oposição continuou, dessa vez apoiada no Exército, com uma demonstração de força, que foi a eleição do Etchegoyen para o Clube Militar, depois houve o *Manifesto dos coronéis*, isso foi até a morte do Getúlio.

L.H. - A nomeação do Ciro teria sido também uma maneira de pacificar?

F.T. - De pacificar! O Ciro era um homem do lado de lá, não tinha nenhum liame conosco, com o grupo do Estillac no Exército, nenhum! O Zenóbio, não. O Zenóbio era talvez mais manobreiro, era um homem que tinha prestígio. O Ciro não tinha prestígio no Exército, o Zenóbio tinha. Porque o Zenóbio era daquele tipo de figura militar que tinha a sua curriola; promovia coronel a general, promovia capitão a major, então tinha dedicações no Exército. O Zenóbio tinha. E fazia política. Ele queria ser ministro. Queria talvez mais até. Então foi ministro do Getúlio. Na minha opinião, a posição do Zenóbio nos últimos dias do Getúlio foi muito suspeita, muito suspeita.

L.H. - Mas o Ciro, de qualquer forma, já foi uma maneira de tentar aplacar essa oposição?

F.T. - O Ciro foi conciliar.

L.H. - Com a vitória do Etchegoyen no Clube Militar...

F.T. - Que dirá com o Etchegoyen, porque ele era um homem... Só quem conheceu o Estillac... Ele não tinha afinidades com a cúpula militar tal como tinham o Alcio Souto, o Dutra. O Góis Monteiro era outro tipo, também, meio bonachão e tal.

L.H. - Meio parecido com o Estillac, não é?

F.T. - Meio parecido com o Estillac, mas com posições completamente opostas. O Ciro, não. O Ciro era um homem daquela turma, de uma família tradicional, compreendeu? Uma família tradicional de militares.

L.H. - É, família de militares. Inclusive o próprio pai já tinha sido...

F.T. - Ministro do Getúlio numa crise, em 32.

L.H. - Exatamente. Como era o nome do velho?

F.T. - O velho era o Augusto Inácio do Espírito Santo Cardoso.

L.H. - O Ciro e o Dulcídio são irmãos, não é isso? E são filhos do Augusto Inácio do Espírito Santo Cardoso, que foi ministro.

F.T. - E que já estava na reserva quando foi...

L.H. - Como evoluiu o panorama, do ponto de vista militar, desse período de derrota no Clube Militar, de um lado, com o Ciro no ministério, até se chegar àquela situação crítica que foi o *Manifesto dos coronéis*?

F.T. - No Exército, o nosso grupo ficou muito relegado a posições... Acho que o Estillac foi encostado, não sei se numa inspetoria, uma coisa dessas. Nós, na Aeronáutica... Aí que entrou o problema do Nero, porque o Nero não era político, compreendeu? O Nero se apoiou muito em nós, sem querer, talvez, porque me dando uma posição de destaque... Justamente nessa época eu tinha sido derrotado no Clube Militar, e o Nero me chamou para ir para o Comando de Transporte, que era um ponto-chave. Eu fui e fiquei até o Getúlio cair. Então foi um período em que reorganizamos nossas forças não na base da conspiração, porque nunca foi do nosso plano conspirar, nunca foi do nosso projeto político conspirar. Havia um projeto político de nossa parte, mas não era conspirativo, era democrático. Era essencialmente democrático. Agora você vai dizer: "Bom, porque o golpismo não era democrático." Sim! Mas nós éramos contra o golpe e lutamos permanentemente. Então aquele período na Aeronáutica foi um período de tranqüilidade para nós.

L.H. - Mais de trabalho, digamos?

F.T. - Mais de trabalho, mais de tomar posições e tal, apoiados no Nero e em mim.

L.H. - Que não perseguia vocês.

F.T. - Evidentemente eu era o mais graduado dos militares que pensavam como nós e tinha uma liderança incontestada nesse particular, agia bem e tal. Então eu fui para o Comando de Transporte, e o comandante de Transporte era o brigadeiro Loyola Daher - ainda vive até, já está com oitenta e tantos anos -, que não me queria lá, mas o Nero impôs, e ele não teve... Com certeza foi se queixar ao Eduardo, mas o Eduardo não queria se chocar com o Nero, porque o problema do Eduardo não era o Nero, era o Getúlio!

L.H. - O Nero era pouca munição para o Eduardo.

F.T. - Era pouca munição para o Eduardo, o alvo dele era outro. Então o Eduardo deixou, fiquei lá e, como disse a você, fui muito amigo do Eduardo. Eu tinha dois irmãos de quem o Eduardo gostava muito! Mas o Lino rompeu com o Eduardo porque foi para o gabinete do Nero e depois para o gabinete do Juscelino. Quando o Lino foi para a Casa Militar do Juscelino eles romperam. Mas em todo caso ficamos nisso quando eu...

Engraçado, vou contar um fato, botando de lado qualquer falsa modéstia. Eu estava um dia no gabinete do Comta, e o Loyola, meu chefe, me chamou. Na ocasião ia vagar, ou vagou, o lugar de adido da Aeronáutica em Washington, e o Loyola se candidatou. Pediu lá a alguém, não sei se ao Eduardo... Mas ele me chamou e disse: "Estão falando que eu vou ser adido. Você que é amigo do Nero, frequenta a casa dele..." Mentira! Nunca frequentei a casa do Nero! "O Lino está lá, então você quer indagar se eu vou ser adido, porque assim acaba essa agonia? Eu fico sem saber se vou..." Era muito sem-vergonha, aqui para nós. Aquilo me revoltou muito, me repugnou muito a posição dele, mas eu respondi: "Está bom." Nem sei se eu ia falar, quando dois dias depois o Lino me telefonou e disse: "Olhe, o Nero que falar com você, e o negócio é o seguinte: ele vai convidá-lo para ser adido em Washington." [risos] Acho que já contei isso, não contei? "Acho que ele vai convidar você." E eu: "Mas, Lino, isso não é possível! Além de eu não querer ir..." Porque isso foi em julho, ou junho de 54, e a minha sensibilidade política dizia que o negócio estava muito quente aqui, então eu não queria sair, embora fosse uma coisa maravilhosa para mim ser adido em Washington. Eu disse: "Está bem, Lino, vou até aí, mas não vou aceitar, não." Ele disse: "Você fala com ele." E eu: "Está bom." Fui lá. O Nero, com aquele jeito dele... Até outro dia, na frente de vários oficiais do Grupo de Caça, ele rememorou esse fato. Eu gostei, porque os outros ficaram sabendo, não pela minha boca. [risos] Ele me disse: "Estou lhe chamando pelo seguinte: vagou o lugar de adido aeronáutico em Washington, eu chamei o chefe do Estado-Maior," - que é quem indica os nomes para a escolha do substituto - "e você o conhece" - era o Ajalmar Vieira Mascarenhas, um caxias, muito metódico. "Pegamos a relação dos oficiais, o *Almanaque da Aeronáutica*, e passamos um por um: brigadeiro tal... E ele dizia: 'Esse não serve, é um imbecil!' Fulano, fulano...' Não! 'Acabaram os brigadeiros, nenhum servia para o Ajalmar." - Isso o Nero me contando - "Entramos nos coronéis: 'Ah, esse não pode." Quando chegou no seu nome, o Ajalmar virou-se: 'Esse é o homem que pode ser adido.'" - isso o Nero me contando. [risos] Agora veja a minha situação! Eu disse: "Olha, Nero, estou radiante com a perspectiva de ser adido," - mas eu era coronel e o lugar é de brigadeiro - "mas vou dizer uma coisa a você: em primeiro lugar eu recebi uma incumbência do Loyola, que é a seguinte." - e contei-lhe o fato. "Com que cara eu vou chegar ao Loyola amanhã e dizer: 'Não é você, não. Vou ser eu o adido'?"

L.H. - "Além de não ser você, sou eu." [risos]

F.T. - "Não é você, sou eu." Ele ia dizer: "Esse sujeito é um canalha." E continuei: "Mas em todo o caso isso não é o principal. O principal para mim é o seguinte: nós estamos vivendo" - eu até fui "um pouco... porque em agosto houve o negócio do Getúlio, não é? - "um momento muito complicado. O presidente está nessa situação. Está uma campanha tremenda! Eu acho que você vai precisar de gente em que confie, inclusive no Transporte, que é importante, porque o Eduardo está metido lá dentro, sempre foi a área dele. Se eu fosse você, mandava o Loyola para ser adido em Washington, e eu fico esperando uns seis meses, então você me indica, por exemplo... Sabe uma coisa que eu queria ser? Adido em Paris. Eu queria o lugar de adido da Aeronáutica em Paris, que é muito melhor, a língua é mais fácil. Bote um brigadeiro que eu manobre, ou que seja muito ligado a mim, ou bote a mim como comandante de Transporte. Se pode mandar para adido, pode botar como comandante de Transporte." O Nero disse: "Ah, uma idéia muito boa. Isso mesmo! "Não deu, porque um mês depois caiu tudo,

degringolou. Mas houve esse fato, para mostrar a você que o Nero não era um homem... É verdade que aí ele teve a participação do Ajalmar, que era o chefe do Estado-Maior, segundo ele disse, não sei até se foi exatamente a verdade.

L.H. - Que tipo de influência ou que tipo de repercussão tiveram na Aeronáutica aqueles acontecimentos que começaram a se suceder no governo Vargas? As denúncias de corrupção, o caso da *Última Hora*, o caso do jornalista Nestor Moreira, enfim, as denúncias do João Neves, que quando saiu do governo começou a denunciar os entendimentos entre Vargas e Perón, essa coisa toda... Que tipo de repercussão isso teve dentro das forças armadas, principalmente, dentro da Aeronáutica?

F.T. - Muito contra o Getúlio. Foi-se criando um clima contra o Getúlio na Aeronáutica apesar da habilidade do Nero que, como eu disse a você, foi um bom ministro, foi correto, resolveu muitos problemas. No Exército a repercussão foi tremenda! O Exército tomou a iniciativa da ofensiva antigetulista. Mas na Aeronáutica foi também muito grande, porque o foco da luta contra o Getúlio era o Carlos Lacerda, e a guarda pessoal do Lacerda era dada pela Aeronáutica.

L.H. - Como isso se criou?

F.T. - É verdade que esse grupo que se formou na Aeronáutica... Aí é que eu digo: o mal de o Eduardo ter uma preocupação política permanente que redundou numa politização excessiva da Aeronáutica, foi que esse grupo que cercava o Lacerda já não era mais eduardista, era lacerdista. Já era lacerdista. O Gustavo Borges, o Lameirão, aquele grupo da Diretoria de Rotas era todo lacerdista.

L.H. - Tedesco...

F.T. - Moacir del Tedesco, todos! Era um grupo grande, um grupo grande!

L.H. - Havia um Gilberto Sampaio Toledo, não?

F.T. - Toledo, Gilberto Toledo.

L.H. - Eram da Diretoria de Rotas?

F.T. - Eram da Diretoria de Rotas. O foco da coisa era a Diretoria de Rotas, cujo diretor era, se não me engano, um coronel, o Hélio Costa, que era muito hábil. O Nero o nomeou para lá.

L.H. - Era posto de brigadeiro?

F.T. - Era posto de brigadeiro, e ele nomeou um coronel. Esse nem chegou a brigadeiro na vida militar. E ele manobrava muito, mas dava força, porque sabia que a turma era toda... Mas o Nero, não. Então havia aquela politização. Quando ocorreu o atentado contra o Lacerda e a morte do Vaz, a coisa pegou fogo. Além do mais, o grupo lacerdista não era benquisto na FAB, porque a posição política deles era demais! Era bem mais do que a nossa. Não a minha; eu talvez até fosse também como eles, digo, demasiadamente político, mas em geral não era. Mas esse major Vaz...

L.H. - Quem era esse major Vaz?

F.T. - Era um major do ponto de vista assim... até insignificante, mas por isso ultra-simpático, dava-se bem com todo mundo. Boa praça, ouviu? Eu mesmo conheci o Vaz.

L.H. - Quer dizer, ele não era brilhante a ponto de gerar ressentimentos?

F.T. - Ressentimentos? Nem tinha uma liderança! Não era um intransigente como o Gustavo Borges, o Lameirão, o Tedesco, aquela turma. Ele era discreto. Mas por um azar... Se morresse o Borges, a repercussão teria sido muito menor. Mas morreu o Vaz, o Rubens Vaz, benquistos! O Eduardo explorou aquilo até às últimas conseqüências. Inclusive ele se comprometeu com o Nero que... Primeiro, ele levou o corpo do Vaz para o Clube da Aeronáutica, o que já deu um caráter político de classe à coisa; segundo, o Nero conta - não sei se você já chegou a esse ponto com o Nero, mas ele vai contar - o Eduardo tinha um compromisso com ele de que o corpo, o caixão, seguiria direto de automóvel, e ele levou a pé, percorrendo a cidade toda. Em suma: fez o diabo! Até que houve o problema... Bom, aí a agitação desses três ou quatro dias foi tremenda nas forças armadas! Um trabalho todo voltado para derrubar o Getúlio. Houve movimentação no Exército, houve na Aeronáutica e na Marinha. A Marinha, também, ficou totalmente contra. Na Aeronáutica, os brigadeiros todos, excetuando o Epaminondas, toparam o pedido de demissão do Getúlio. Houve até o caso que eu contei do Fontenele - o Fontenele era amigo do Getúlio -, tempos depois ele me contou que, naquela reunião que surgiu a proposta política, na hora de votar ele disse: "Olhem, eu não entendo nada de política. O Eduardo, assinando, eu assino, porque sou Eduardo." Mas o Nero me contou - e isso até deu publicidade a ele, se não me engano - uma polêmica com o Epaminondas, que quando ele, Nero, sentiu que a situação ficaria impossível com a sua permanência, porque o grupo eduardista ia derrubar o Getúlio, ele foi ao Getúlio - isso ele me contou, e você o provoque para que ele conte, que ele vai contar - e disse: "Olhe, presidente, a situação é essa. Eu não posso mais ficar, em seu benefício."

[FINAL DA FITA 8-A]

F.T. - "Então eu o aconselho a colocar no meu lugar no ministério um homem que seja seu amigo, que seja fiel ao senhor, que lhe defenda, mas que seja um homem com trânsito na área eduardista, porque senão ele está perdido. Tenho uma proposta a fazer: o brigadeiro Fontenele, que é um amigo pessoal e íntimo do Eduardo, mas gosta muito do senhor, e se o senhor me autorizar eu falo com ele." Disse o Nero que o Getúlio embandeirou-se. Então ele falou com o Fontenele, e o Fontenele disse: "Eu topo." E o Nero: "Olha, a única coisa que eu queria de você é que os oficiais do meu gabinete não fossem perseguidos. Dê um jeito de..." Disse o Fontenele: "Não, eles ficam no gabinete! Conheço todos eles!" Quer dizer, aceitou! Disse o Nero que quando voltou ao Getúlio já encontrou a nomeação do Epaminondas. E disse também que foi o Zenóbio, de quem o Epaminondas era muito chegado, quem o indicou, já num golpe para explorar a saída do Getúlio. Quer dizer, a segunda parte do problema... Mas o fato de o Getúlio ter concordado, evidentemente eu não digo que a situação teria solução, como quem diz: "Ah, mas se você tivesse reagido, o Jango não teria sido deposto." Isso é ridículo! Eu não acredito que aquilo teria resolvido o problema. Mas que seria muito melhor escolha o Fontenele do que o Epaminondas, certamente.

L.H. - Até porque o Nero tinha grandes reservas quanto à situação entre o Epaminondas e o Getúlio.

F.T. - Exatamente. O Epaminondas era um desses getulistas agressivos, e o Nero um desses getulistas humildes. Quer dizer, o getulismo dele não chocava com o antigetulismo da Aeronáutica. O do Epaminondas iria chocar, compreendeu? Resultado: botou o Epaminondas, que nem chegou a fazer o

gabinete. Não chegou a fazer o gabinete! Só fez o decreto nomeando ele mesmo para a Ordem do Mérito da Aeronáutica! [risos]

L.H. - Nesse inquérito que se instalou, eu chego a entender a nomeação do Adil. O Adil era colega do Nero desde o Colégio Militar, era um sujeito mais ou menos neutro, me parece. Como se deu essa transformação do Adil no decorrer do inquérito?

F.T. - A nomeação do Adil para presidir o inquérito foi recebida pelo lacerdismo, pelo Borges, por essa turma com extrema oposição. Isso é que foi o engraçado da coisa: eles não queriam o Adil exatamente por isso, porque a idéia do Nero foi botar um amigo dele. Era um amigo, gaúcho, ele tinha muita confiança no Adil.

L.H. - E como era o Adil como oficial?

F.T. - Como oficial, não era brilhante. Era um homem inteligente, muito inteligente, muito esperto, foi instrutor da Escola de Estado-Maior do Exército durante muito tempo, mas como oficial-aviador não tinha nome.

L.H. - Não tinha. Até essa fase, não tinha.

L.H. - Isso podia ser bom.

F.T. - Eu acho até que a escolha foi boa, ouviu? Foi boa. E o Adil procurou... Se você observar a atuação do Adil no Galeão, verá que ela tem altos e baixos, o que mostra as fraquezas de seu caráter. Ele não era um caráter... Eu até não posso me queixar dele, porque comigo sempre foi muito... Quando eu fui preso em 64, ele comandava a Zona, e me recebeu lá muito bem. Mas, voltando ao caso, eles impuseram... O Gilberto Toledo, que era do grupo, até foi preso pelo chefe do gabinete do Nero, porque foi lá protestar violentamente contra a nomeação do Adil. Então houve um acordo, e a condição imposta pelo grupo foi a nomeação do Scaffa como secretário do inquérito. Foi uma imposição dos grupos lacerdista e eduardista, que estavam fundidos. Então o Scaffa assumiu para, em nome da "república do Galeão," tomar conta do inquérito.

L.H. - Já havia essa conotação de autonomia da "república do Galeão?"

F.T. - Não. Criou-se, não é? Porque ela tomou a coisa e foi até o ponto de revistar o palácio e tal. Aí foi tomando independência. Na medida em que o Getúlio se enfraquecia, ela crescia.

L.H. - E por que o Galeão? Porque a Diretoria de Rotas era lá?

F.T. - Não. O Scaffa servia na prefeitura do Galeão. Mas porque era a maior base aqui do Rio, tinha lugares para prender os sujeitos, compreendeu? Então ocuparam a base do Galeão, cujo comandante na época era o Homero Souto, ligado a nós, de quem você falou outro dia. Ele era o coronel comandante da base, eu era o chefe do estado-maior, que era no Galeão, porém em outro prédio, e o Loyola, o comandante. Eles se instalaram lá e começaram a ouvir. Para mostrar a vocês as indecisões do Adil, na medida em que o Getúlio ficava ruim, ele ficava severo. Uma vez ele chamou o Loyola, a mim e ao Homero Souto para assistirmos ao depoimento do Alcino, o pistoleiro que matou o major Vaz. Eu até fiquei chocadíssimo, porque nunca tinha visto uma frieza como a que o sujeito descrevia: "Peguei o

revólver, pá! Dei um tiro, não pegou. O outro veio com um revólver, eu matei." Contou aquilo tudo, confessou tudo! Quando acabou, o Adil vira-se para nós, para o Loyola - ele era coronel, mas o Adil o chamava de brigadeiro -, para mim e para o Souto e disse: "Isso que vocês ouviram aqui é segredo absoluto: nem o ministro pode saber!" E o ministro era quem o havia nomeado para o inquérito. [risos] Eu digo: "Mas que sujeito sem-vergonha!" Peguei o carro, fui com o Loyola lá para base e disse: "Olhe, Loyola, eu vou daqui ao gabinete do ministro contar essa coisa ao Nero. Vou contar, porque acho isso uma safadeza desse Adil." Para você ver como o Adil jogava com um pau de dois bicos.

L.H. - É, ele evoluiu.

F.T. - Ele ouviu o Bejo a primeira vez. Eu me lembro disso porque o Osvaldo Aranha foi lá com o Bejo, o Osvaldo Aranha e um outro político do ministério. Eu até fiquei fazendo sala ao Osvaldo Aranha; eu gostava muito de corrida de cavalo nessa época e ele também, era criador, então conversamos sobre corridas e o Adil ouviu o Bejo. O Scaffa me contou o seguinte - esse é um dado importante, quero que vocês gravem, porque é novidade: o Getúlio suicidou-se, segundo consta, porque depois da reunião do ministério - ele já devia estar decidido - o Bejo... Porque houve um acordo entre o Getúlio - não sei se o Getúlio pessoalmente - e a "república do Galeão," pelo qual os parentes do Getúlio, no caso o Bejo e o Lutero, não seriam mais ouvidos lá. Era condição. Então eles não seriam ouvidos. E o Bejo recebeu uma intimação para comparecer no dia seguinte de manhã para depor pela segunda vez. Então foi a ele e disse: "Olha eles estão mentindo para você e tal!" É o que consta. Então eu perguntei ao Scaffa: "Scaffa, você assinou?" - porque quem assinava essas intimidades era o Scaffa, tudo passava por ele. Ele disse: "Não, e até vou te contar um fato. Eu chegava sempre no quartel às cinco e meia, o mais tardar às seis horas, e, quando cheguei às cinco e meia, recebi um telefonema do chefe-de-gabinete do ministro da Guerra," - não estou me lembrando o nome agora, mas é fácil vocês verificarem, era o chefe-de-gabinete do Zenóbio -, "que perguntou: 'Scaffa, você assinou ou saiu daí uma intimação ao Bejo Vargas para depor aí?' 'Eu não assinei não. Um momento! Pode ser que eu não tenha assinado, mas o Adil passou por aqui e assinou.'" Procurou no arquivo, nada. Então disse: "Não senhor. Daqui do inquérito, do Galeão, não saiu a intimação para o Bejo depor." Então a conclusão do Scaffa foi a seguinte - que é uma probabilidade que não pode ser afastada: ou o grupo forjou uma intimação para o Bejo, ou o Adil, pressionado pelo Eduardo, pelos lacerdistas, fez um memorando, uma intimação lá na cidade...

L.H. - Sem cópia?

F.T. - É, sem cópia, e mandou para lá. Quer dizer, não foi uma coisa oficial, aquilo foi um truque. Ele me disse isso, me garantiu isso.

L.H. - E a participação do Lacerda no inquérito?

F.T. - Bom, o Lacerda no inquérito... Não, quem participou mais do inquérito foi aquele advogado que foi deputado federal pela UDN do Estado do Rio, e que era presidente da Câmara quando o Castelo Branco fechou o Congresso. A filha dele casou com esse grande pianista, o Artur Moreira Lima... Adauto Lúcio Cardoso!

L.H. - Ah, o Adauto. Mas ele era da Guanabara, da antiga Guanabara.

F.T. - O Aduauto foi quem acompanhou o inquérito como advogado do Lacerda aconselhando e tal. E esse que hoje é ministro do Supremo Tribunal Federal, também era daqui do Rio, tinha um irmão engenheiro, tinha uma firma de engenharia...

L.H. - O Cordeiro Guerra?

F.T. - O Cordeiro Guerra. Foram os dois que acompanharam o inquérito como advogados do grupo lacerdista. Confesso que eu não ia muito lá, justamente porque era contra, não é? Não queria estar... Mas eu sabia...

L.H. - Vocês conversaram a respeito da forma como o atentado foi montado? Porque me pareceu um atentado extremamente primário: o assassino pegou um táxi que fazia ponto no Palácio do Catete...

F.T. - Fazia ponto no Palácio do Catete, ele foi até lá, deixou o táxi esperando por ele a dois passos... errou, ainda por cima errou...

L.H. - Não, deu dois tiros no major Vaz e acertou os dois: um nas costas e outro de frente, no coração. E não acertou no Lacerda?

F.T. - Não acertou no Lacerda. Quer dizer, é tudo muito ruim. Eu sabia o que ele contou lá. Bom, a coisa rolou, porque primeiro houve um inquérito no Ministério da Justiça - o ministro da Justiça era o Tancredo, mas como o tiro que ele deu - aí vem o problema do motivo - era de uma *Colt 45*, que é uma arma privativa das forças armadas, configurou-se o crime militar, então fizeram o inquérito policial-militar.

L.H. - Então é isso! Porque eu não estava entendendo como tinha passado de um inquérito do Ministério da Justiça para um inquérito policial-militar. Foi o problema da arma!

F.T. - Foi isso, foi o problema da arma.

L.H. - E essa discussão sobre o calibre da arma, que agora saiu uma matéria na *Isto é*, briga da dona Alzira com a família Lacerda? O senhor ficou sabendo dessa história?

F.T. - Que o tiro não era de 45?

L.H. - Não. Dizem que o tiro que pegou o major Vaz era de um calibre, não posso afirmar qual seja, e o tiro que pegou supostamente no pé do Lacerda era de outro calibre, porque se fosse inclusive bala de 45 teria esmigalhado o pé do Lacerda. Além disso não se engessa pé ferido de arma de fogo.

F.T. - É, aquilo ficou muito suspeito realmente. Agora, essa suposição leva a crer que foi o Lacerda que inventou aquilo tudo, e que ele estava combinado com o Alcino. Mas isso é coisa que a gente... Não acredito muito, não, ouviu? O tiro não pegou no pé do Lacerda, e se pegou foi de raspão. Não iam engessar realmente um ferimento de bala.

L.H. - Até porque nunca mais se viu a cicatriz.

F.T. - É, não creio que ele tivesse... Também ele não ia à praia... [risos]

L.H. - Porque isso tudo fica muito mais confuso com a circunstância do assassinato do Gregório na prisão um mês antes de sair. Ele teria dado uma entrevista dizendo que esclareceria tudo quanto estivesse em liberdade, e um mês antes de sair foi assassinado na prisão.

F.T. - Aquilo foi muito suspeito mesmo. Eu acredito que houvesse mais... Mas também eu acho o seguinte: a suposição de o Gregório estar mancomunado com o Lacerda, eu acho que está fora de cogitação, complica muito a coisa. Porque o Gregório chamou o Climério...

L.H. - Que foi quem contratou o Alcino.

F.T. - Ele então pegou o Alcino, que fez aquelas burrices todas, e o Climério também. Isso está mais ou menos provado, porque todos depuseram dessa maneira, compreendeu? Porque eles tentaram esconder o pistoleiro, que foi o último a ser preso - a façanha coube ao Délio.

L.H. - Foi uma caçada, não é?

F.T. - Foi uma caçada. Localizaram a família dele, um filho, e chegaram à conclusão de que fatalmente ele iria lá, andaram cercando o local e o pegaram. Mas isso ficou mais ou menos claro. Agora, podia ter outras injunções além dessas. Não acredito muito que implicassem mais o Lacerda.

L.H. - Qual foi a participação do Mendes de Moraes nessa história toda?

F.T. - O Lacerda e o Aduino queriam implicar o Mendes de Moraes, que era cupincha do Gregório. O Mendes de Moraes era um sem-vergonha, era amigo do Gregório, pedia coisas ao Gregório, e parece que realmente num encontro com testemunhas, segundo consta, ele teria dito, ou dito ao Gregório, que era preciso acabar com o Lacerda. Porque eles eram inimigos, não é?

L.H. - E o Gregório levou o conselho ao pé da letra.

F.T. - É exato. O que se acusava o Mendes de Moraes, a implicação do Mendes de Moraes era essa. Mas ele foi ouvido com muita cautela. O Adil também não fez nenhuma questão de apurar as implicações do Mendes de Moraes no caso. Depois que o Getúlio morreu - foi aí que o Adil cometeu o erro grave da vida dele e que redundou nesse prejuízo para a sua carreira -, ele foi ouvir a dona Darci, que já não tinha... O inquérito já estava encerrado, o Getúlio morto, uma senhora que todo o mundo sabia que estava separada do Getúlio, ou afastada pelo menos, uma senhora já de idade, tinha mais de 70 anos na época... Ele foi com o Scaffa. Aliás o Scaffa me disse que se impôs, aconselhou o Adil a não fazer aquilo: "É absolutamente desnecessário. Você pode tirar as conclusões do inquérito sem ouvir a dona Darci. É uma senhora..." Mas ele foi. Eu acho até, não tenho certeza, que quem programou tudo foi o Nero compreendeu? Foi o Nero.

L.H. - A ida do Adil?

F.T. - O encontro. Ele marcou uma hora na casa dela e foi assistido, eu acho, pela Alzirinha e pelo Lutero. E ele fez perguntas desse tipo: "A senhora tinha relações sexuais com o seu marido?" Desse tipo, ouviu? Coisas horrorosas que não tinham a ver com o caso. A família tomou-se de um ódio

mortal por ele. No tempo do Juscelino, o Jango vice-presidente, toda vaga de brigadeiro - o Adil era o número um dos coronéis - lá ia o Jango em nome da família, não deixava, e o Juscelino não promovia.

L.H. - Claro, o Juscelino não era bobo.

F.T. - Não era bobo! Por causa de um coronel da Aeronáutica... O Adil levou umas 20 ou 30 "caronas". Mas também ele ficou lá. Quando houve 64 ele foi promovido.

L.H. - Não se deu por achado, não é?

F.T. - Não se deu por achado. Mas, justiça seja feita, o Adil era muito bonachão, ainda era desse tempo de tomar chimarrão. E era muito relaxado, ouviu? Não tinha ambições! Era o homem mais proeminente, depois do Eduardo, do grupo que ascendeu com 64, foi comandante da Zona que eu comandava, foi ele que me substituiu depois da... Quando eu fui solto ele já era comandante da Zona. Depois pediu reforma e foi para casa como major-brigadeiro. Quer dizer, era um homem que não tinha ambições.

L.H. - O senhor ficou sabendo de uma participação direta do Lacerda nesse negócio do inquérito? Consta que ele teria imprimido uma página falsa da *Tribuna da Imprensa* com uma manchete dizendo que o Bejo tinha fugido para o Uruguai com o dinheiro deixando o Gregório desamparado, mostraram isso ao Gregório, e parece que foi então que Gregório confessou.

F.T. - Isso eu soube. Agora, o Scaffa me contou o seguinte: que ele fez um bom relacionamento com o Gregório preso - o Gregório era preso do Scaffa -, tanto que o Gregório só o chamava de "pai branco", até os jornais deram isso. E ele me disse que o Gregório tinha um compromisso com ele, Scaffa, de que qualquer declaração, além das que já tinha feito, ele daria ao Scaffa. Quando um dia o Scaffa chegou na base, de manhã, o Délio, o Borges, sei lá, esse grupo que fazia o inquérito e estava permanentemente ali, auxiliares etc., disseram a ele: Olhe, coronel, está tudo resolvido! O Gregório confessou tudo! E o Scaffa: "Confessou?" "É, ontem à noite. Nós estivemos aqui e resolvemos fazer uma inquirição com ele, apertamos o crioulo e ele confessou tudo." O Scaffa ficou decepcionado, não é? Porque era ele o técnico daquilo, o homem que ia arrancar... Ele me disse então que foi ao quarto em que o Gregório estava preso e disse: "O[^], moleque safado, você não me disse e confessou!" "Ah, coronel, era impossível. Eles me pegaram num avião, decolaram com o avião, abriram a porta do avião, aquela terceira porta do avião, e disseram: 'Ou você confessa tudo, ou te jogamos lá embaixo!' Eu confessei tudo!"

L.H. - Quer dizer que já havia naquela época essa história de botar em avião e ameaçar jogar lá embaixo? [risos]

F.T. - Essa história do Burnier já tinha história, tinha antecedentes!

L.H. - Ele era desse grupo, o Burnier?

F.T. - Era. Apagado, ouviu? Apagado. Porque nessa época ele já era capitão. Era do grupo, sim, mas não era dos mais proeminentes, porque ele não era... O Burnier nunca foi um eduardista, e o fim dele foi justamente um choque com o Eduardo.

L.H. - Por conta do capitão Sérgio, não foi?

F.T. - Do Capitão Sérgio, em consequência daquele história do capitão Sérgio. Mas ele era um reacionário danado, com formação... Mas ainda não tinha muita... Eu não sei se ele servia no Rio na época, acho que andava por Natal. Mas não apareceu muito, não.

L.H. - O Getúlio estava muito impopular nesses últimos dias que antecederam a sua morte?

F.T. - Era uma campanha tremenda! Mas no dia em que ele morreu houve uma convulsão.

L.H. - Aí virou a mesa.

F.T. - Foi aí que o Lacerda, ainda com a perna engessada, foi levado para o Galeão. Foi levado para o Galeão até que...

L.H. - Estava ameaçado de morte, não é? Estava uma coisa!

F.T. - Exatamente. E por uma coincidência, até arranjam uma casa - parece que depois, no dia seguinte, o Lacerda foi para a casa do Hélio Costa, na Ilha do Governador -, ele dormiu no gabinete do Comando de Transporte, cujo estado-maior eu chefiava. E eu estava lá de prontidão. Então, eu estava assim na sala, ele ali esticado, com a perna engessada, e mandou chamar o Gustavo Borges. O Gustavo chegou, e acho que quando me viu ali já achou meio chato o que ia se passar, porque ele me conhecia. E o Lacerda disse: "Olhe, Gustavo, eu chamei você aqui porque você tem que fazer um trabalho. Vá procurar o Prado Kelly, vá procurar fulano, vá procurar o... O Eduardo, não, porque você não se dá muito com ele. E diga a esse pessoal que não podemos dar as eleições de outubro de 54." Tinha uma eleição marcada, tinha eleição à vista. "Não é por mim, eu me elejo tranqüilo, não há nenhum problema com a minha eleição. Mas a UDN vai sofrer uma derrota, porque vão explorar esse cadáver. Tem que fechar tudo!" Já propondo um estado de exceção.

L.H. - Que ele vinha pregando desde 52.

F.T. - Desde 52. Veja que a idéia... Aquilo eu ouvi, e o Gustavo dirá.

L.H. - Agora, que estranha figura esse Lacerda, não é? Porque apesar de ele ter pregado golpes a vida inteira, de um lado, tudo o que ele conseguiu na vida foi através do voto.

F.T. - Através do voto, tudo!

L.H. - Tudo! Ele foi vereador, foi deputado várias vezes, foi governador... Tudo o que ele conseguiu na vida foi através do voto.

F.T. - E era inteiramente contrário ao voto. Que o Getúlio fosse contra, muito bem, porque ele foi derrotado na eleição de 30. Mas ele, Lacerda, um vitorioso! Era o problema nacional.

L.H. - E bem votado, bem votado! Era o deputado mais votado, era o vereador mais votado! Era uma coisa terrível!

F.T. - Mas ele sabia que, nas condições em que se processavam as eleições naquela época, quer dizer, com aquela aliança do Getúlio com o populismo, ou o populismo com o PSD, ele não teria vez. A UDN não teria vez. A UDN se limitava a sucesso nos centros urbanos melhores, como na Guanabara.

L.H. - É , porque aqui o PSD praticamente não existia. Era o PTB e a UDN.

F.T. - O choque era entre o PTB e a UDN.

L.H. - Mas o senhor veja que coisa fantástica: ele conseguiu se eleger em 54, nessa crise terrível e tal, e em 58...

F.T. - Aliás, a UDN não teve mau resultado em 54.

L.H. - Não, teve muito bom resultado. Em 58, em pleno governo Juscelino, portanto em pleno governo de aliança entre o populismo e o PSD, ele conseguiu botar o Afonso Arinos de manga de camisa, fazendo o caminhão do povo, e derrotou o Lutero Vargas para senador aqui no Rio. O Afonso Arinos, que tinha feito carreira em Minas Gerais a vida inteira, veio pela primeira vez para a Guanabara e foi eleito senador! Não há nada mais incongruente do que o Afonso Arinos em manga de camisa no caminhão do povo, indo para subúrbio tomar café em botequim. E ele elegeu o Afonso Arinos senador! O Lacerda foi um homem que, a vida inteira, tudo o que ele conseguiu foi através do voto. E ao mesmo tempo, como uma espécie de esquizofrenia, pregava o fim do voto incessantemente. Era uma personalidade...

F.T. - Tenho a impressão de que, já no fim, quer dizer, às vésperas de 64, ele era candidato da UDN à presidência da República.

L.H. - Pelo voto!

F.T. - Seria candidato à presidência da República pelo voto. Houve até uma coisa engraçada: quando houve Aragarças, que foi aquela maluqueira de aviadores, no fim do governo do Juscelino, o Lacerda denunciou o movimento ao Lott. Eu soube disso. É verdade que ele só denunciou depois que os aviões já tinham decolado, mas denunciou. Denunciou. Ele era contra. Ele foi contra, porque achava que o Jânio - como ele tinha razão - se elegeria presidente da República. Eu acho que ele tinha muitas esperanças de se eleger em 65.

L.H. - Mas certamente, ele já era candidato. Houve inclusive uma convenção em Curitiba, se não me engano em 63 ou janeiro de 64, que não foi a grande convenção nacional ainda, mas da qual ele já saiu candidato. Quer dizer, ali havia um problema de disputa entre o Magalhães Pinto etc., mas eu acredito que se as coisas evoluíssem de uma forma normal, ele arrastaria a convenção nacional com ele.

F.T. - Arrastaria.

L.H. - Porque na convenção do Jânio, em que o Juraci estava completamente embandeirado para ser o candidato, o Lacerda conseguiu arrastar a convenção inteira para votar no Jânio! Eu acredito que o Lacerda sairia candidato!

F.T. - O Juraci era candidato do Lott.

L.H. - E do Juscelino.

F.T. - E do Juscelino também. O Juraci, quando o Lott assumiu uns dias o ministério, o que oportunamente eu contarei a vocês, porque foi uma fase muito interessante da Aeronáutica...

L.H. - Imagine o Lott no Ministério da Aeronáutica!

F.T. - Uma vez esse Epaminondas foi lá procurar o Lott, e eu assisti a conversa deles. Eu era chefe-de-gabinete do ministro da Aeronáutica, no caso, dele, que estava em exercício, e o Epaminondas queria que ele se candidatasse. Ele disse: "Não, não tenho jeito para isso," - aliás, muito sensatamente, porque não tinha mesmo - "vocês têm que escolher outro. O candidato é o Juraci." O que desanimou completamente o Epaminondas. [risos]

L.H. - Porque com o Juraci o Epaminondas nunca ia conseguir nada, não é?

F.T. - "Nós precisamos botar um homem que tenha experiência política. Eu não tenho. O homem ideal é o Juraci Magalhães!" Eu fiquei até admirado com aquela coisa do Lott.

[FINAL DA FITA 8-B]

L.H. - Brigadeiro, depois de termos conversado sobre os acontecimentos dramáticos que terminaram na morte do presidente Vargas, eu acho que nós poderíamos começar a discutir agora esse interregno entre a morte do presidente Vargas e a posse de Juscelino, até porque as coisas mudaram bastante nas forças armadas. Os ministros que assumiram as pastas militares e a Casa Militar no governo Café Filho não estavam propriamente identificados com a corrente mais nacionalista do Exército nem da Aeronáutica. Como isso se passou em termos de forças armadas?

F.T. - Não, muito pelo contrário. O governo Café Filho, excetuado o Lott - depois vamos tentar explicar por que o Lott foi escolhido -, colocou nas pastas ministros militares essencialmente políticos - políticos no sentido de uma política contra o nacionalismo, contra aqueles movimentos que até então tinham ocorrido dentro das forças armadas. Na Aeronáutica foi o Eduardo Gomes, que sistematicamente recusava o ministério, desde o tempo do Getúlio ele recusava, não queria ser ministro, e assumiu o Ministério da Aeronáutica. Na Marinha foi o Amorim do Vale, e na Casa Militar, o Juarez. No Ministério da Guerra, que era naturalmente a arma mais conturbada no sentido das divisões de cúpula etc, tenho a impressão de que havia a necessidade de colocar um homem não político, um militar profissional, um militar realmente de carreira respeitado ou responsável como tal. Escolheram o Lott.

L.H. - Mas o Lott tinha assinado o *Manifesto dos generais* pedindo a deposição de Getúlio.

F.T. - Tinha assinado, participou daquilo, o que os animou. Animou-os no sentido de que ele não seria um obstáculo às manobras políticas que se desenvolveriam dali em diante.

L.H. - Mas por que o Zenóbio, que era tão acusado de já estar manobrando nos últimos momentos do presidente Vargas para ser o ministro do Café, acabou levando essa "corona?"

F.T. - Eles usaram o Zenóbio. E o Zenóbio depois ficou indignado, porque ele foi colocado, com relação ao Exército, à cúpula militar, como nós. Ele foi encostado, se não me engano, na Inspetoria do Exército - uma maneira de encostar um general, era colocá-lo na Inspetoria.

L.H. - Quer dizer que ele ficou péssimo, porque os dois lados o recusaram.

F.T. - Recusaram. Até certo ponto isso é um problema sempre a se comprovar, mas eu realmente não tenho elementos -, na opinião do Nero, ele manobrou para continuar pelo menos como ministro da Guerra do Café Filho e, como era de se esperar, não foi aceito, porque ele era um homem de tradição getulista, de uma posição... Iniciou-se então uma administração da área militar essencialmente política. O nosso grupo foi dispensado ou encostado. Eu já era coronel na época, e ficava muito difícil fazer comigo o que faziam no Exército. Porque o Exército tem as comissões de recrutamento, as CRs, mas a Aeronáutica, não. Um coronel ou comanda uma base, ou é chefe de estado-maior de uma zona aérea fora do Rio, ou fica encostado no Rio.

L.H. - O senhor está querendo dizer o seguinte, que na Aeronáutica não há esses postos de punição, digamos assim?

F.T. - Para coronel. Para tenente... Eles não podiam me dar o comando de uma base, por exemplo, Belém, para me perseguir, porque eu, estando num comando, eles sempre teriam preocupação com a possibilidade de eu arregimentar gente. Então fiquei no Rio.

L.H. - Deixe-me entender isso um pouco. O Exército tem esses postos de punição, que eles chamam de postos de sacrifício, mas a gente sabe que às vezes é usado para punição. São postos de fronteira, são postos, em suma, longe dos centros mais efervescentes. Já na Aeronáutica, o senhor diz que mesmo que o mandassem para comandar Belém, o senhor estaria mandando Belém. Quer dizer, eu devo interpretar o seguinte: como a Aeronáutica é uma força aérea, mesmo no comando de uma base longínqua como Belém, o senhor poderia pegar um avião e vir para cá, era mais rápido. Já no Exército era complicado.

F.T. - Não, não é bem isso. O problema é o seguinte: um problema de posto, ouviu? Eu era coronel. E nesse posto, no Exército, há uma porção de funções insignificantes, sem comando de tropa, nas quais é possível se botar o oficial. Há uma porção de comissões nas capitais dos estados, são as CRs, negócio de recrutamento... O sujeito fica lá isolado, como ficou o Mamede. O Mamede foi para uma cidade - aliás eu o encontrei lá -, no interior de São Paulo, não sei se foi Bauru... Se não me engano, ele foi chefe do recrutamento de Bauru. Só o avião do Correio, quando passava ia por lá, encontrava o Mamede, e foi quando eu o encontrei. A estrutura da Aeronáutica não tem isso para coronel, tem para tenente.

L.H. - Porque não há comissões de recrutamento, essas coisas todas?

F.T. - Porque o coronel, ou comanda, ou vai para o recrutamento e fica encostado. Então eu tinha que ficar no Rio, encostado numa diretoria. E fui para a Inspetoria, que era exatamente a que menos contato tinha com as tropas, com militares.

L.H. - Qual é a função dessa Inspetoria?

F.T. - Inspeccionar as bases e unidades da Força Aérea; ela tem a obrigação de programar uma ou duas inspeções por ano. Eu então funcionei ali, o que até não foi mal, eu viajei muito e tal.

L.H. - E ficava no Rio?

F.T. - Ficava no Rio. Para mim tinha também essa vantagem.

I.F. - Essas nomeações eram feitas principalmente por ordem do ministro?

F.T. - Exclusivamente.

I.F. - O Lott parece que usou bastante isso. Foi diferente do Amorim?

F.T. - O Lott, nesse período... usou. usou. Transferiu... A figura do Lott era muito engraçada. O Lott era e é um anticomunista convicto, compreendeu. Um anticomunista convicto. Ele é muito católico, como todos nós sabemos, e era muito anticomunista. A evolução do Lott para a nossa área, que era muito acusada disso, é uma coisa muito interessante, porque ele continuou anticomunista, assumia o anticomunismo. Agora, a partir de um dado momento da sua vida militar, ele passou a não discriminar os comunistas, pelo contrário, usava! Ele deu comandos! Por exemplo, ao Henrique Oest, ele deu o comando de uma unidade de tropa. Comando! Não passava pela cabeça de um Amorim, de um Juarez, por exemplo, dar um comando de tropa do Henrique Oest, que foi deputado comunista, por sinal dos mais notórios.

L.H. - E diga-se de passagem, até na cabeça de muitos liberais não passaria dar um comando para o Henrique Oest.

F.T. - Tratariam muito bem. Por exemplo, o Cordeiro o trataria muito bem, daria muitos abraços, mas não confiaria a ele um comando de tropa com medo de um levante, de um 35, porque esse era o clima das forças armadas. O Lott, nesse primeiro período - eu não posso assegurar porque não acompanhei muito bem o problema do Exército -, deve ter exercido esse poder de discriminar ou de tirar do Rio. Talvez não tenha exercido. Na Aeronáutica, por exemplo, o Eduardo... É verdade que talvez o único que estivesse em um posto mais alto, de maior graduação, fosse eu, não é? A mim eles botaram na Inspetoria, onde fiquei até o 11 de Novembro.

L.H. - E o pessoal do Grupo de Caça, que era muito ligado ao Nero e portanto suspeito de getulismo?

F.T. - Ele não perseguiu. O Eduardo, no fundo, na Aeronáutica, fazia um esforço muito grande de domínio, de unanimidade em torno dele, ouviu? O Grupo de Caça, mais objetivamente do que os ideológicos - eu me colocando desse lado -, era muito unido, porque realmente aqueles 60, 80 oficiais que foram à guerra, sempre se mantiveram unidos. Eles se reúnem todo ano. Todo ano há uma reunião na casa do Nero, com bebedeira, comemorações, hip-hurra, para manterem-se unidos. O Eduardo

cultivava muito esse aspecto, porque para ele era importante não ter esse pessoal contra ele. Era importante.

L.H. - E o Eduardo me parece uma pessoa que se manteve sempre muito cioso da autonomia da Aeronáutica. Ele não deixava que os outros ministros militares interferissem na pasta dele.

F.T. - Ah, não. Mas ele interferia nas outras. [risos]

L.H. - Pois é, interferia nas outras, mas não deixava interferirem na sua. Isso de certa forma era bom para a Aeronáutica, porque ela podia, internamente, resolver os seus problemas.

F.T. - Era bom para a Aeronáutica. Agora, esse período foi um período de estruturação de forças, vamos dizer assim, porque eles já preparavam uma candidatura para dar continuidade ao governo do Café Filho, com os mesmos objetivos, e não permitir candidatos opostos. E se concentraram no Juarez, acabou sendo o Juarez o candidato. A eleição foi quando?

L.H. - Foi em 3 de outubro de 55.

F.T. - De 54, não?

L.H. - Não. Em 54 foram eleições gerais para deputado e senador em alguns estados.

F.T. - Exato, em outubro de 55, Juscelino tomou posse em 56. Então, a partir de 54 eles começaram... Juscelino lançou-se candidato cedo, ou candidato a candidato, vamos dizer assim, com o prestígio do governo de Minas. E a coisa começou a polarizar em torno de ser o Juscelino candidato ou não se permitir o Juscelino candidato. Do lado de lá havia muita dúvida na época, porque parece - segundo me contou e vocês devem saber melhor do que eu, porque já ouviram várias personalidades - que havia uma combinação, pelo menos uma combinação, se não um acordo, entre o Eduardo, o Juarez, o Cordeiro, a cúpula, de que não seria lançado um candidato militar. Tanto que o primeiro candidato foi o Etelvino Lins, da UDN.

L.H. - O que houve de muito concreto foi um documento assinado pelos três ministros militares e mais o Juarez de que nenhum dos quatro sairia candidato.

F.T. - Ah! Exato, exato! Você me lembrou, exatamente. Nenhum dos quatro seria candidato. Então a UDN lançou o Etelvino.

L.H. - Para dividir o PSD. Foi o Etelvino Lins, do PSD.

F.T. - Para dividir o PSD. E houve até uma pequena ameaça ao Juscelino, isso logo em janeiro de 55. Mas o Juscelino endureceu, resolveu ser candidato e acabou. Nós então formamos ao lado do Juscelino, defendendo o direito de sua candidatura e, posteriormente, o direito de posse.

L.H. - O que o senhor achava do Juscelino naquela época?

F.T. - Eu vim a ter, quando o Juscelino ainda era candidato, alguns contatos com ele. O Juscelino era, como depois se comprovou, um sujeito extremamente simpático! Tinha uma maneira de conversar com

uma pessoa que ele estava vendo pela primeira vez, ou pela segunda ou pela terceira, muito afetuosa. Por exemplo: a gente o encontrava, e ele nos levava para o seu quarto de dormir para conspirar. Com militares! Então sentava lá com aquele jeitão dele... Era muito simpático o Juscelino. Nós não tínhamos nenhuma pretensão, como depois vou mostrar a vocês, no governo Juscelino. Apenas queríamos que o Juarez fosse eleito. Achávamos que o Juarez, do nosso ponto de vista, não seria bom; o Juscelino seria melhor.

I.F. - E enquanto o Etelvino foi candidato?

F.T. - Enquanto o Etelvino foi candidato o problema não era grave, porque ele não teria condições de se eleger. Não teria condições de se eleger. Mas foi um período muito curto. A candidatura do Etelvino durou meses, porque o Juarez se lançou por outro partido, rompendo o tal acordo.

L.H. - Lançou-se pelo PDC.

F.T. - Pelo PDC. E o Etelvino viu que ia fazer um papelão se fosse candidato, ele, que era oriundo do PSD, aceitar uma candidatura da UDN para ser derrotado! Então saiu fora e ficou o Juarez contra o Juscelino. Era uma candidatura militar de um golpista, de um homem com uma tradição entreguista, vamos dizer assim, e autoritária, que não nos convinha de jeito nenhum. E nós estávamos no ostracismo, porque ele era o chefe da Casa Militar do outro, o governo era do outro. Então, realmente, trabalhamos.

L.H. - Por que o senhor diz que o Juarez tinha uma posição entreguista?

F.T. - Pelo problema do petróleo, não é? Ele foi o campeão da tese entreguista do petróleo. Porque para nós, militares - eu digo talvez para mim -, o problema do nacionalismo se resumiu no problema do petróleo. Por exemplo, a hiléia, eu achava também um absurdo, mas não me emocionava como o problema do petróleo. E eu participei muito diretamente, não é? Então o Juarez era um expoente. Como eu disse a vocês, eu fui um dos que fizeram parte da comissão que foi convidar o Juarez para iniciar o debate sobre o petróleo. Ele relutou muito, mas acabou aceitando e tomou uma posição inteiramente contrária à tese que nós esperávamos que ele defendesse. Então nós...

L.H. - Mas como foi essa história do Juarez? Ele era efetivamente um entreguista, ou era pouco brilhante e muito influenciável?

F.T. - Tenho a impressão de que o Juarez era um sujeito honesto. Essas minhas observações sobre o Juarez não chegam a lançar a menor dúvida de que ele era honesto. Agora, não era um iluminado, isso ele não era. Talvez fosse até um homem estudioso, atento àqueles problemas e tal. Ele foi convencido sinceramente de que a solução para o petróleo no Brasil era entregar à Standard, era a maneira de desenvolver o Brasil. Ele estava convencido disso e fez. A figura do Juarez é uma figura muito interessante. Como militar ele é um fracasso. Não estou analisando com uma opinião pessoal, de uma opinião de terceiros, mas pelo livro dele. Quer dizer, como militar participante de revoluções. Todas em que ele se meteu - está no livro dele - ele perdeu. Em São Paulo, quando acabou a revolução, e que foi a primeira em que ele se meteu, ele foi incumbido de fazer uma operação em Três Lagoas - não sei se vocês se recordam do livro dele. Chegou lá, foi um fracasso completo, teve que sair correndo, completamente derrotado. Os tenentes se retiraram de São Paulo, foram para o Paraná, e o Juarez foi incumbido de ir para o Rio Grande, levantar o Rio Grande - está no livro dele, eu não estou contando

nada. No Rio Grande, conta ele, o Prestes ficou incumbido de levantar uma área, onde havia aquele quartel, e ele a de Alegrete.

L.H. - São Luís.

F.T. - São Luís. E ele a de Alegrete, não sei o quê. O Prestes levantou, fez a Coluna. O Juarez, um mês depois de ação político-militar, asilou-se na Argentina, porque foi derrotado em todas as ações militares que fez. Muito bem. Em 30...

L.H. - Na Coluna diziam que o Juarez dava azar.

F.T. - Dava azar.

L.H. - E foi preso no Piauí.

F.T. - Foi preso de uma maneira muito suspeita. Dizem que a opinião do Prestes era muito desfavorável a ele; que o Prestes tinha muito medo da pouca honestidade do João Alberto e da burrice do Juarez.

[risos] Na época corria essa opinião. Na Coluna, inclusive, ele se deixou prender numa ação diversionista, deu até a impressão de que se entregou. Em 30, foram organizar a revolução no Nordeste; se não fosse o Agildo Barata, a revolução teria fracassado, porque o Juarez numa confusão que ele mesmo conta no livro, de um telegrama em que estaria de acordo ou contrário à revolução...

I.F. - Aquele negócio do horário.

F.T. - O negócio do horário. Ele se incumbiu de redigir o telegrama. Você se recorda do livro, não é? Ele mesmo diz: "Eu fui redigir..." E redigiu de tal maneira que o Osvaldo Aranha, em Porto Alegre, disse: "Está tudo bem, é o que ele quer." E estourou a revolução na mesma hora. Quando ele foi para Recife, já tinha chegado o telegrama dizendo que a revolução estava marcada a meia-noite, e já havia estourado às seis da tarde. Chegou o telegrama no quartel em que o Agildo servia - e ele era a chave da coisa -, tudo combinado para a meia-noite, estava o Agildo de serviço às sete horas: recebeu o telegrama, meteu-o no bolso e esperou a meia-noite. Se não fosse isso... Quando o Juarez foi para Recife, fracassou em Recife. Voltou às pressas, porque chegou em Recife pensando que seria à meia-noite, estourou, encontrou tudo já preparado, de prontidão. Saiu às pressas para João Pessoa, certo de que tudo estava perdido, chegou em João Pessoa, tudo vitorioso, porque o Agildo tinha salvo. Então ele é um homem que nas ações militares em que se empenhou, todas elas revolucionárias, teve muito pouco êxito. Nas ações políticas também nunca teve brilho, ao que me consta, pelo contrário. Um homem com prestígio, porque era um homem sério, mas nunca teve... O modelo de sua campanha política era irritante! Era socos na mesa, agressões a todo mundo, não era para ganhar. Foi como a do Lott, que repetiu o modelo cinco anos depois.

L.H. - Como candidato, parece que era um caixão. Era pesado que era uma loucura!

F.T. - Esse era o Juarez.

L.H. - É interessante, porque na trajetória do Juarez a gente vai encontrar mais de um episódio em que ele teria sido influenciado por alguém a tomar uma atitude. Porque o senhor veja o seguinte: primeiro,

ele chegou vitorioso da Revolução de 30; problemas de horário ou não problemas de horário, como a revolução venceu, ele chegou como "vice-rei do Norte." E não levou nada, nada. Um vago Ministério da Agricultura, onde ele fez esse Código de 34, e de onde logo depois ele saiu.

F.T. - Porque logo depois esse "vice-reinado" foi absorvido, e o Getúlio o contemplou com um ministério para...

L.H. - O sujeito chegou poderosíssimo! Poderoso! Título de "vice-rei!"

F.T. - Era o homem, o chefe do tenentismo na Revolução de 30.

L.H. - E não levou nada! Meteu-se numa confusão no Ceará por conta daqueles parentes da interventoria, não sei o quê e tal... Não levou nada! Ficou mais ou menos no ostracismo até uma certa época. Quando chegou no problema do petróleo, que o senhor mesmo nos contou...

F.T. - Ele estava encostado; era o subchefe do Estado-Maior, razão por que fomos procurá-lo. [risos] Estava encostado.

L.H. - Exatamente. Vocês foram procurá-lo pensando que, por sua trajetória anterior, ele iria tomar uma posição... e ele acabou tomando uma posição radicalmente contrária. Muito bem. Ele foi para a Escola Superior de Guerra substituir o Cordeiro, e foi sob seu comando na Escola Superior de Guerra que aqueles oficiais tipo Rodrigo Otávio, Newton Reis, Geisel, Golbery, não sei o quê, fizeram aquela reforma horrorosa e que se impôs a doutrina de segurança nacional. Sob o comando do Juarez. Depois ele foi para a Casa Militar do Café Filho e teve aquela posição na questão da energia nuclear, em que praticamente entregou tudo para os americanos, e tinha inclusive um parente trabalhando na embaixada americana. O senhor lembra disso? É muito estranho. Parece que ele foi usado o tempo todo, não é? Ele me dá a sensação de ter sido usado...

F.T. - A impressão que se fica é a de que ele é curto mesmo. Ele era fácil...

L.H. - De que ele era um boneco usado o tempo inteiro por um lado ou por outro, ou por intenções X, Y ou Z, honestas ou não. Enfim...

F.T. - É. Esse candidato nos assustou muito realmente ouviu? Então nessa época, fundou-se dentro da área militar o tal MMC.

L.H. - O Movimento Militar Constitucionalista?

F.T. - É, que já visava a posse do Juscelino, o direito à eleição e a posse do Juscelino. Esse movimento foi muito manipulado por aqueles dois irmãos Bittencourt, Alexínio e o Alberto. Manipularam muito aquilo, eram homens muito ativos. O Zenóbio envolveu-se muito porque servia na Inspetoria, estava encostado...

L.H. - Esse movimento era uma coisa espontânea que havia dentro do Exército?

F.T. - Não, era uma articulação.

L.H. - Mas ele se configurou como uma organização mesmo?

F.T. - Eu não diria que chegou a tanto. Era uma articulação. Eles tinham umas publicações meio clandestinas que divulgavam, denunciando as manobras não-constitucionais de não dar posse e tal. E formaram muito ao lado do Juscelino, se aproximaram do Juscelino. Mas eu não acho que o movimento em si tenha tido muito vulto nem muita importância, salvo algumas incursões que eles fizeram na cúpula militar - inclusive o Lott, através do Denys porque o Denys foi conversar com ele. Mas o 11 de Novembro, o combate à decisão de não dar posse, que foi o 11 de Novembro, foi sobretudo a participação do Lott. Nós, na Aeronáutica, acompanhávamos muito de perto isso. Eu estive várias vezes com o Alexínio e com o Alberto.

L.H. - O senhor participava desse movimento?

F.T. - Participava do movimento. Mas o negócio era mais do Exército. O nosso pessoal do Exército envolveu-se bastante, mas havia ligações na Marinha. Ainda outro dia um oficial de Marinha me contou que servia em Salvador, onde o Lúcio Meira era o comandante da base da Marinha, e que eles aderiram a esse movimento. O movimento ramificou-se, quem era pela legalidade constitucional formou nesse documento, e o documento ganhou um certo impulso na área militar. Mas a decisão foi a maneira como foi dado o golpe.

L.H. - Antes do golpe eu queria mencionar um fato com o senhor - não sei se o senhor tomou parte, se o movimento se envolveu muito nisso -, que foi o problema que assustou terrivelmente o PSD na questão da cédula oficial e da cédula única. O senhor se lembra bem que a cédula proposta pela UDN seria uma cédula impressa e distribuída pela Justiça Eleitoral, com os nomes dos quatro candidatos em ordem alternada, já impressos, para anular a vantagem que o PSD tinha de ter diretório sem todos os municípios do Brasil. E houve uma contraproposta do Alkmin - que realmente é a cara dele - de não ser a cédula oficial, mas uma cédula única, que seria impressa sob a orientação da Justiça Eleitoral. O projeto da cédula oficial da UDN era muito esperto, porque declarava que, para evitar a fraude, o voto de cabresto, e uma série de coisas, um certo número de cédulas seria impresso com o nome dos quatro candidatos numa ordem. Por exemplo: o Ademar, o Juscelino, o Juarez e o Plínio Salgado. Então se imprimia um milhão de cédulas. Em seguida se imprimia mais um milhão, porém com a ordem alternada, de modo que não se pudesse passar a ordem para os cabos eleitorais do interior, no seguinte gênero: "Vote no terceiro!" Ou: "Vote no seguinte!" Como uma boa parte do eleitorado era semianalfabetizado, se tentaria derrotar o PSD por aí.

F.T. - Facilitava, exato. Mesmo com a cédula única.

L.H. - A igreja apoiou essa cédula oficial, essa proposta da UDN e o Lott também, o que deixou o PSD de cabelos em pé.

F.T. - E foi aprovada na época!

L.H. - Não! Foi aprovado o projeto do Alkmin, que era exatamente a chamada cédula única, ou seja, todas as cédulas seriam impressas pela Justiça Eleitoral com o nome na mesma ordem, mas seriam distribuídas pelos partidos, porque não daria tempo de a Justiça Eleitoral distribuir para todo mundo. Seriam distribuídas pelos diretórios dos partidos. Nesse meio tempo a candidatura do Juscelino balançou muito, porque o Lott se manteve a favor da cédula oficial. Parece que houve uma conversa

entre o Alkmin e o Lott, em que o Lott se compromete a que, se o PSD adotasse esse tipo de cédula - não tão rigorosa quanto a da UDN, mas esse gênero de cédula - ele, Lott, pessoalmente, garantiria a posse do eleito. Quer dizer, houve algum movimento na área do MMC a respeito da discussão da cédula, alguma coisa?

F.T. - Não. Que eu participasse, não. Isso não houve. Eu não me lembro absolutamente, lembro apenas do fato político. É possível que eles tenham... Não sei. Eu acredito que o MMC não chegasse ao Lott. Ele chegou ao Zenóbio, que era membro atuante, deve ter chegado ao Denys, que nessa altura dos acontecimentos, com aquele aventureirismo dele, já devia estar muito embalçado.

L.H. - O Denys já era comandante do I Exército?

F.T. - O Denys já era comandante do I Exército, e o Lott era ministro.

L.H. - Foi uma dobradinha que ficou o governo do Juscelino todo.

F.T. - É, ficou o governo do Juscelino todo. Então, aí é que eu penso, chegaram ao Denys. É possível que o Denys tenha conversado com o Lott, com quem tinha intimidade. Isso eu não me lembro, só lembro do fato em si, da programação para a não-posse... Por exemplo, outra tese depois da eleição: havia a tese de não dar posse ao Juscelino sob a alegação de que ele não tinha tido a maioria absoluta, de que tinham que descontar os votos comunistas - isso os ministros militares, e no caso o Eduardo, sobretudo o Eduardo. Na Aeronáutica eles faziam muita campanha junto aos comandos para dar trânsito a essas teses e evitar a posse.

L.H. - Maioria absoluta e o desconto dos votos dos comunistas.

F.T. - Por exemplo: o brigadeiro Fleiuss - que nessa época, se não me engano, comandava a Escola da Aeronáutica, e que foi posteriormente ministro do Juscelino num sentido de pacificação da Aeronáutica - me contou que o Eduardo o procurou pessoalmente e tentou cantá-lo para que ele aderisse à tese da maioria absoluta. E ele recusou, disse que aquilo não podia ser, que a Constituição não tratava do assunto e tal. O Amorim do Vale também, compreendeu? E o Lott! Aí eles passaram a exercer uma certa pressão sobre o Lott. Foi quando houve o incidente da morte do Canrobert, o discurso do Mamede no cemitério...

L.H. - O incidente começou antes. O incidente começou, a rigor, antes da eleição. Porque no dia 5 de agosto de 55 houve uma cerimônia no Clube da Aeronáutica, uma homenagem em comemoração a um ano de morte do major Vaz, em que o Canrobert fez um discurso muito violento. Dizem que o discurso do Mamede foi praticamente o mesmo discurso do Canrobert.

F.T. - Realmente isso é verdade.

L.H. - O senhor esteve nessa solenidade?

F.T. - Eu não me lembro se fui. Não devo ter ido. Mas tive conhecimento do discurso do Canrobert, da violência do discurso. Mas a partir desse momento, a doença do Canrobert se agravou muito. Foi talvez o azar deles. Ele, que era até uma liderança, adoeceu mais gravemente e afinal morreu, meses depois.

L.H. - Ah, sim. O enterro foi em 1º. de Novembro.

F.T. - É , 1º. de novembro, a morte dele. Ele já foi muito doente para esse discurso no Clube da Aeronáutica.

L.H. - É verdade, a gente ouviu essa história, que ele já estava num processo final. Ele morreu de quê?

F.T. - De câncer. Um processo que já se acelerou. Ele ali já estava condenado. Morreu.

[FINAL DA FITA 9-A]

L.H. - Então o Mamede servia na Escola Superior de Guerra, que era subordinada ao EMFA, e o chefe do EMFA tinha sido o Canrobert. O Canrobert era também presidente do Clube Militar?

F.T. - Presidente do Clube Militar. Quando o Canrobert morreu, assumiu o EMFA o comandante da Escola Superior de Guerra, que era o Gervásio Duncan Rodrigues, um brigadeiro. Assumiu o EMFA interinamente, era nessa condição que ele estava lá.

L.H. - E que história foi essa? O que se alega muito é que, como o Mamede estava subordinado ao EMFA, ele só poderia ser punido pelo presidente da República.

F.T. - Porque o EMFA, naquela época era diretamente subordinado ao presidente. Hoje é até um ministério.

L.H. - Hoje é ministro-chefe do EMFA.

F.T. - É, o chefe do EMFA é ministro. Naquela época ele era subordinado ao presidente da República, portanto não estava na escala hierárquica de punição do ministro da Guerra, nem do da Aeronáutica, nem do da Marinha. Então ele pediu que o Mamede passasse para o Ministério da Guerra, quer dizer, ele seria exonerado como instrutor da Escola Superior de Guerra para ser punido. E isso foi negado. Foi negado justamente no dia 10, 10 para 11 de novembro.

L.H. - Porque ele pediu imediatamente, o Café ficou doente...

F.T. - Ele pediu, o Café ficou doente, e assumiu o Carlos Luz, que cometeu o equívoco de deixar o Lott na sala de espera durante três horas para lhe comunicar que não dava. E já estava ali presente para assumir o Ministério da Guerra o Fiúza de Castro.

L.H. - Exatamente, o Fiúza já estava convidado para assumir o Ministério da Guerra.

F.T. - Já estava convidado para assumir o Ministério da Guerra e presente lá no palácio. Mas o Lott exonerou-se, exonerou-se ali - e a gente ouvindo isso tudo pelo rádio -, e o Luz, ou o Fiúza, queria que ele passasse o ministério também ali. Ele disse: "Não. Eu tenho que fazer a ordem do dia" - com um certo formalismo, que era muito próprio dele. E foi para casa. Mas todo mundo soube daquilo, porque o rádio acompanhava.

L.H. - Quer dizer que ele aceitou mesmo se exonerar?

F.T. - Há duas versões sobre a hipótese: que ele aceitou, ele aceitou, isso ele mesmo disse, mas que não passou o cargo ali porque não admitia passar sem aquele formalismo, sem o ritual - esta é a versão do Lott, que ele até está escrevendo. Ele então foi para casa, ficou pensando, ficou pensando, e acabou achando que aquilo era humilhação, porque os males que iam acontecer ao país... Outra versão: o MMC, os generais do MMC, o Zenóbio e vários outros militares da ativa da Aeronáutica - alguns me contaram esse fato - foram ao Denys, e o Denys ligou para o Lott.

L.H. - Porque dizem as más línguas inclusive que o Lott estava indo dormir - ele morava vizinho do Denys -, viu luz na casa do Denys e telefonou para ele para saber o que estava acontecendo. [risos] E os irmãos Bittencourt já estavam na casa do Denys.

F.T. - Já estavam na casa do Denys. E o Denys disse: "Não, você não pode aceitar essa coisa e tal." Alguns dizem que foi o Lott que ligou e convidou o Denys para tomar as providências, que ele ia assumir. Uma versão desse militar que estava lá presente é de que o Denys ligou e o Lott negou, dizendo: "Não, não vou fazer isso, é contra todos os meus princípios. Amanhã eu passo o ministério." E o Denys desanimou. Foi aí que o Lott viu a luz lá na casa do Denys e se arrependeu, ligou de volta e concordou.

Então houve o 11 de Novembro, que foi, como todo mundo sabe, tranqüilo. Na Aeronáutica, menos tranqüilo, porque o ministro era o Eduardo; na Marinha, mais tranqüilo, porque o ministro da Marinha resolveu embarcar no *Tamandaré* e ir para Santos, não aceitar o 11 de Novembro. O Eduardo resolveu pegar todos os aviões disponíveis e todos os que quisessem acompanhá-lo e foi para São Paulo ao encontro do *Tamandaré*, que iria, via Santos, encontra-lo lá. Aqui houve um fato: realmente todos os golpistas comprometidos, altamente comprometidos. O Eduardo embarcou nos aviões aqui; alguns no Santos Dumont e alguns no Galeão. Ele os embarcou aqui porque saiu do ministério e foi para lá.

Houve um fato que eu quero mencionar, porque é um fato interessante em alguns aspectos. Veja o quadro militar na época: o Délio comandava o 2º Grupo de Transportes, que era um grupo sediado na base do Galeão, subordinado ao Comando de Transporte, e antes de embarcar ele reuniu todos os sargentos do grupo, botou-os em forma e fez uma falação que ia embarcar para São Paulo por isso, por aquilo e tal, e o embarque era totalmente voluntário, mas os sargentos que quisessem acompanhá-lo... Ele fazia uma política pronunciada de sargentos, ouviu? Ele não era comunista não, mas fazia.

L.H. - Ah! Ele trabalhava os sargentos?

F.T. - Trabalhava os sargentos de uma maneira escandalosa, visível! Colocou isso, nenhum deu um passo à frente. Nenhum! Ele mesmo disse que foi a maior decepção da sua vida, porque ele era um homem que trabalhava com afinco aquela área dos sargentos e não teve apoio nenhum. Mas então eles embarcaram para São Paulo e foram procurar o Jânio Quadros, que era o governador do estado, com a idéia de resistir ao 11 de Novembro. Foram o Duncan, o Eduardo, e lá estavam um parente do Juarez, que comandava a Infantaria Divisionária, o general Tasso Tinoco e o Honorato Pradel, que era o comandante da Brigada Militar de São Paulo. Essa história me foi contada pelo secretário-assistente do Duncan na época, coronel Armando Serra de Meneses, que depois foi a brigadeiro. Então o Jânio recebeu, reuniram-se à mesa, ele à cabeceira, e disse com aquela voz característica: "Vamos dar um balanço de forças. Do que dispomos aqui?" Ah! O Eduardo levou para São Paulo todo o Grupo de

Caça. E comandava o Grupo de Caça um oficial que depois foi ajudante-de-ordens do Juscelino, o Goulart, um homem que esteve na guerra, um homem do Grupo de Caça. E o Goulart explica que foi para manter a unidade do grupo, que o grupo na época não era composto só de militar que tivesse estado na guerra, já tinha muitos outros novos etc. Então, para não quebrar a unidade, ele foi, mas disse que não faria nenhuma ação militar. Então o Jânio Quadros reuniu esses quatro personagens e começou : "Brigadeiro Gervásio Duncan?" "Bom, eu sou do EMFA, não tenho tropa." "Eduardo?" "Bom, eu trouxe a aviação. Está aí o Grupo de Caça," - não sei se o Eduardo imaginava que talvez não cumprissem - "mas eu quero dizer ao senhor que eu acho a aviação de guerra, como é o caso do Grupo de Caça que está aqui comigo, inteiramente inadequada para essas revoluções internas, porque ela atira, mata gente, é muito violenta." "Então não tem nada." Passou para o general Tasso Tinoco, que era cunhado ou concunhado do Juarez, e ele disse: "Eu comando a Infantaria Divisionária, mas acontece que o comandante do Exército" - já era Exército nessa época - "estava no Rio, aderiu ao Lott, está vindo por aí e todo o mundo está aderindo a ele. De forma que eu estou achando que também não vou contar com tropa nenhuma." O Pradel: "Mas, governador, eu tenho aqui a Brigada, a Força Pública!" "Não, general, isso é do estado. Meus senhores, como estão vendo, nós não temos nada! "Abriu a gaveta, puxou a Constituição e disse: "Vamos cumprir a Constituição." E nada feito, o negócio morreu ali.

Aí o Eduardo pegou um avião e foi para Santos, onde a essa altura o *Tamandaré* já estava chegando, ou estava para chegar. Foi para Santos e levou com ele nessa viagem um rapaz que era um gorila danado, um oficial especialista da Aeronáutica, não sei o quê Alvim, que era filho do general comandante militar da guarnição de Santos, o Hugo Panasco Alvim. Segundo a conversa dele, o pai estava comprometido com o golpe de não dar posse.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

L.H. - Quer dizer então que o Eduardo foi para Santos com o filho do Panasco Alvim?

F.T. - Com o filho do Panasco Alvim, capitão da Aeronáutica. E o filho ligou para o pai, o Panasco Alvim, e conta esse informante, que ainda é o mesmo, o Armando Menezes, que foi uma conversa dramática, o filho cobrando os compromissos do pai, e este: "Mas, meu filho, está tudo perdido! Todo mundo aderiu!" "Mas meu pai, pá, pá, pá, pá..." Acabou que o pai o desiludiu e não honrou os compromissos, se é que os tinha, eu não sei. Então o Eduardo, que é um homem que sistematicamente, tal como o Lott, - às nove, dez horas está na cama -, passou a noite em claro, andando de um lado para outro naquele corredor. No dia seguinte de manhã pegou o avião, voltou para São Paulo e deu ordem de regresso ao Rio.

L.H. - E o *Tamandaré*, a essa altura?

F.T. - O *Tamandaré*... Eu acho que ele não entrou em Santos, voltou e se entregaram aqui.

L.H. - E o senhor nessa história toda? Como soube disso tudo?

F.T. - Eu acompanhei o problema pelo rádio, e tinha outras informações. Então, quando o Lott deixou o palácio demitido do ministério, nós, um grupo grande da Aeronáutica, fomos para a casa do Vasco Alves Seco, que era em Copacabana, no Posto Seis. E dali decidimos ir para o Ministério da Guerra - porque a Aeronáutica estava na mão do Eduardo - e fomos para lá. Isso foi o que causou o ódio deles, [risos] dos gorilas da Aeronáutica, contra nós; foi o fato de termos ido para o Ministério da Guerra.

Mas se nós nos apresentássemos no Ministério da Aeronáutica estaríamos presos. Então a maneira de cooperar foi ir para o Ministério da Guerra. E dali constituímos um grupo de trabalho e acompanhamos - porque o problema do 11 de Novembro teve uma repercussão, uma recepção muito grande no Exército. Basta dizer que eu só vi presos lá, que me recorde, dois oficiais: o Tubino e o Meneses Cortes. Foram os dois únicos que realmente estavam na tropa, aqui ou em algum lugar, e resistiram, não toparam o 11 de Novembro.

L.H. - Mas não teve mais gente que o Lott mandou prender, assim como uma prisão preventiva?

F.T. - Parece que em casa.

L.H. - Mandou prender o Cacau...

F.T. - E um general, não é?

L.H. - O Etchegoyen, o pai e o filho.

I.F. - Gente moça como o Leo, o Etchegoyen, eu sei que foi presa. Não sei esses de postos mais elevados, mas tenho certeza de que gente moça, capitão, muita gente foi presa. Sei do Leo Etchegoyen e do Rubens Malder, que inclusive depois foi transferido para Cruz Alta.

L.H. - O Fiúza foi preso em casa. O Etchegoyen, o velho chamava-se Alcides, não? Já estava doente, inclusive, e chegou lá acompanhado do Leo, se não me engano.

F.T. - Era o Alcides; ele foi preso em casa. E o Leo podia ser coronel.

I.F. - O Alacid Nunes também foi preso.

L.H. - Eu sei que chegaram ao gabinete do Lott esses generais mais graduados, que nem sei se estavam em comando de tropa, mas foram presos em casa.

F.T. - Foram presos em casa. Ao gabinete do Lott chegou uma meia-dúzia. O Fiúza era da reserva, o Alcides Etchegoyen, acho que também já era da reserva. É, houve umas prisões domiciliares.

L.H. - Agora, havia políticos dentro do Ministério da Guerra?

F.T. - Havia muito movimento lá: Flores da Cunha, Nereu Ramos... Flores da Cunha, sobretudo, que era deputado.

L.H. - E estava exercendo a presidência da Câmara.

F.T. - Ele era presidente da Câmara. Houve aquela movimentação, porque nós não... Nós ficamos na tal Inspetoria, que era no primeiro andar.

L.H. - O Alkmin andou por lá?

F.T. - Que eu visse, não. Mas deve ter andado, ouviu? Deve ter andado. Mas a nossa preocupação era com a Aeronáutica, porque no dia 11 de Novembro os aviões começaram a decolar. Foi no dia 11 de Novembro que eles decolaram, foi quando o *Tamandaré* saiu barra afora e tal. E nós víamos que se colasse essa reação em São Paulo, esse retardo em tomar medidas militares aqui no Rio poderia criar uma situação de guerra civil desvantajosa para nós, porque pelo menos inicialmente eles já começavam com a aviação, o Grupo de Caça etc. Então nós começamos a fazer uma certa pressão sobre o Denys, que era o nosso intermediário e quem estava comandando, para ocupar bases aéreas aqui no Rio, inclusive a de caça, sobretudo a de caça, para evitar o que aconteceu. Mas estava um dia chuvoso de mau tempo, parece que estava um dia chuvoso, não me lembro bem, embora não tenha sido esse o fato; o fato foi que retardaram muito essas operações. Aqui, por exemplo, era o Fontenele que comandava a III Zona; eles custaram, negociaram, mas a III Zona não era importante. Em Santa Cruz o general incumbido da operação de ocupar a base foi o Sucupira, porque tinha que ser o Exército, nós não tínhamos tropa. E o Sucupira retardou, os aviões decolaram, acabaram decolando todos, e o Sucupira nada. Até que o Lott o substituiu por um outro e então ocupou a base.

L.H. - Parece que o Lott agiu com muita rapidez, não?

F.T. - Com a maior rapidez possível.

L.H. - Ele entrou em contato com bases no Brasil inteiro?

F.T. - Com todas, no Brasil inteiro. Esperou a adesão de todos os generais. O Olímpio Falconière que era o comandante do II Exército, em São Paulo, estava aqui no Rio. Ele deslocou-se na mesma noite e foi pegando tropa por aí, em Taubaté, Pindamonhangaba, não sei o quê, e as tropas foram aderindo. Então foi um movimento tranquilo, acabou-se. A nossa participação foi realmente muito pequena. No dia 12 nós fomos com o Seco para o Ministério da Aeronáutica. Como eu não era pessoalmente amigo do Seco, acompanhei-o apenas porque ele era o mais graduado da coisa. Até me lembro que saí do Ministério da Guerra no dia 12 à tardinha e disse: "Bom, qualquer coisa, eu estou no *Correio da Manhã*." Fui lá para bater papo, falar com o Paulo, aquela coisa, porque o *Correio* era um centro de notícias, não é? Aí me chamaram com a seguinte tarefa: eu devia ir ocupar o Galeão, porque os comandantes do Comando e da Base Aérea já tinham se entregado, não havia mais reação nenhuma, o Eduardo já tinha voltado... Não! O Eduardo voltou dia 13.

L.H. - O senhor ficou sabendo de um possível ataque que haveria a Pernambuco? Porque quem estava no governo de Pernambuco, já empossado, era o Cordeiro. E o Cordeiro se preparou inclusive para... A Ignez até conhece essa história, evidentemente, melhor do que eu.

I.F. - Parece que o Lott avisou que iria fazer uma intervenção militar em Pernambuco, e o Cordeiro reagiu, disse que não saía do Palácio de jeito nenhum. Então ficaram francamente armados e preparados, de prontidão dentro do palácio até o dia da posse do Juscelino. Ele ficou lá com um bando de gente armada, não ia dar em nada, mas a situação ficou preta, porque o Lott ameaçou intervir em Pernambuco e tirar o Cordeiro do governo. Ficou um boato e eles preparados. Eu me lembro que nesse meio tempo houve a formatura do Osvaldinho, meio marido, filho do Cordeiro, e o Cordeiro não veio. Ele só saiu de Pernambuco depois que o Juscelino tomou posse.

F.T. - Eu não soube, não. Pelo menos detalhes...

I.F. - O Cordeiro passou um telegrama para o Carlos Luz, colocando Pernambuco à disposição para qualquer coisa que precisasse. Parece que esse telegrama não chegou às mãos do Carlos Luz. Depois ele passou um telegrama para o Nereu, dizendo que o estado de Pernambuco estava à disposição do pessoal do *Tamandaré*, e foi então que o Lott ameaçou tirá-lo do governo.

F.T. - Isso deve ser verdade, porque você conhece o detalhe bem.

I.F. - O Cordeiro escreveu cartas, fez declarações públicas no governo.

F.T. - O Lott era um teimoso. Eu acredito que talvez tenha passado pela cabeça dele, que ele tenha até feito isso com o Cordeiro. Mas ação ele não pretendia fazer, senão teria feito, teria feito. Não sei o desfecho, seria talvez trágico para todo mundo, mas não acredito que se estivesse no plano dele. Talvez ele tenha sido desiludido por alguém que corrigiu seu impulso.

L.H. - E com a coisa toda acalmando afinal.

F.T. - Acalmando, tudo acalmou, porque praticamente não houve quebra da legalidade. A não ser com relação ao Café Filho e à tentativa, a operação para ele reassumir.

L.H. - Ah, sim, do dia 21, que foi muito pior do que o dia 11.

F.T. - Foi pior que o dia 11. Dizem que foi o Lott que fez a operação, porque o Nereu não quis assumir a responsabilidade. "Se ele aparece no palácio, eu passo..." O Nereu disse isso, então o Lott deu a ordem para prendê-lo em casa, para não deixá-lo sair. O Nereu era um político, ele não podia se envolver numa coisa que tomasse rumos que não fossem os... Ele queria ser presidente.

L.H. - E não era a favor do Juscelino.

F.T. - Não era a favor, foi contra.

L.H. - Foi dissidente. E o estado de sítio? Porque imediatamente os ministros militares pediram o estado de sítio, que foi decretado pela Câmara e depois renovado. Houve inclusive um problema com o Nereu, porque ele queria o apoio do Juscelino para o estado de sítio. O Juscelino, imagine! O Juscelino estava na Europa nisso tudo e não mandou telegrama apoiando o estado de sítio.

F.T. - Mas houve o estado de sítio, o Congresso votou.

L.H. - Votou o estado de sítio por 30 dias, foi renovado e só foi revogado na posse do Juscelino. Qual a relação entre o MMC e aquele movimento da "frente de novembro" que se criou depois? É o mesmo que se transformou?

F.T. - "Frente de Novembro?" Quem era...?

L.H. - Criou-se depois um movimento chamado "frente de novembro".

F.T. - Acho que isso foi coisa daquele maluco, como se chamava?

L.H. - A única pessoa que eu consigo me lembrar é o Nemo Canabarro Lucas.

F.T. - O Nemo, exatamente. Não, não tem nada uma coisa com outra. Foi coisa do Nemo, não progrediu. O MMC dissolveu-se porque o Lott, inclusive, não deixaria existir um movimento militar sendo ele ministro da Guerra. Então dissolveu-se. Um dos Bittencourt, o Alberto, se não me engano, acompanhou o Juscelino nessa viagem que ele fez a Europa, e o outro ficou aqui. Aí, militarmente, a coisa acalmou-se. Na Aeronáutica acalmou: o Eduardo voltou, não foi preso; não houve prisões na aeronáutica - que eu me recordo, não houve prisões.

Mas então fui ao Galeão, como estava dizendo a você, e assumi o Comando do Galeão. Posteriormente nomearam um comandante para o Transporte, um comandante para a Base, e eu fiquei como chefe do estado-maior. Voltei a chefiar o estado-maior do Comta.

L.H. - E quem era o comandante?

F.T. - O comandante era o brigadeiro Antônio Barcelos, que tinha muita ligação... Aí já era bom, outra coisa e tal. Mas, então, isso ocorreu, consolidou-se o problema, e o Juscelino, uns dias antes de tomar posse, pediu uma reunião com os coronéis e tenentes-coronéis da Aeronáutica que tinham participado a seu favor, em suma, que ele sabia que estavam do seu lado - naturalmente fez conversas idênticas pelo menos no Exército -, e queria que nós indicássemos o ministro. Ele disse: "Eu queria que vocês indicassem o ministro." Então nós explicamos que o problema do ministro era sua escolha, que concordávamos com qualquer um que ele escolhesse, porque ele não ia escolher um ministro contra ele, mas achávamos que o que estava, que era o Alves Seco, se não era o ideal, resolvia o problema. Agora, o que nós queríamos era que um daquele grupo fosse designado para a subchefia da Casa Militar da Aeronáutica.

L.H. - Porque na Casa Militar o chefe é sempre um do Exército?

F.T. - O chefe é do Exército. Agora, tem três subchefes: um da Marinha, um do Exército e um da Aeronáutica.

L.H. - O Exército fica com dois, então? Fica com o chefe e com um dos subchefes?

F.T. - Sim. E cada subchefia dessas tem os seus auxiliares, comporta uma meia dúzia de oficiais, uma coisa assim. Mas nós queríamos o subchefe da Casa Militar, porque sabíamos que o ministro ia ser um problema político do Juscelino, e uma assistência mais próxima do Juscelino através dessa subchefia era mais importante.

L.H. - Sendo que o Gabinete Militar tem também o problema do Conselho de Segurança, não é?

F.T. - Tem o Conselho de Segurança, porque o chefe da Casa Militar é o secretário do Conselho de Segurança Nacional. Então ele aceitou, e acho até que gostou muito do desprendimento da turma. Se já fôssemos com o nome do ministro ou coisa que o valha, talvez ele até nem nomeasse. Então colocamos o Lino, meu irmão, que era tenente-coronel, como subchefe. O lugar era de coronel, mas ele nomeou o Lino.

L.H. - Mas nomeou enquanto tenente-coronel? Não promoveu?

F.T. - Não, não promoveu, nomeou como tenente-coronel. É comum o sujeito exercer a função de um posto acima. E ele ficou lá, o que para nós foi muito bom, porque o Lino tem um temperamento... Ele é muito dado. Ignez, aliás, ele conheceu muito o seu sogro, o Cordeiro de Farias, lá em Buenos Aires, serviram juntos; o Lino era adjunto do adido da Aeronáutica, e o Cordeiro era adido militar. E o Cordeiro fez muita amizade com ele.

I.F. - A minha sogra me disse que gostou muito do Lino, que eram muito amigos.

F.T. - Ficaram muito amigos. Então o Lino foi para a Casa Militar e firmou-se na posição. O Juscelino deu a ele destaque, negócio de estradas de rodagem, tudo era com ele! Tinha muito prestígio junto ao Juscelino, o que nos salvou no período logo imediato à posse do Juscelino, porque em seguida houve Jacareacanga. O Veloso fez...

L.H. - Quem foi o primeiro ministro da Aeronáutica que Juscelino nomeou?

F.T. - O próprio Vasco Alves Seco, que já era do Nereu, continuou com ele; o Lott continuou, e o da Marinha continuou, o Antônio Alves Câmara Júnior. O Alves Câmara continuou até morrer, e foi substituído pelo Matoso Maia. O subchefe da Casa Militar da Marinha; era o Bardy, um oficial de Marinha, capitão-de-mar-e-guerra da Marinha; e o do Exército era o Orlando Ramagem, que foi subchefe do Exército quando o Nelson de Melo era chefe da Casa Militar.

L.H. - Foi ele que mais tarde andou pelo Nordeste fazendo aquele relatório Ramagem sobre corrupção no DNOCS?

F.T. - Exatamente. E depois, em 64, ele já era general-de-divisão, comandava Belém ou Amazonas, e teve uma posição meio... Ficou com 64. Também não o culpo, ainda sou muito amigo dele.

Juscelino tomou posse em fins de janeiro, 31 de janeiro, e dez dias depois o Veloso arrebitou o negócio em Jacareacanga.

L.H. - Quem era esse Veloso que ainda não tinha aparecido na nossa conversa?

F.T. - O Haroldo Veloso era um oficial benquista, foi do gabinete do Nero Moura. Era uma figura um pouco estranha, um homem inteiramente voltado para negócio de índio, de mata, de Cachimbo, de Jacareacanga... Era muito relacionado lá, era dedicado, especialista nesse problema.

L.H. - Ele servia aqui no Rio?

F.T. - Servia aqui no Rio, mas viajava, vivia no interior. Quando o Eduardo assumiu o ministério, o Veloso não era politizado, não tinha nenhuma participação política, ao contrário do Borges, do Lameirão e dos outros. Não tinha nenhuma atuação política. No problema do Getúlio ele foi discreto, não teve...

L.H. - Ele está fazendo a estréia na conversa agora, não é?

F.T. - Exatamente. Eu acredito que o Veloso, sem nenhuma outra ligação militar... Talvez na Aeronáutica, aquele clima do 11 de Novembro... O fato é que inesperadamente ele revoltou Jacareacanga, uma cidadezinha lá no fim do mundo e tal.

L.H. - Mas o que deu nele?

F.T. - Quem sabe? Eu acho que ele era meio maluco. Ele acabou deputado federal, já depois de 64, e com uma posição boa, nacionalista. Hoje morreu, deram um tiro nele, perdeu uma perna...

[FINAL DA FITA 9-B]

L.H. - Mas ele levou alguns oficiais com ele?

F.T. - Não, não levou nenhum oficial. Não! Um aderiu, o Paulo Vítor: tomou um avião, foi para lá e aderiu ao Veloso. Os homens dele eram um sargento e um daqueles mateiros, um tal Cazuzo, que acabou morrendo lá. Eram esses os homens dele. Ele teve a idéia de levantar aquilo esperando adesões, suponho eu, e se não teve adesões práticas, militares, teve solidariedade, muita solidariedade, sobretudo na Aeronáutica. Porque a Aeronáutica, nessa época logo em seguida à posse do Juscelino, tinha horror ao Juscelino e horror ao Exército! Havia oficiais da Aeronáutica que não podiam ver o verde-oliva, sentiam-se mal, porque achavam que tinha sido uma traição do Exército aquela coisa toda, atacando a Aeronáutica...

Então o Veloso fez esse movimento, e foi até num dia de carnaval. Eu estava num carnaval, quando foram me chamar, e lá fui eu para o gabinete do ministro. O ministro era o Seco, estava fora, tinha ido passar o carnaval numa estação de águas. Chamou-se o ministro, e começamos a tomar as providências ali mesmo no gabinete. O Juscelino, atento ao problema, chateadíssimo porque, além de cortarem seu carnaval,[risos] uma demonstração de hostilidade militar em menos de um mês era uma coisa desagradável. O comandante da Zona Aérea em Belém era o brigadeiro Alves Cabral, mineiro, muito amigo do Juscelino. Então ele se incumbiu de organizar uma expedição contra o Veloso num navio, foi até Santarém, mas a coisa não andava, porque a Aeronáutica não tinha tropas em condições e aquilo era longe pra burro! Então demorou uns dois, três dias... o Seco voltou, assumiu a coisa, e o Cabral, para mostrar serviço ou sei lá por que diabo foi, pediu os pára-quedistas. Era a única maneira de acabar com aquilo, porque lá era um lugar inacessível a navio. Então o Cabral ia com o navio e a tropa de que dispunha, que era relativamente pequena. Mas não precisava de tropa, porque o Veloso estava sozinho, pois a essa altura não tinha havido adesão nenhuma. Então o Cabral pediu ao Juscelino pessoalmente, e o Juscelino se entendeu com o Seco e com o Lott...

L.H. - Tinha que ser uma operação combinada, porque a tropa de pára-quedistas é do Exército, não é?

F.T. - É do Exército, e tinha que ser transportada e jogada no teatro de operações por nós, exercício que se fazia muito habitualmente aqui - há um grupo especial a serviço dos pára-quedistas para treinar os saltos etc. Mas eu fui contra, achava preferível demorar mais uma semana, porque aquilo se liquidaria por si só. Eu sabia o clima na Aeronáutica e sabia a exploração que se faria em torno do problema de levar os pára-quedistas, podendo inclusive ampliar Jacareacanga ou desencadear uma rebelião aqui.

L.H. - Como reação?

F.T. - Como reação. Porque os pára-quedistas têm uma fama muito... Não é ruim, não, mas eles tem uma fama de eficiência militar, de violência muito grande, saltam, pulam, aqueles boinas não o quê... Então o Seco mandou a ordem e eu tomei as providências: são tantos aviões, vão visitar tal lugar...

Essa operação sairia da base dos Afonsos. Eu até disse: "Bom, eu vou com os aviões levando a tropa e vou dormir lá nos Afonsos" - que era um reduto inimigo.

L.H. - Quem oferecia os aviões era o Comando de Transporte?

F.T. - Era o Comando de Transporte, cujo estado-maior eu chefiava. Eu digo: "Não, eu vou." - como fui na segunda... Mas antes de ir para a base dos Afonsos, passei no gabinete do Seco e disse: "Brigadeiro, eu venho aqui fazer um apelo para que isso não seja feito, isso é péssimo!" Ele disse: "Mas não é erro meu, é o Lott. O Lott está com a tropa pronta!" Eu digo: "Mas o Lott? A guerra é da Aeronáutica!" E ele: "Mas o Lott e tal..." Eu disse: "O senhor dá licença de eu ligar para o marechal Lott?" Ele respondeu: "Está bem." Liguei e falei com o Lott, que disse: "Não, eu não faço questão nenhuma disso. Apenas me pediram a tropa, eu dei a tropa." "Mas então é isso? O senhor não?..." "Não, de maneira nenhuma. O Seco ligou para você?" E cancelaram a operação.

L.H. - O senhor disse que a base dos Afonsos estava na mão do inimigo. Quem comandava os Afonsos nessa época?

F.T. - Era o Ivo Gastaldoni quem comandava, uma figura muito apagada, mas que fazia um jogo duplo: fazia o nosso jogo, mas era deles. Mas tinha um grupo, que não se tinha podido dissolver ainda, um grupo seríssimo, que era o centro do Eduardo, do Délio. Então fui dormir lá, mas não disse que não ia... O clima ali era assim um clima de me esgoelar. Quando foi de manhã, eu disse: "Está cancelada a coisa." Senti um alívio naquela turma! Eu passei a ser um... Conversei com todo mundo e todos eram de opinião que ia haver o diabo se fossem. Eu digo: "Está bom, felizmente não houve." Aí voltei para o meu gabinete. Dois dias depois, eram nove e meia da manhã, estou no meu gabinete no Comta, o brigadeiro estava lá também, e o Lino me telefonou da Casa Militar: "Olhe Francisco, o presidente está aqui ao meu lado dizendo o seguinte: que ele já encheu desse negócio que não se resolve, e que ele quer que os pára-quedistas sigam hoje. Ele já entrou em entendimento com o Lott, e os pára-quedistas estarão aí a partir de sete horas da noite. Ele quer ouvir à meia noite - é o limite máximo - aqui no Catete o ronco dos aviões indo para lá." Eu digo: "Está bom. Deu ordem, vamos fazer." Fui ao comandante e disse: "A ordem é essa, vamos fazer." Chamei o nosso pessoal e planejamos. A única maneira de assegurar aquilo... Nós tínhamos parece que 12 aviões disponíveis para a operação, mas os pára-quedistas exigiam mais, pelo menos quatro aviões da comercial. Então imediatamente contratamos na comercial quatro aviões desses de transporte para levar as tropas para Belém. E começamos a preparar os 12 aviões nossos. Na base do Galeão não tínhamos 12 aviões, porque havia muitos aviões viajando, o Comta viajava muito, os aviões faziam vôos de instrução. Então resolvemos o seguinte: rádio para os aviões pousarem no Galeão. Chegava o avião, nós dizíamos: "Prepare o avião para seguir para Belém levando pára-quedistas." Divulgou-se a coisa e ficou a preparação. Aí começamos. Pilotos? Eu já tinha preparado uma relação de pilotos nossos do Comta capazes de fazer a missão, e que fariam, porque eu sabia que os outros iam se negar, como de fato se negaram, inclusive o comandante, esse Ivo Gastaldoni. Ele estava voando, aterrou, foi até o comando, eu lhe disse: "Ivo, é isso, isso e isso." E ele: "Eu não vou." "Então está preso." Prendia. Mas o avião ficava lá compreendeu? Isso foi uma guerra de morte! Houve várias prisões, mas os 12 aviões ficavam lá, e as tripulações dos aviões... Eu até fui em um avião.

Para culminar a coisa, estava lá um oficial da Aeronáutica - eu não estou lembrando o nome dele, mas ele não teve futuro -, e o comandante dos pára-quedistas, que era aquele atleta... - minha memória está fraca - um sujeito forte, atlético, muito animado com a profissão, um general desses profissionais competentes e tal, resolveu formar a tropa dos pára-quedistas na hora de embarcar, de correr para os aviões, porque os aviões tinham uma escala, decolava um, decolava outro, de meia em meia hora. E ele

fez uma falação à tropa de pára-quedistas sobre a missão patriótica que eles tinham... sei lá, fez uma exaltação. Nem deu para eu ouvir. Estava excitado e tal. Aí um capitão da Aeronáutica - depois dou o nome a vocês, vou me lembrar disso - virou-se para o general, nas barbas do general, e disse: "General, eu gostaria de saber onde o senhor foi buscar inspiração para fazer um discurso dessa maneira para a sua tropa!" Espinafrou o general! O general ficou pálido! O brigadeiro estava presente e prendeu o sujeito. Lá foi o sujeito preso, mas desacatou o general. Para você ver o clima do negócio! Bom, embarcou-se, saiu aquela ordem de operações; primeiro decolaram os aviões comerciais, depois os nossos. Eu fui no último avião, justamente, para ver o problema.

Fomos para lá, aterramos em Salvador, e depois parece que fomos direto para Belém. Resolvemos ir pelo litoral, não me lembro por quê. Chegamos a Belém, a tropa de pára-quedistas foi para o quartel do Exército, mas não foi empregada, porque dois dias depois o Cabral mandou para lá o major ou capitão Hugo Delayte, que estava com a tropa do Cabral. Ele foi, prendeu o Veloso e matou o tal Cazuzza, que foi a única vítima dessa coisa toda. Dizem que foi esse Delayte que matou o Cazuzza, não sei se foi ele ou se foi algum oficial ou sargento dele. Sei que o Cazuzza morreu, o Veloso foi preso, voltou preso para o navio do Cabral, e a guerra acabou.

Nesse intervalo - para você ver o clima na Aeronáutica - o ministro, o Seco, deu ordens às bases de Salvador e de Fortaleza - dessas duas eu me lembro - para mandarem os aviões militares disponíveis para Belém, a fim de colaborarem com o Cabral. Todos se negaram. Era comandante da base de Fortaleza o oficial Bordeaux, José Bordeaux Rego, que tinha sido meu imediato no estado-maior do Comta - era logo abaixo de mim, e eu gostava muito dele. Depois ele foi para o gabinete do Eduardo - era um oficial de prestígio -, e antes de 11 de Novembro o Eduardo já o havia nomeado para comandar a base aérea de Fortaleza. Ele queria ir para lá, tinha família grande, problemas de filhos, em suma, interessava a ele aquele comando. Estou dando detalhes para você ver o meu relacionamento com ele. No 11 de Novembro ele foi para São Paulo com o Eduardo e quando voltou estava derrotado, arrasado, liquidado, e nós no poder. Eu então fui à casa dele. Um ambiente terrível contra mim, não sei por quê, eu era amigo dele. Mas fui a ele e disse: "Isso não tem nada, você tomou uma posição, fez muito bem, é o que a sua consciência..." Não cobre nada dele. Como eu tinha ficado com a responsabilidade da história, eu disse: "Você está nomeado para comandar a base de Fortaleza. Aliás, eu vim aqui só para resolver isso. Interessa a você ir para Fortaleza? Se interessar, eu consigo que seja mantida a sua nomeação para a base de Fortaleza." Ele pensou, consultou a mulher, tinha lá um tenente muito amigo dele, gorila também... e respondeu: "Me interessa. Porque eu estou aqui, não sei o quê e tal..." Então consegui que ele fosse para Fortaleza.

Bom, quando cheguei em Belém, um oficial me disse: "O Melo" - o Melo Maluco que depois foi ministro e eu fui seu chefe-de-gabinete - "está voando para Fortaleza, porque o Bordeaux negou-se a mandar aviões para a base." Eu digo: "Puxa! Mas esse homem!" Como eu era muito amigo do Bordeaux, imediatamente peguei o avião em que tinha chegado e fui para Fortaleza.

L.H. - Para chegar antes do Melo?

F.T. - Para chegar antes do Melo. E cheguei antes do Melo. Quando cheguei, eu vi que quem estava influenciando o Bordeaux era o subcomandante, que era um major ou tenente-coronel, o Sousa e Silva. Saltei do avião, peguei o Bordeaux ali mesmo na praça dos aviões e fiquei passeando com ele, conversando. Aqui para nós, conversei dois minutos e vi que era impossível convencê-lo: ele tinha tomado uma atitude e estava acabado! E o tal Sousa e Silva me acompanhando e a ele, de olho em cima, com medo que eu o convencesse.[risos] Nesse momento, eu disse: "Está bem, Bordeaux; você é maior de idade, faça o que quiser. Está errado, mas faça." E ele fez.

Quando o Melo chegou, mal o Melo chegou - eu nem falei com o Melo, tomei o avião e vim embora, só depois eu soube -, disse: "A ordem do ministro é seguirem tais e tais aviões." Reuniu toda a oficialidade: "Coronel Bordeaux, o senhor cumpre esta ordem?" "Não." "Recolha-se preso!" Foi imediatamente preso. "Sousa e Silva," - que era o substituto - "você cumpre a ordem?" "Não." "Preso." O terceiro que veio já veio tremendo, compreendeu? Aceitou a ordem. Então foi o que aconteceu. E o Bordeaux veio preso para o Rio, ficou preso aqui.

Mas, continuando com o Jacareacanga, derrotado o Veloso, embarcamos os pára-quedistas. Demorou um pouco para reunir todo mundo; demorou, digamos, uns três dias depois da derrota do Veloso, três ou quatro dias. Mas voltamos com os pára-quedistas e chegamos no Rio. Situação no Rio: o Alves Seco exonerado do ministério - ele não era bom, mas pelo menos não era contra nós - e o Fleiuss nomeado ministro da Aeronáutica.

L.H. - Dizem que o Juscelino ficou com ódio do Seco.

F.T. - E tinha razão, ouviu? Porque o Lino me contou que uma vez o Juscelino, numa reunião com o Seco, disse: "Mas, brigadeiro, por que o senhor não manda aviões para combater? O senhor não manda! Tem que mandar aviões para combater isso!" O Juscelino irritadíssimo, ele não gostava do Seco... Aí o Seco virou-se e disse: "Eu não mando, presidente, porque ninguém quer ir." Quer dizer, um ministro dizer que não tem força para mandar um piloto, está liquidado, não é? O Juscelino queimou-se, tocou a campainha, chamou o ajudante-de-ordens, que era esse Goulart, e disse: "Capitão Goulart," - ou major Goulart - "se eu lhe der uma ordem para o senhor pegar um avião e ir para Belém combater, o senhor vai?" "Imediatamente, presidente." "Está vendo, ministro? Não é assim."

L.H. - Já tem um, pelo menos. [risos]

F.T. - "Já tem um , pelo menos, que vai. O senhor não tem nenhum, nem um ajudante-de-ordens seu?"

L.H. - Então ele exonerou o Seco?

F.T. - Exonerou o Seco, e havia um trabalho muito... Porque o Fleiuss - vocês não o conhecem, não é? - é um sujeito muito amável, inteligentíssimo, uma habilidade, foi chefe-de-gabinete do Trompowsky durante todo o ministério do Trompowsky, é uma seda de tratamento. E ele se comprometeu com o Juscelino, através do Alkmin, que era amigo do Fleiuss e de outros lá de Minas, daqueles coronéis de Minas, havia um ou dois que eram...

L.H. - Era mineiro, o Fleiuss?

F.T. - Não, não era mineiro. Mas Juscelino pegou o Fleiuss e o nomeou ministro. Então cheguei no Rio com isso e mais: estava exonerado. O brigadeiro rodou do Transporte e eu fui exonerado e encostado. Aí ele me botou no Estado-Maior. Isso foi em 56.

L.H. - Deve ter sido março, por aí.

F.T. - Foi março, por aí.

L.H. - Porque Jacareacanga foi em fevereiro, não é?

F.T. - Exato. Foi em março de 56 que eu fui para o Estado-Maior. O Fleiuss me chamou, me fez uma festa enorme, disse que eu era competente, que ele precisava muito de mim na 3ª Seção do Estado-Maior, que era a seção mais importante, [risos] porque trata de operações... A 1ª é pessoal, não tem grande importância; a 2ª é informações; e a 4ª, logística. E o chefe do Estado-Maior era o nosso já conhecido Ajalmar Mascarenhas.

L.H. - De novo?

F.T. - De novo o Ajalmar Mascarenhas. [risos]

L.H. - Ele estava se especializando em ser chefe do Estado-Maior. [risos]

F.T. - Aí já mudava, ou aquele camarada era muito sem-vergonha. Eu me apresentei no Estado-Maior, o ministro tinha me dito que eu ia para a 3ª Seção, mas ele disse: "Não, o senhor vai para a 1ª Seção." E fui para a 1ª Seção. Quer dizer, não sei, mas ele, de combinação com o Fleiuss, com certeza não quis me dar a seção que operava com a FAB, embora aquilo tudo fosse teórico. Então fui para a 1ª Seção, de Pessoal, no Estado-Maior. Encostado.

I.F. - É a seção que trata de transferência?

F.T. - Trata de transferência, de efetivos...

L.H. - Trabalho chato, não é?

F.T. - Trabalho chato. Tinha lá uns auxiliares... Também eu não me dedicava muito à coisa, não queimava a cabeça com aqueles problemas. Ia despachar com o Ajalmar, um chato. Fiquei lá até o fim do ano, e então me matricularam na Escola Superior de Guerra, em 57.

L.H. - Como é essa história "me matricularam?"

F.T. - Eles convidam, e você não vai dizer: "Eu não quero tirar isso." Então de certa forma escalam. Eu era coronel, tinha uns brigadeiros tirando o curso, o Melo inclusive estava tirando a Escola Superior de Guerra, e outros brigadeiros, uns coronéis, então fui. Lá encontrei uma turma do Exército muito do nosso feitio, inclusive o Tácito Lívio Reis de Freitas e mais uns três ou quatro do grupo nacionalista.

L.H. - De quanto tempo era o curso, brigadeiro?

F.T. - De um ano.

L.H. - E como era o regime de aulas na Escola?

F.T. - Ah, uma maravilha! Você entrava às nove horas, tinha aulas de manhã, trabalhos de grupo, aquela sistemática toda da coisa. Não! Em geral de manhã eram conferências. Almoçava-se e, de tarde, trabalhos de grupo, depois ia-se embora para casa. Uma coisa muito folgada. Eu fiquei lá até que o Fleiuss caiu. O Fleiuss demorou um ano e pouco com aquele negócio.

L.H. - O Fleiuss caiu da preterição do Adil, não foi isso?

F.T. - Do Adil, exatamente. O Fleiuss foi ministro com a tarefa, o objetivo, a promessa, vamos dizer assim, de pacificar a Aeronáutica - a tal idéia de pacificação, que inclusive era o sonho do Juscelino.

L.H. - E a primeira medida era sempre encostar vocês?

F.T. - Ah, encostar todos. Todos os militares, os oficiais, que participaram da operação Jacareacanga saíram das funções que tinham, foram transferidos, perseguidos! Eu voltei de Jacareacanga e houve um problema. Eu até estava em casa meio resfriado, deitado lá, meio febril, quando entrou o Lino, dizendo: "Eu vim aqui transmitir um convite que eu já disse de antemão que você não vai aceitar." Era ser adido nos Estados Unidos, a mesma coisa do tempo do Nero. Eu disse: "Você fez muito bem em dizer que absolutamente eu não aceito. Com que cara vou ficar? Todo o mundo perseguido por aí e eu nos Estados Unidos!" Quer dizer, larguei um palavrão para o Juscelino e não aceitei. Fiquei no Estado-Maior e fui para a Escola Superior de Guerra. A Aeronáutica, naturalmente, fervendo. O comandante da Escola Superior de Guerra era o Alves Seco.

L.H. - Ele tinha saído do ministério para comandar a Escola?

F.T. - Para comandar a Escola. Uma função muito honrosa, muito boa para tenente-brigadeiro, o que ele já era na época. O diretor do curso superior, que era o que eu estava tirando, era o Humberto Castelo Branco.

L.H. - O Castelo Branco foi diretor de ensino lá.

F.T. - Nesse período deu-se uma coisa muito engraçada. Eu era aluno, mas confesso que não participava muito daqueles debates, porque eu achava uma coisa inútil. "Eles vêm para cá com essas conferências..." - me dizia o Kahl Filho, que eu também já mencionei aqui, e que era instrutor lá, um bom instrutor e tal. Ele dizia: "Mas você não participa dos debates! Você podia ajudar tanto nisso!" Eu disse: "Não." Mas uma noite eu estava em casa, e o Nelson Werneck Sodré me telefonou, dizendo: "Olhe, Teixeira, eu queria apresentar a você um professor amigo meu que era lá do ISEB," - aquele crioulo que foi depois para os Estados Unidos - "o Guerreiro Ramos." Eu não conhecia pessoalmente o Guerreiro Ramos, conhecia muito o Nelson. "Pois não." Então o Guerreiro Ramos queria que eu lhe desse uma informação sobre o ambiente na Escola Superior de Guerra, onde ele ia fazer uma conferência. Título da conferência: "Ideologia e forças armadas." Um troço que... Aliás, a tese que ele pregou lá é de certa forma a que eu defendo hoje em dia. Eu disse: "Olhe o ambiente na Escola é um ambiente... O diretor de ensino é o Castelo Branco, que é uma fera, é um homem intelectualizado, um homem lido..."

L.H. - Ele já tinha essa fama de fera?

F.T. - Já tinha essa fama de fera, mas era um homem afável. Ele tinha horror... Tinha havido uma eleição no Clube Militar nessa época - nós esquecemos de mencionar isso -, em 56, quando nossa corrente apresentou um candidato, que foi o Segadas... O Castelo foi candidato depois, na outra eleição, em 58.

I.F. - Em 58 foi o Justino que se elegeu.

F.T. - Foi o Justino. O candidato adversário do Justino foi o Castelo Branco, que saiu derrotado. O Justino era um oficial com uma fama horrível no Exército, ninguém gostava dele, sem-vergonha... E o Castelo tinha uma grande fama, mas nós o derrotamos. Ele ficou uma fera! Eu era chefe dos escrutinadores do Justino. Mas, isso foi depois. Quando o Castelo era chefe do ensino na ESG, tinha um relacionamento normal comigo. Não tínhamos contato, eu era coronel e ele era general.

Mas eu disse ao Guerreiro Ramos: "Olhe, o ambiente lá é esse. Agora, o ambiente dos alunos não é mau. Tem de tudo ali: tem sujeitos muito reacionários, e tem sujeitos como eu, como alguns amigos meus. Entre lá com cautela, com jeito." Bom, ele foi fazer a conferência, começou a desenvolver a tese "Ideologia e forças armadas e chegou à conclusão de que forças armadas divididas ideologicamente são uma garantia de paz no país.

L.H. - Mas o ambiente era ideal para ele pregar isso, não era? [risos]

F.T. - O Castelo interrompeu o crioulo e saiu destrambelhado: "O senhor vem para aqui pregar a desunião dos militares, quebra da disciplina!" O crioulo ficou branco, ouviu?" [risos] "Mas não é assim, não estou pregando a quebra da disciplina, apenas a liberdade de divergir ideologicamente, politicamente." Saiu um bafafá tremendo! [risos] Então eu estou me lembrando disso porque hoje encerrarei esse papo com você com essa tese, que aliás está em um documento.

L.H. - Havia muito civil na ESG no meu tempo?

F.T. - Muito civil, muito civil. No meu ano não deu, mas no ano seguinte deu um bafafá com aquele deputado que foi candidato a governador da Guanabara, aquele alagoano, socialista, foi candidato a governador da Guanabara quando o Lacerda se elegeu...

L.H. - O Sérgio Magalhães?

F.T. - Não, um outro que ferrou a candidatura... Aurélio Viana! O Aurélio Viana levantou a questão de uma conferência reservada, e estava presente um oficial americano que assistia a todas as aulas. No meu tempo o americano era um bonachão, até cochilava nas conferências. Mas no meu tempo não houve nada, eu apenas não acabei o curso. Fiz a viagem e o curso... Devia ter acabado o curso, não me custava nada, mas também não me traria benefício algum nem vantagem alguma.

L.H. - Nem vantagem hierárquica, nada?

F.T. - De carreira? Nenhuma, nada.

I.F. - Nessa época as viagens já eram para o exterior?

F.T. - Não, as viagens eram no Brasil. Fizemos uma viagem grande para o Norte, depois voltamos para o Rio. Então fizemos essa viagem e, quando voltamos, houve o problema da preterição do Adil, da saída do Fleiuss. O Fleiuss saiu no dia em que meu pai morreu, porque eu me lembro que, no velório, o Juscelino, num dado momento, digamos, às três da tarde, apareceu lá. Foi por causa do Lino, não por mim. Quando ele apareceu, o Fleiuss apareceu também. E o Fleiuss não tinha nada com o velório, com pêsames à família, não era isso; ele queria ir com o Juscelino e voltar no carro com o Juscelino. Eu até comentei com o Lino: "Esse camarada é capaz de convencer o Juscelino." Ele disse: "Eu duvido muito."

L.H. - Por quê? Ele já estava demitido?

F.T. - Já estava demitido. O Juscelino já tinha resolvido demiti-lo.

L.H. - E como foi esse episódio? Parece que a família Vargas...

F.T. - Aquilo era periódico. Abria a vaga, lá ia o Jango em nome da Alzira, do Amaral, da dona... "O Adil não pode ser promovido." Por aquele motivo que eu já disse a vocês, daquele comportamento...

L.H. - O interrogatório da dona Darci?

F.T. - É, aquele interrogatório deselegante, que foi inútil e sem vantagem nenhuma. Ele fez aquilo e tal. Então, saiu o Fleiuss...

L.H. - Mas houve uma história, que eu acho que o senhor está se esquecendo, de um banquete. Não houve um banquete de desagravo?

F.T. - Exato! O fato do desacato foi esse. Preterido o Adil, os oficiais da FAB, todos contra o Juscelino, promoveram um almoço de desagravo ao Adil. Até aí estava tudo certo, pronunciavam-se lá...

L.H. - O Eduardo foi a esse almoço?

F.T. - Pois é. Mas o que o Juscelino não queria era que o Eduardo fosse. E o Eduardo tinha se comprometido com o Fleiuss de que não iria ao desagravo, estava até numa estação de águas. Eu sei que afinal mandaram um avião buscá-lo, o Eduardo voltou e compareceu ao almoço.

L.H. - E transformou o almoço numa coisa política?

F.T. - Numa coisa política séria. O Juscelino não engoliu aquilo porque o compromisso dele era justamente domar o Eduardo, e o Fleiuss tinha o compromisso solene do Eduardo de não ir lá, de não prestigiar. O Fleiuss se mexeu quando soube que havia o almoço - parece que o Eduardo estava numa estação de águas -, mandou um oficial-de-gabinete lá e tal, mas ele voltou e compareceu. Então o Juscelino tirou o Fleiuss.

[FINAL DA FITA 10-A]

L.H. - Engraçado, essas atitudes do Juscelino foram sempre muito afirmativas. Ele nunca teve medo de demitir ministro, de mexer com militar, essa coisa toda.

F.T. - Nunca teve medo. Nesse ponto ele era perfeito. Esse é o problema que depois nós vamos fazer uma análise - nós até já comentamos isso antes -, essa preocupação dos homens no poder de conciliarem militarmente com a facção que não os apoia de jeito nenhum. Havia uma preocupação constante nisso. E da nossa parte, uma constância em receber os coices e continuarmos defendendo, como foi o caso com o Juscelino, como foi o caso com o Jango.

L.H. - Não sei quem nos contou que a passagem do Denys pelo Ministério da Guerra, no tempo do Jânio, tinha sido também com essa intenção, de pacificar o Exército. Não de compor com lados, mas de pacificar o Exército. E que o primeiro sinal de pacificação tinha sido a promoção do Mamede a general. O senhor se lembra disso? O Mamede, com o negócio do 11 de Novembro, tinha ficado num desses postos de punição, como o senhor falou, foi para um posto de recrutamento, e o Lott, durante todo o período do governo do Juscelino, não se recompôs com essa gente. Então o primeiro sinal de pacificação teria sido quando o Denys promoveu, não sei se no governo do Jânio ou se ainda naquele período curto em que ele exerceu o Ministério da Guerra no final do governo Juscelino, eu não me lembro quando o Lott se candidatou... Mas dizem que o primeiro sinal de pacificação foi a promoção do Mamede. Essa coisa o senhor chegou a mencionar na sessão passada, eu achei muito interessante.

F.T. - E isso que você está dizendo deve ter sido exatamente a verdade. Na Aeronáutica, inclusive, não se realizou - nós daqui a pouquinho chegaríamos lá, mas vamos adiantar: o Melo, ministro do Juscelino, no fim do governo Juscelino, andou de namoro, acho que por intermédio do Denys, com o Jânio, e teve a promessa de ser ministro. E a condição para ele ser ministro, que era também pacificar, tinha uma coisa muito concreta: ele se ver livre de mim. Quer dizer, o pomo da discórdia... Ele tinha que se ver livre de mim. Então, nos últimos dois meses de ministério, eu, chefe-de-gabinete, achava até uma coisa muito engraçada porque eu já sabia da história toda, e ele fazia o possível para conseguir se livrar de mim. Primeiro, brigar, eu não brigava; segundo, chegou a me convidar - pela terceira vez, e eu fui nomeado - para ser adido em Paris, que era o que eu realmente queria, ouviu? Se eu tivesse que ser adido em algum lugar, seria em Paris. Ele me convidou, mas eu sabia que não iria, porque já estávamos em dezembro e ele deixaria o ministério em janeiro, e o ministério seguinte não me mandaria, aquilo tem um processamento, tem *agrément*, não sei o quê. Mesmo assim eu disse: "Eu topo, Melo. É uma ótima idéia." Então ele mandou minha proposta para adido, que seria uma espécie da promoção do Mamede, como quem diz: "Esse não fica mais comigo. Eu posso ser ministro, que ele não vai mais ser o meu chefe-de-gabinete."

L.H. - O Juscelino sempre enfrentou bem esse tipo de problema com os ministros militares. Ele não queria saber, demitia.

F.T. - O Lott, por exemplo, atuava como queria no Ministério da Guerra. E o Melo, também atuava como queria.

L.H. - O Juscelino não interferia?

F.T. - Não interferia, no que fez muito bem.

L.H. - Agora, se comportasse mal, ele tirava?

F.T. - Ah, tirava. Mas no caso do Lott, a meu ver, a estabilidade do governo Juscelino, com a oposição política e militar que ele tinha, essa estabilidade se deveu muito à permanência do Lott durante os cinco anos, praticamente.

L.H. - E do Denys no I Exército. Era uma espécie de dobradinha que os dois faziam.

F.T. - E do Denys no I Exército. Quando o Lott se candidatou, acabou. Foi o Denys para o ministério, já não tinham mais... Aí já era a eleição, não é? Então isso foi o que deu estabilidade ao Juscelino, o

juízo que ele teve, porque é o que eu digo, por exemplo: o Getúlio, que foi o caso anterior, teve três ministros da Guerra. O militar é muito homem de ver naquela autoridade autoridade mesmo. Se começa a mudar, ele não acredita mais. Saiu o Estillac, entrou o Espírito Santo; saiu o Espírito Santo, entrou o Zenóbio. Pronto! Acabou!

I.F. - O Juscelino manteve o Lott, o Denys e o Nelson de Melo na Casa Militar, não foi?

F.T. - O Nelson de Melo ficou o tempo todo na Casa Militar. O tempo todo, e até vamos dizer, não gostando muito.

L.H. - Mas isso de certa forma aprisionou um pouco o Juscelino no final - depois nós vamos chegar lá, na campanha do Lott. Isso de certa forma foi bom para manter o governo Juscelino, mas não para o projeto do Juscelino, que era um projeto de longo prazo, o JK-65, não é? Ele ficou um pouco aprisionado ao Lott. Bom, mas então o Fleiuss foi demitido.

F.T. - O Fleiuss foi demitido, e abriu-se o páreo para a sucessão dele no ministério. Nós não tínhamos um candidato. A situação na Aeronáutica era muito difícil, porque havia uma efervescência, uma revolta muito grande contra o Juscelino, e era preciso controlar aquilo. Então não era qualquer ministro que servia. Realmente o Seco não era o ideal. Eu não conhecia bem o preto, apesar de ele estar comigo na Escola Superior de Guerra, mas não tinha nenhuma intimidade com o Correia de Melo. Mas o pessoal que serviu com ele na I Zona disse: "Esse é o homem e tal."

L.H. - O Melo já era uma espécie de patrimônio da Aeronáutica. Ele era tão antigo! Tinha um prestígio louco, não?

F.T. - Um prestígio de piloto, um prestígio de maluco, e essas qualidades eram muito apreciadas na Aeronáutica compreendeu? [risos] Então nós nos fixamos no Melo, e tinha um grupo nosso, inclusive o Scaffa, que servia com ele na I Zona, que ele comandava. E nós nos fixamos no Melo. Mas o Schmidt tinha um outro candidato.

L.H. - O poeta, o Augusto?

F.T. - O poeta, que era íntimo do Juscelino. Ele tinha um outro candidato, que era o Reinaldo, brigadeiro, que depois foi ministro no tempo do Jango, e do nosso ponto de vista muito bom. Mas na época o Melo resolvia melhor, então insistimos no Melo. Insistimos no Melo, e o Juscelino optou pelo Melo: "Ah, vai ser o Melo." Mas um dia, na véspera de nomear, ele chamou o Lino e disse: "Olhe, Lino não dá. Não dá, porque eu tenho um compromisso com o cardeal" - que no tempo era o ...

L.H. - Era o dom Jaime, uma figura!

F.T. - Esse mesmo, Jaime. "Eu tenho um compromisso com dom Jaime de não nomear mais nenhum ministro que não seja casado na igreja." O Melo não era, o Melo era separado, vivia com a dona Helena, que era uma senhora muito distinta.

L.H. - E o Juscelino tratava esse negócio de igreja com o maior cuidado, porque a igreja sempre fez a maior oposição a ele.

F.T. - Então nós ficamos... "Diabo! Não pode o Melo!" Aí o Lino disse: "Espera aí. Vamos ao dom Hélder Câmara!" - que era o assessor, o substituto aqui, a segunda pessoa. Foi o Lino com mais não sei quem ao dom Hélder Câmara e explicaram a questão. "Mas, ora! Olhe, coronel, diga ao presidente que dom Jaime já abriu mão desse compromisso, ele pode nomear quem ele quiser." Foi o que salvou o Melo. Lá foi o Melo. Eu estou citando isso para você ver o que o Melo deve ao nosso grupo ter sido ministro.

Então o Melo foi para o ministério e me convidou, menos porque ele quisesse, mas porque o grupo que o cercava mais de perto foi todo para o gabinete, inclusive o Scaffa, e o aconselharam, ou até certo ponto impuseram, a minha ida para o gabinete. Então eu fui para o gabinete do Melo.

L.H. - O Scaffa nesse momento já tinha se aproximado de vocês?

F.T. - Ah, já tinha se aproximado de nós, era um homem integrado com o nosso grupo.

L.H. - Era outro homem.

F.T. - Outro homem, integrado completamente ao nosso grupo e figura proeminente no nosso grupo. O Scaffa foi também para o gabinete; eu fiquei nas relações públicas, o Scaffa ficou no pessoal, um outro também muito amigo do Melo ficou no... Em suma, era um gabinete bem composto, e o chefe-de-gabinete era o brigadeiro Benjamim Amarante, um engenheiro, técnico-engenheiro. Eu fui para o gabinete e larguei a Escola Superior de Guerra. "Agora vou me dedicar a isso aqui. Meu negócio é cá." Mas podia ter tirado o curso da ESG, porque me faltava apenas um relatório ou um trabalho qualquer. O Amarante era também aluno da Escola Superior de Guerra e continuou sem frequentar, ia lá uma vez ou outra, porque o Seco era o chefe. Então lá fui eu para o gabinete do Melo. Meu pai morreu em julho, fins de julho, em princípios de agosto de 57, eu fui para o gabinete do Melo e fiquei por lá.

L.H. - Nesse período, eu não sei se o senhor tomou conhecimento, já tinha havido aquele episódio que motivou inclusive a solicitação da ida do Juarez para a reserva -, se não me engano foi em junho de 57 - em decorrência de uma CPI que se criou na Câmara sobre energia nuclear e que levou à disputa do Juarez com o Renato Archer sobre a questão da energia. Vocês chegaram a tomar conhecimento disso ou a energia nuclear nunca teve, digamos, o "ibope" que o petróleo teve no grupo de vocês?

F.T. - Não, não teve o "ibope" que o petróleo teve, mas eu já me dava com o Renato, e o Álvaro Alberto estava muito envolvido no problema, porque foi uma denúncia de que o Juarez embargou umas ultracentrífugas. Já tinha havido essa coisa, e foi nessa época, foi nessa época.

L.H. - Tenho a impressão que a passagem do Juarez para a reserva foi coisa de junho de 57.

F.T. - Exatamente, nessa época. Eu estava na Escola Superior de Guerra.

L.H. - E comentava-se esse problema na Escola? Porque o Juarez tinha sido comandante da Escola.

F.T. - Comentava-se, comentava-se, sim. Ele tinha sido comandante da Escola, foi forçado a ir embora.

L.H. - Dizem que o Juscelino ficou uma fera!

F.T. - É, ficou uma fera com a denúncia das trapalhadas do Juarez. Mas então, voltando, eu fiquei...

I.F. - Só uma questão: essa crise toda da Aeronáutica durante o governo Juscelino era mais uma briga, vamos dizer assim, entre o Juscelino e o Eduardo. Como estava o Carlos Lacerda nisso? Porque o negócio todo começou em 54 com o problema do Carlos Lacerda também. E como o Carlos Lacerda ficou nessa confusão toda?

F.T. - O Carlos Lacerda, nessa confusão, ficou com o Eduardo. Quer dizer, pelo menos o grupo lacerdista... Eu depois vim a saber que as relações dos dois não eram excelentes - nem o Eduardo apreciava o Lacerda, nem o Lacerda o Eduardo. Mas nessa época, nesse período do Juscelino, eles somaram. A oposição ao Juscelino era total na Aeronáutica. Só se salvava o nosso grupo e o Grupo de Caça, que se mantinha conosco nessa época.

L.H. - Porque o Carlos Lacerda, para complicar, era também o líder da oposição na Câmara quando houve aquele problema da cassação do mandato dele, também em 57.

F.T. - Líder da oposição na Câmara, exatamente. O problema da cassação do mandato, em 57, foi o auge da coisa.

L.H. - Porque depois, a não ser a questão de Brasília, que atrapalhou muito na Câmara, no âmbito parlamentar, nos dois últimos anos, a coisa amainou um pouco. Agora, entre 56 e 57, a oposição foi terrível. Foi a época em que queriam fazer a CPI da Novacap, que houve aquelas denúncias de corrupção, e o Lacerda chamava o Juscelino de "presidente cafajeste..."

I.F. - Eu estou perguntando a ligação da Aeronáutica com o Carlos Lacerda e a oposição ao Juscelino: Aeronáutica - Lacerda - Juscelino.

F.T. - O Lacerda ainda tinha um grupo muito ponderável de adeptos na Aeronáutica. Eram homens do Lacerda que vinham desde 54.

I.F. - Eduardistas também?

F.T. - Não, que somaram ao eduardismo. Somaram na morte do Getúlio, e daí em diante sempre fizeram política juntos, sem se apreciarem muito. Eu contei a você que o Lacerda disse ao Borges para ir, mas que o Borges não se dava com o Eduardo. E o Eduardo também não gostava do Borges.

L.H. - Quer dizer, havia lacerdistas que não eram eduardistas e havia eduardistas que não eram lacerdistas?

I.F. - Mas todos contra Juscelino?

F.T. - Todos contra Juscelino. O Eduardo não admitiria uma corrente dentro da Aeronáutica com pensamento próprio, mesmo que fosse para somar com ele. Mesmo que fosse para somar com ele! E o Lacerda tinha pensamento próprio. Até no plano político geral às vezes se opunha a ele. O Eduardo queria ser presidente da República, isso ele queria. Talvez nessa época isso estivesse fora de cogitações, porque ele já tinha levado duas derrotas, não é? Ele não gostava do Lacerda, mas somavam juntos na oposição. Tanto que você vai ver no decorrer desse período ainda do Juscelino, as manifestações ostensivas da Aeronáutica contra o Juscelino, contra o Lott e contra o Melo foram de

lacerdistas e não muito de eduardistas. Porque o forte do Eduardo não eram os brigadeiros, eram os capitães, os coronéis, os majores. Ele fazia na FAB uma política muito grande de congregar, de...

L.H. - E como foi o episódio da espada de ouro?

F.T. - Foi nessa época. Isso foi exploradíssimo na Aeronáutica, e no Exército também. Os trabalhadores ofereceram uma espada de ouro ao Lott e ele aceitou. Ele não devia ter aceitado. Talvez já estivesse pensando na presidência. Não, não estava, porque ele não pensava na presidência.

L.H. - Mas essa "frente de Novembro" do Nemo...?

F.T. - Participou disso. Esse Nemo é um aventureiro completo.

L.H. - É uma figura interessantíssima, não é?

F.T. - Agora ele está com um partido nacionalista, que também já é antigo. Depois da "frente de novembro" ele partiu para o Partido Nacionalista.

L.H. - Ele tem uma trajetória estranhíssima. Fez 35, foi preso...

F.T. - Fez 35, foi preso, depois fugiu, ou não foi preso... Fez a guerra no Paraguai... Ele é uma grande figura no Paraguai, virou general do Exército no Paraguai. Veio a guerra do Chaco, ele participou, dizem que com certo brilho. É possível.

L.H. - Eu sei que em 35 ele esteve preso, porque até o Graciliano Ramos naquele *Memórias do Cárcere* conta a história de uma brincadeira que o Aporelli teria feito a propósito do nome do Nemo Canabarro Lucas, não sei o quê. Então eu sei que ele estava preso nesse período. É uma figura! Tem uma trajetória interessantíssima!

F.T. - Eles são muito estranhos. Eram dois irmãos na Aeronáutica: o Nemo e o outro que casou... Casou bem, casou com uma mulher rica no Rio Grande. Esse deixou a coisa. Mas eram muito engraçados. Os dois irmãos se encontravam na rua por acaso e se beijavam, tinham muito carinho um pelo outro. Aí um puxava um retrato - isso é uma anedota que o outro contava, não me lembro o nome dele - e dizia: "Ô Nemo, você já viu esse retrato de quando eu ainda era pequeno?" E o Nemo: "Mas que beleza! Um beijo..." Eram assim, dois malucos! [risos]

L.H. - Mas essa "frente de novembro" aderiu ao episódio da espada?

F.T. - Aderiu ao episódio da espada, e foi uma das promotoras, se não me engano. Agora que você está contando é que eu estou me lembrando, o Nemo foi um dos promotores dessa manifestação ao Lott, a espada de ouro dos trabalhadores. É isso mesmo!

L.H. - E na Aeronáutica?

F.T. - Ah, a repercussão foi péssima, negativa, completamente negativa, e acredito que no Exército também.

I.F. - Tem até a poesia do Manuel Bandeira!

L.H. - Tem um poema lindo em que o Manuel Bandeira diz o seguinte: "Não aceite, general. O ouro é do povo", não sei o quê... O poema é uma coisa lindíssima, e eu imagino, pela violência do poema, a raiva que deve ter gerado isso tudo.

F.T. - Ah, gerou! Foi uma bobagem do Lott.

L.H. - O Lott foi muito acusado de ter feito política de sargento também dentro do Exército. O senhor tem alguma notícia disso? Que ele desprestigiava muito os generais e fazia muito política de sargento?

F.T. - Não acredito, não. Não tenho nenhuma... O Lott era um homem muito caxias para... Eles se queixavam do Lott. O Humberto Castelo Branco foi nomeado comandante do Exército de Belém, do Comando da Amazônia, e constou que ele tinha exigido do Lott a nomeação de um coronel, ou de um outro general, para chefe do estado-maior dele ou para um comando... Eu não me lembro a título de quê fui falar um assunto qualquer com o Lott, porque depois do incidente de ele assumir o Ministério da Aeronáutica eu fiquei com mais intimidade com ele e perguntei: "Ministro, me disseram que o Castelo Branco impôs o brigadeiro tal." E ele: "Quem senta nessa cadeira em que o senhor está sentado, seja general-de-exército ou de divisão, me trata de V.Ex.a., e eu não admito que venham aqui impor coisa nenhuma, absolutamente! Eu nomeei quem eu quis, quem nomeia sou eu." Para você ver. Porque o Lott era respeitadíssimo no Exército, e esse respeito pesa, não é? O Eduardo, por exemplo, era muito respeitado na Aeronáutica. Mas o Eduardo era um homem muito humano, falava... tive um irmão que morreu de um acidente que era muito amigo do Eduardo, o Eduardo gostava muito dele, ele era um bom piloto... O Eduardo, durante toda a sua vida, teve uma paixão por esse Correio Aéreo! E esse meu irmão viajava muito no Correio, o Eduardo ficava esperando quando ele voltava... Era muito amigo dele. E esse meu irmão era um boêmio danado. O Eduardo aturava, achava uma graça naquelas brincadeiras dele, naquelas molecagens que o meu irmão fazia. Quer dizer, não era um Lott. O Lott não tinha uma brincadeira com ninguém, era tudo na base da seriedade. Isso naturalmente produz recalques, ressentimentos, não é? O sujeito quer ser íntimo do outro. Mas não acredito que ele fizesse uma política de sargentos. O negócio da espada de ouro foi um deslize. Talvez o Nemo tenha conseguido uma aproximação ou o tenha convencido da vantagem de ele aceitar isso, mas não acredito e não tenho conhecimento. Não que eu esteja defendendo o Lott.

I.F. - Eu sei que ele ficou com muita força com os sargentos, ele mesmo disse no depoimento dele, porque ele regularizou a situação dos sargentos.

F.T. - Ah, bom! Isso, sim.

I.F. - Foi uma atitude muito boa para os sargentos. Ele deve ter ficado então com uma admiração e uma força muito grande. Mas tem um pessoal da cúpula do Exército que veio da FEB que não gostava do Lott...

L.H. - Por problemas havidos entre eles lá a guerra.

I.F. - Por problemas havidos entre eles lá na guerra. Então ficou aquela cúpula do Exército com uma certa implicância com o Lott, e a parte de sargentos com grande admiração. Talvez isso tenha propiciado uma situação meio estranha.

F.T. - Isto é possível. Ele era um homem que... Uma das armas que o ministro tem, que a autoridade tem, é essa de fazer favores, por exemplo, mandar para o estrangeiro. Isso para o civil não tem grande significação, mas para o militar é muito importante porque ele ganha mais, ganha ouro, junta dinheiro, traz coisas e tal. E o Lott adotou um critério para o sujeito ir para o estrangeiro que não dava para mandar ninguém, tinha que ir aquele - fosse gorila, fosse quem fosse, lá ia aquele.

L.H. - Era um quadro de acesso?

F.T. - Era um quadro de acesso, de pontos, de escola, cursos, e para ser não sei o quê tinha que ter cursos. Então com isso ele não se beneficiava, quer dizer, não fazia uma política.

I.F. - Ele não era simpático, não?

F.T. - Não era simpático. E você viu, a candidatura dele foi um fracasso porque ele não tinha nenhuma capacidade de imprimir simpatia.

L.H. - Carisma zero?

F.T. - Zero, zero, completamente! Posições erradas, posições erradas! Até dizem que quem inventou a candidatura do Lott foram os militares do nosso grupo. Nessa altura eu, como chefe-de-gabinete, estava em Brasília, mas que impuseram a candidatura e tal, eu não acredito muito nisso, não.

L.H. - Acho que a candidatura saiu da área política mesmo, e muito por falta de alternativa, não é?

F.T. - É, saiu da área política. Eu até vou dizer uma coisa a você: acredito que o desejo do Juscelino fosse que o PSD perdesse aquela eleição.

L.H. - Certamente! Certamente!

F.T. - Ele não deu a menor ajuda à candidatura Lott. E o Juscelino até o fim do governo, coisa rara, foi um homem extremamente popular, com Brasília, e metas, e aquele feitio dele, populista, democrático, simpático.

L.H. - Porque o programa do Juscelino era o JK-65. E para ele voltar em 65, era preciso que voltasse na oposição, então era preciso que o PSD perdesse.

F.T. - Exatamente. Se ele elegeisse o Lott, o Lott iria fazer uma série de besteiras e ele, Juscelino, não se reelegeria. Estou certo disso.

L.H. - Porque todos dizem que o Lott, na presidência da República, ia ser um ministro da Guerra na presidência da República, que ele não ia se despir daquela farda mental para ser um presidente, e isso seria extremamente prejudicial às ambições do Juscelino em 65. Então o Juscelino sacrificou tudo para voltar em 65. Pelo planejamento de longo prazo, ele sacrificou tudo. E deu no que deu.

F.T. - Exatamente. O tiro saiu pela culatra, porque o Jânio renunciou, era um maluco, saiu tiro pela culatra para todo o mundo, inclusive a UDN, o Lacerda... Acho que o Lacerda teve uma culpa tremenda na renúncia, porque ele tinha rompido com o Jânio, e o Jânio se sentiu desesperado. Era um maluco mesmo.

L.H. - Já era fácil de desesperar, não é?

F.T. - Já era fácil, exato, propenso à coisa.

[FINAL DA FITA 10-B]

6ª Entrevista: 4.1.1984

L.H. - Brigadeiro, depois de uma interrupção para os festejos natalinos, retomamos aqui o nosso depoimento. E tínhamos parado, pelo que vimos, na sua entrada no gabinete do Melo. O senhor foi nomeado chefe-de-gabinete do Melo?

F.T. - Eu era relações públicas do Melo, era coronel.

L.H. - O que faz exatamente um relações públicas?

F.T. - É justamente quem trata das relações do gabinete com a imprensa, com o público em geral e os políticos. Essa era a minha função.

L.H. - O senhor estava bem, não é?

F.T. - Estava bem, gostava da função. O chefe do gabinete era o brigadeiro Amarante e todos nós, Melo, Amarante e eu, éramos alunos da Escola Superior de Guerra naquela ano. Porque como você se recorda, depois de Jacareacanga o ministro foi substituído, eu voltei já demitido e fui para o Estado-Maior. No ano seguinte em 57, fui para a Escola Superior de Guerra, onde já estavam o Melo e o Amarante. Então participei muito daquela transa de levar o Melo para o gabinete. Até então eu o conhecia muito pouco, mas o Amarante eu já conhecia mais do tempo do Getúlio, do tempo justamente do Nero, porque ele também foi chefe-de-gabinete do Nero.

Então fui para o gabinete do Melo. E foi um período politicamente muito agitado, a oposição a Juscelino era grande na área militar, embora no Exército, dado o prestígio, a força do Lott, aquilo estivesse realmente muito atenuado.

L.H. - E com Juarez na reserva, Nelson de Melo cooptado para o Gabinete Militar e Cordeiro no Governo de Pernambuco...

F.T. - E Canrobert morto, quer dizer, com todas aquelas lideranças liquidadas. As novas lideranças que estavam surgindo, Mamede etc., ainda não tinham expressão para abalar a força e o prestígio do Lott.

L.H. - Mamede foi para Bauru, para a Comissão de Recrutamento?

F.T. - Foi para Bauru, exatamente.

L.H. - De modo que os antijuscelinistas, digamos assim, estavam, se não conformados, pelo menos quietos nesse período?

F.T. - Quietos, excetuando-se na Aeronáutica, onde, como já conversamos anteriormente, o quadro era muito politizado, embora a Aeronáutica não tivesse uma influência muito grande na luta pelo poder. Isso cabia mais ao Exército, pelo fato de o Eduardo ter sido candidato a presidente da República já duas vezes, e derrotado, e ter sido ainda uma das vítimas do 11 de Novembro. Quer dizer, a Aeronáutica, na sua maioria quase que esmagadora, foi contra a posse do Juscelino e estava muito efervescente nesse período, mas não tinha força para fazer nada. Então foi um período relativamente calmo o início da gestão do Melo no ministério.

L.H. - E aquela política do Juscelino de certa forma, mimar o Eduardo? Quer dizer, o Melo satisfez ao Eduardo? O Eduardo achou que a nomeação do Melo foi uma boa coisa?

F.T. - Não, não creio. O Melo e o Eduardo tinham boas relações. Não políticas, que o Melo não era político, mas pelo feitio dele, de gostar muito de voar... O Eduardo tinha uma certa simpatia pelo Melo e o Melo pelo Eduardo.

L.H. - Era mais companheirismo de aviação do que propriamente identidades?

F.T. - Sim. Agora, o Eduardo não deve ter gostado da nomeação do Melo, porque o Melo impingia muito respeito, até físico; era um homem estourado, imprevisível, e isso atemorizava os brigadeiros já nessa época ligados ao Eduardo. Então houve um período realmente, vamos dizer, de hibernação do antijuscelinismo dentro da Aeronáutica nos primeiros meses da administração do Melo.

L.H. - Já se falava, nesse período, na questão do porta-aviões?

F.T. - Já, e muito!

L.H. - Como a Aeronáutica via esse problema? Porque essa foi uma questão que acabou não se resolvendo direito.

F.T. - Acabou se resolvendo contra a Aeronáutica, contra o ponto de vista da Aeronáutica. A Aeronáutica não admitia a hipótese de a Marinha ter uma aviação: a aviação era do Ministério da Aeronáutica! Se a Marinha queria um porta-aviões - porque nós éramos contra o porta-aviões -, os aviões do porta-aviões deveriam então ser pilotados por nós, pelos aviadores do ministério. E a Marinha fazia uma bruta força para obter isso, já era um programa. E era engraçado, porque os dois ministros da Marinha na época... O Suzano ainda não era ministro...

L.H. - Não, ele é posterior. Se não me engano, o ministro era o Matoso Maia.

F.T. - Matoso Maia! O primeiro ministro do Juscelino foi um que morreu, que era padrastrado do Suzano - não me lembro agora o nome dele, era um moreno...

L.H. - É isso mesmo: o primeiro foi Antônio Alves Câmara Júnior, que morreu, depois foi o Matoso Maia.

F.T. - Era muito reacionário. Mas naquele momento nós conseguimos neutralizar o problema, até que a Marinha comprou o porta-aviões.

L.H. - Mas foi uma política deliberada do Juscelino para acalmar a Marinha?

F.T. - Exatamente. Agora, a Marinha comprou um porta-aviões e não deu aviação ao porta-aviões, porque nós não deixávamos, nós não deixávamos.

L.H. - Ficou como um elefante, não é? Porque porta-aviões sem aviões...

F.T. - Então ficou o tal "Belo Antônio", que era o apelido do porta-aviões, porque não era de nada, não tinha nada. A questão levou muito tempo, e só com Castelo Branco foi que o problema da Marinha veio a se resolver, ter os pilotos..., Então, durante um certo período, nós tínhamos um grupo de aviação embarcada, mas fazíamos o treinamento todo em terra, não íamos ao porta-aviões, porque a Marinha não deixava. Aquilo ficou inútil até que se resolveu o problema com a Marinha utilizando helicópteros, mas ela não chegou a utilizar aviões. E o Castelo era contra a solução da Marinha. Eu me lembro que no tempo do Jango - vamos avançar um pouco - estava no auge o problema político, e Castelo fez uma circular aos generais muito agressiva para o Jango, para o quadro total.

L.H. - Foi a circular do dia 20?

F.T. - Foi. Então pediu-se a saída do Castelo do cargo - ele era chefe do Estado-Maior do Exército -, e o Jango disse: "Vou tirá-lo" - disse por lá, não a mim. Na verdade, eu me lembro que dias depois encontrei o Jango num embarque e perguntei: "Presidente, e a questão do Castelo Branco? Ele saiu?" - ele iria para o EMFA e ficaria encostado. O Jango disse: "Não, não pude botá-lo no EMFA" - para você ver o que era Jango - "porque ele me procurou e disse que não podia ir para lá, que a Marinha não o aceitava, porque ele era contrário à solução da Marinha para o problema do porta-aviões." Depois foi ele que deu a solução. O Castelo então continuou chefe do Estado-Maior e acabou tendo aquela participação em 64 que nós conhecemos, acabou sucedendo ao Jango na presidência.

L.H. - O problema já estava criado, então, nesse momento?

F.T. - Já estava criado desde esse momento. Mas era uma guerra ainda... Porque o porta-aviões foi comprado depois, mais no final do governo Juscelino, era o Melo o ministro. Mas aquela era uma guerra, vamos dizer, teórica, de ataques a uma posição, de defesa de outra, um choque de pontos de vista: a Marinha pleiteando uma aviação naval e nós nos opondo. Eu fui de Marinha, como disse a você, não tinha nenhum amor à Marinha, mas, no fundo, no fundo, achava que era justo a Marinha ter a sua aviação. Quer dizer, o papel da aviação independente não perderia nada pelo fato de a Marinha ter lá os seus aviõezinhos.

L.H. - Como se dá nos Estados Unidos, não é?

F.T. - Nos Estados Unidos e em todo lugar.

L.H. - Nos Estados Unidos a Marinha tem seus aviões, a guarda costeira também tem seus helicópteros...

F.T. - O Exército tem seus aviões, e há a força aérea independente, que é importantíssima e tem um papel que ninguém tira dela, que é o das grandes operações aéreas. Agora, por exemplo, com a bomba atômica, então, tudo depende da aviação.

L.H. - E no Brasil centralizou-se tudo na Aeronáutica?

F.T. - Tudo na aviação, por culpa dos ministros da Marinha e do Exército. Do Exército até, no caso, não posso falar; mas da Marinha, sim. Porque eles tinham horror à aviação naval! O ministro, na época, o Aristides Guilhem, tinha horror! Eu me lembro do caso de um tenente que foi ao comandante dele, um almirante, e disse: "Olhe, escolhi a aviação naval, vou para a aviação naval." E o comandante: "Mas o senhor quer se liquidar?" Quer dizer, ele interpretou como um suicídio profissional o fato de o sujeito querer ir para a aviação naval.

L.H. - Essa mentalidade existia a tal ponto que a aviação não tinha na Marinha o *status* que tinha no Exército: ela não era uma arma, ela era um serviço.

F.T. - Exato. É claro que no período anterior à criação do Ministério da Aeronáutica, a grande figura da aviação militar era o Eduardo, que tinha na época um prestígio enorme com o Getúlio, então conseguia tudo, desde comprar aviões. Nós não tínhamos nada, a aviação naval era atrasadíssima do ponto de vista técnico. Estou dizendo isso a propósito da centralização. A centralização foi muito culpa dos ministros militares, que concorreram para que se estabelecesse um clima próprio à criação de uma aviação independente, de um ministério que cuidasse daquilo. Além disso, na época, estavam muito em moda aquelas doutrinas do italiano Douhet, de ataque em massa. Quer dizer, havia um ascenso da importância da aviação na guerra.

L.H. - Mas o desinteresse da Marinha acabou gerando essa centralização excessiva na mão da Aeronáutica.

F.T. - Podiam ter feito melhor: podiam ter criado o ministério, e alguém ficaria na Marinha. A Marinha manteria a sua aviação; e o Exército, a aviação de apoio indireto. Nada! Acabaram tirando tudo e criou-se, futuramente, esse problema, que não há com o Exército. Porque há realmente um entrosamento maior da aviação com o Exército do que com a Marinha, em que não há nenhum. Nenhum, nenhum, nenhum!

L.H. - Quando Melo assumiu o ministério ele empreendeu alguma política de pacificação desses brigadeiros descontentes através de nomeações?

F.T. - Empreendeu. Ele procurou dar comissão a todos, acho até que deu -, nessa época eu ainda era do gabinete. A política da administração Melo era pacificar, dando função a todo mundo, pensasse o que pensasse. O que era correto. Se era brigadeiro, tinha a sua função; podia ser mais importante, menos importante, podia não ser a que ele queria... mas tinha função.

L.H. - Claro, porque, com o tempo livre, o sujeito tem mais tempo para conspirar; se ele estiver trabalhando, está ocupado.

F.T. - E fica mais à vista. Porque, evidentemente, sempre há uma infiltração de alguém do nosso lado: "Olhe, ele está conspirando." Não é cagüetar, nem denunciar, mas, em suma, vigiar.

L.H. - O sujeito fica mais na vitrine. Foi exatamente a política contrária é do Nero no ministério, que deixou os brigadeiros em casa e nomeou coronel para posto de brigadeiro.

F.T. - A política do Nero foi essa. Também é verdade que houve uma reação muito grande dos brigadeiros à sua nomeação, uma reação inicial. Mas depois ele deu a Escola da Aeronáutica a um brigadeiro...

L.H. - Ah, sim, depois o Nero acabou nomeando, mas inicialmente ele teve uma política contrária à do Melo.

F.T. - Contrária à do Melo, ou diferente da do Melo. Mas, voltando: eu fui para o gabinete, o Melo assumiu o ministério, se não me engano, julho de 57. Digo isso porque foi justamente na data em que o meu pai faleceu. Até me lembro que Juscelino foi ao velório, e lá apareceu também o Fleiuss, para surpresa de todos nós. Acabou o Fleiuss saindo com Juscelino, numa tentativa de fazer com que este voltasse atrás - eu já contei o que determinou a saída do Fleiuss, não?

L.H. - Parece que foi o almoço para o Adil.

F.T. - O almoço para o Adil, a que o Eduardo compareceu, e Juscelino considerou aquilo um rompimento do acordo. Disse: "Ele sai, não fica mais." Juscelino, nesse ponto era muito teimoso, muito persistente, tirou mesmo o Fleiuss e acabou botando o Melo. Então fui para essa função, onde fiquei até dezembro. Em dezembro deram-se, parece, quatro vagas de brigadeiro. Eu era o coronel número oito ou dez, quer dizer, tinha uns oito ou dez na minha frente, e o Melo não queria me promover. Não sei por quê, talvez houvesse no fundo um ressentimento ideológico, já que nos dávamos muito bem, mas ele não queria me promover talvez até por que quisesse promover os que estavam na frente, o que eu achava justo: se eu era o oitavo, que fossem promovidos os quatro da frente, está perfeito.

L.H. - Havia essa possibilidade de pular? O quadro de acesso não era tão rígido?

F.T. - Havia a possibilidade de pular. Nessa época, todos os coronéis com dois anos de posto, uma coisa assim, que preenchessem determinadas condições entravam em lista. Não havia promoção por antigüidade, tudo era escolha. Nem era merecimento, era escolha do presidente.

L.H. - Mas indicado pelo ministro?

F.T. - A praxe era o ministro levar. Digamos, eram quatro promoções: ele levava quatro decretos em branco assinados por ele e, em anexo, uma relação dos coronéis que gostaria de promover ou que aconselharia a promoção. No caso, as vagas estavam abertas, e o Melo relutou muito, tinha muitas dúvidas, porque na minha frente estava o Adil, tinha mais uns dois ou três muito comprometidos com o antijuscelinismo, com a reação, em suma...

L.H. - Mas o Adil era o eterno preterido, o Melo podia tirá-lo da lista.

F.T. - E o Melo o preteriria com muito prazer, porque não eram amigos, eram inimigos - tinham até trocado bofetões há anos, quando jovens. Ele não gostava do Adil. E atrás de mim havia o coronel Adamastor Cantalice, que tinha sido ajudante-de-ordens do Getúlio e estava muito interessado, tinha esperança de ser um dos quatro, porque se dependesse do Juscelino, de quem ele era amigo, a mulher dele também conhecia Juscelino de Minas etc... mas ele sabia que na minha frente não passava. Então ia muito lá ao gabinete para saber sobre aquelas promoções presas, já danado com o Melo, e eu sabia que a dúvida do Melo era a minha dúvida: ele gostaria de promover o Adamastor, que era abaixo de mim, mas não podia me preterir. Acabou que ele levou os quatro nomes, que eu nem sei quais foram - evidentemente não foi o do Adil, e o meu também não estava. Acontece que já se havia criado um clima em palácio muito a meu favor, porque eu era chefe-de-gabinete e o Lino estava lá na presidência... O fato é que Juscelino me promoveu. Promoveu, e o Melo recebeu aquilo muito bem, foi o primeiro a me cumprimentar depois que Juscelino devolveu os decretos. E aí ficou a seguinte situação: eu tinha que sair do gabinete, porque meu posto era de coronel, e o posto de brigadeiro já estava ocupado pelo almirante, que era o chefe-de-gabinete.

L.H. - Só a chefia de gabinete é que é posto de brigadeiro?

F.T. - Só a chefia de gabinete. O resto todo do gabinete é ocupado por coronéis, tenentes-coronéis, maiores... Então eu disse: "Bom, vou sair." Eu não pleiteava tirar o Amarante, não era esse o meu desejo, mas ocorreu um fato para o qual não tive a menor influência. Foi o seguinte: Juscelino brigou com o presidente ou diretor - não me lembro o título, parece que era presidente - da Fábrica Nacional de Motores, que era estatal. Como Amarante era engenheiro da Aeronáutica, mexeram lá em palácio, não sei o quê, algum conhecido achou que a vaga era excelente para ele e propôs ao Juscelino seu nome para o cargo. Juscelino, então, falou com o Melo e mandou-o convidar o Amarante para a FNM. O Amarante pensou... Eu não tive influência nenhuma, embora haja quem diga que fui eu que manobrei para ser chefe-de-gabinete.

L.H. - O senhor jura que não teve influência?

F.T. - Nenhuma, nenhuma. [risos] Palavra de honra, que nenhuma! Aliás essas coisas são engraçadas, porque sempre me atribuem milhões de... Mas nessa eu não tive nenhuma influência. Saiu o Amarante, vagou a chefia de gabinete. Eu, brigadeiro, no gabinete ainda, porque ainda não tinha... O natural seria que fosse eu o indicado. Aí foi uma luta! Aí, sim, houve uma pressão do palácio, porque o Juscelino achava que era eu quem devia ser o chefe-de-gabinete. Naturalmente não ele, pessoalmente, porque me conhecia muito pouco, mas por causa do Lino, por causa daqueles coronéis da polícia de Minas...

L.H. - Por que aqueles coronéis da polícia de Minas?

F.T. - Porque eram amigos do Lino; eram amigos do Lino e meus amigos. Eu me encontrava muito com eles, então eles achavam que devia ser eu. Porque é mais fácil você ter um chefe-de-gabinete conhecido, é bom ter. Na Aeronáutica, então, que tem aviões... Às vezes você quer arranjar uma passagem para um amigo, um avião... Era o chefe-de-gabinete que manobrava com isso, então eles queriam um conhecido. Se botassem um que eles não conhecessem, teriam que fazer relações. Estou apenas especulando, não é? O fato é que, depois de muita relutância, ele me nomeou chefe-de-gabinete. Aí - é preciso confessar isso - agravou-se a crise na Aeronáutica. Não estourou a crise, mas o

estado de... Porque esses brigadeiros sentiram ou imaginaram que daquela hora em diante o ministro ia ser eu, inimigo terrível deles, e eles meus inimigos.

L.H. - E no mínimo o senhor era um brigadeiro fresquíssimo, tinha acabado de ser nomeado.

F.T. - Fresquíssimo! Tinha acabado de sair, exatamente. E aqueles mais antigos, o Antônio Guedes Muniz, o Ivo Borges, o Ismar Brasil, os mais salientes do lado de lá...

L.H. - Por onde andavam os irmãos Brasil? Porque eram dois o Carlinhos e o Ismar.

F.T. - Eram dois irmãos, e todos os dois tinham função: o Ismar comandava a II Zona Aérea, um lugar de importância na época, e o Carlinhos - não sei quando reformou-se, porque era mais velho - não sei se estava na Escola de Estado-Maior da Aeronáutica... Mas todos os dois tinham função. O Ivo Borges era o inspetor, e o Muniz tinha também função, embora o Melo não gostasse deles.

L.H. - E o Fontenele, por onde andava?

F.T. - O Fontenele, acho que era da diretoria... Não, do DAC era o Dario Azambuja. O Fontenele tinha função importante, mas não me lembro bem onde ele estava nessa época.

L.H. - Quer dizer que esse pessoal do Nero não ficou encostado, de certa forma o Dario, o Amarante e o Fontenele continuaram atuando.

F.T. - E com muita força. O Dario foi promovido a brigadeiro, já era brigadeiro, e foi ser o diretor do DAC, o que a meu ver, foi o seu fim. Porque o DAC era - e depois nós vamos ver no próprio ministério do Melo a importância do DAC - o lugar onde os maiores interesses financeiros e econômicos que passam pela Aeronáutica se decidiam. Era *Panair*...

L.H. - Concessão de linhas?

F.T. - Concessão de linhas e tudo. Em suma, era uma fonte de corrupção muito grande, e eu acho que foi aí que o Dario se perdeu um pouco. Porque ele era um oficialão, um homem de primeira qualidade, mas ficou no DAC... Depois até se aborreceu comigo, porque o Melo não gostava dele. Mas ele conhecia o Juscelino. Não sei se contei, no tempo do Nero, a saída do Dario da chefia-de-gabinete. Acho que não contei. Foi um fato até interessante: o Dario era o chefe-de-gabinete do Nero e eu tinha muito boas relações com ele desde o tempo de Marinha: éramos companheiros de Marinha, e ele me tinha em muito boa conta, apesar da minha fama, da campanha contra mim. Como eu disse a você, uma das razões que me recuperaram foi o Dario na chefia-de-gabinete. Então nós tínhamos muitas relações. Num dado momento - isso que vou dizer aqui, naturalmente, é gravação para nós - o que constava na época, e aparece que era verdadeiro, era que a...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

F.T. - Getúlio, então, chamou seu ajudante-de-ordens, que era o coronel Clóvis Costa, mandou-o ir avisar ao Nero que ele mandava dizer o seguinte: que o Nero tirasse o Dario da chefia-de-gabinete. E o Nero, a contragosto, tirou o Dario e mandou-o para ser adido em Paris - ele foi ser adido em Paris. Eu, então, bancando um pouco o ingênuo, mas sabendo de tudo, fui ao Dario e disse: "Mas Dario, não entendo! Num momento de importância política como esse, você é a alma dessa coisa, ir para Paris?"

Trocar por uma função em que vai ganhar um dinheirinho tem certa coisa, mas..." Ele disse: "Eu também não entendi." Foi aí que o Amarante o substituiu.

L.H. - Não foi mais ou menos nesse período que o Melo foi ser adido em Washington?

F.T. - Exatamente nesse período o Melo foi adido em Washington.

L.H. - E o Epaminondas, então, foi para o comando da III Zona?

F.T. - É, Melo foi adido no tempo do Nero, logo no começo do Nero. Também o Getúlio gostava muito do Melo. Gostava muito! E o Melo adorava negócio de americano, de americana, aquelas farras americanas e tal... Então ele foi adido numa primeira fase.

L.H. - E o Dario foi para Paris?

F.T. - O Dario foi para Paris, já no fim do Nero, tanto que a crise do Getúlio estourou com o Amarante na chefia.

L.H. - Exatamente, o problema da Toneleros e tudo mais. Então o pessoal do Nero, de qualquer forma, estava atuando ainda?

F.T. - Estavam todos atuando, bem-situados, e foram homens que ajudaram muito a posse do Juscelino. É preciso que a justiça seja dita: o Grupo de Caça foi juscelinista, porque o forte do Nero na Força Aérea era o Grupo de Caça. Todos eles foram juscelinistas, pela posse, tanto que reprovaram muito o fato de... Quando o Eduardo deslocou a aviação para Salvador no 11 de Novembro, levou também o Grupo de Caça. E o comandante do Grupo de Caça, que depois veio até a ser ajudante-de-ordens do Juscelino, o major Goulart, explicou que foi justamente para manter a unidade do grupo e tal, mas que não atuaria militarmente. O fato é que ele foi.

L.H. - E eles se deram bem com o Melo no ministério?

F.T. - Com o Melo no ministério, se deram bem. O Melo gostava do pessoal do Grupo de Caça, os Moreira Lima, essa turma toda. E o Amarante foi chefe-de-gabinete do Melo, que era um homem que foi chefe-de-gabinete do Nero. Então havia um entrosamento muito grande entre o Melo e o Amarante, o que não havia com o Fleiuss. Quer dizer, no governo Juscelino houve esse interregno de um ano e meio do Fleiuss.

L.H. - Com o Seco, também, eu acho que as relações eram boas, porque ele tinha sido igualmente do gabinete do Nero.

F.T. - Eram muito boas. Ele foi chefe do estado-maior do Nero até ir para os Estados Unidos.

L.H. - Quer dizer, foi nesse período do Fleiuss que o Grupo de Caça, ou o pessoal remanescente do Nero, ficou...

F.T. - Meio por baixo. Nós também, o grupo nacionalista. Bom, mas fui nomeado chefe-de-gabinete em fins de 57, e fiquei até o fim do governo.

L.H. - Como o senhor combinou suas atividades de chefe-de-gabinete com a campanha do Clube Militar, que se abre geralmente em dezembro ou em janeiro?

F.T. - Bom, aí minha atuação já foi menor. Menor no sentido de... Espere aí: a campanha do Segadas foi em 56, já no governo Juscelino, mas eu ainda não era chefe-de-gabinete, ainda era coronel. Dessa eu participei ativamente! Houve até um detalhe: nós queríamos convidar para presidente do clube o Haskett Hall, que comandava o II Exército, já para prepará-lo para substituir o Denis, que ia cair na compulsória naquele ano.

L.H. - Que foi quando aconteceu a "lei Denis" no Congresso.

F.T. - A "lei Denis," exatamente. Eu até fiz parte da Comissão que foi a São Paulo convidar o Haskett Hall para presidente do Clube. Qual seria a jogada política? Primeiro, ele era um bom candidato para nós; segundo, estaria interessadíssimo em concorrer porque seu tempo em São Paulo estava terminando e ele queria vir para o I Exército no Rio. Se se elesse presidente do Clube, já seria uma forma de insinuar ao Juscelino seu nome para o I Exército. Então fomos convidá-lo para se candidatar à presidência do Clube. Éramos três oficiais, eu e mais dois do Exército. Ele nos recebeu, em princípio aceitou, mas ficou de dar uma resposta em dois ou três dias na casa dele aqui no Rio. No dia marcado fomos até lá, e ele disse: "Aceito, mas com uma condição: eu indico a chapa toda." Nós então dissemos: "Olhe, general, isso seria muito bom, mas acontece que se fizer isso o senhor perde a eleição."

L.H. - A idéia não era bem essa: a idéia seria apresentar a ele uma chapa já pronta, não é brigadeiro? [risos]

F.T. - Claramente! Mas a título de quê? De que seria uma chapa capaz de se eleger, porque se ele escolhesse aquela turma dele, não ganharia.

[FINAL DA FITA 11-A]

F.T. - Essa decisão do Haskett Hall foi muito influenciada por um tal, na época, coronel Confúcio – não é esse que está no Instituto do Açúcar e do Alcool, não, era um outro –, que era um reacionário danado, tinha uma aversão enorme ao nosso grupo. Ele disse: "O senhor aceite, mas faça a chapa toda." Ele então não aceitou. Esse Confúcio acabou general ou marechal - acho que já é morto -, e depois de 64 foi o primeiro chefe da Operação Bandeirantes, a Oban, em São Paulo. E a neta do marechal Haskett Hall meteu-se naquela guerrilha urbana, esteve presa em São Paulo. E o Confúcio era o chefe da coisa. Quer dizer, era um sem-vergonha! Acho que o marechal já tinha morrido na época, porque parece que isso foi em 70...

L.H. - Há uma lenda de que o posto de comandante do II Exército era perigosíssimo na época do Ademar governador, porque ele seduzia os comandantes e todos voltavam de lá encantados com ele. Costa e Silva encantado com o Ademar... Como eram as relações do Haskett Hall com o Jânio governador?

F.T. - Acho que não eram más, não. O Haskett Hall era um homem diferente do Costa e Silva. Ele era muito respeitável, ouviu? Muito sério. Acredito que fossem boas suas relações com Jânio. Jânio devia

respeitá-lo. Não o corrompeu, porque não há notícias disso, não houve hipóteses. Acho que foram boas as relações, mas não tenho maiores detalhes.

L.H. - Quanto ao Clube Militar, ele acabou recusando ou vocês retiraram o convite?

F.T. - Não, retiramos o convite: "Vamos convidar outro." E convidamos o Segadas, que era, se não me engano, subordinado ao Haskett Hall em São Paulo, comandava a Infantaria Divisionária. E o Segadas aceitou. Ora, ser eleito presidente do Clube - o Segadas era general-de-divisão na época - era uma coisa... E nós ganharíamos a eleição, porque estávamos com Juscelino, como ganhamos.

L.H. - Sim, mas o que pensava o Segadas dessa coisa toda? Ou, na verdade, brigadeiro, francamente, era uma coisa mais oportunista de vocês convidarem um general assim?

F.T. - Ah, sim, era. De certa forma era. Embora as condições que colocássemos fossem, por exemplo, fazermos o secretário do Clube, fazermos os vários diretores... Quer dizer, para funcionar, o Clube ficava dependendo muito da nossa atividade ali.

L.H. - Ficava nas mãos de vocês.

F.T. - Agora, o Segadas não discutiu. Aceitou e comportou-se magnificamente, porque foi uma eleição duríssima. Nosso adversário no Clube era... Não me lembro exatamente, futuramente dou a vocês esse nome.

L.H. - Não era aquele que ficou no lugar do Canrobert? Porque o Canrobert, quando morreu, era presidente do Clube; o vice era o Juarez, mas ele havia se afastado com o negócio da presidência da República e não voltou. Ficou então um Pedro não sei o quê... Seria esse o candidato contra o Segadas?

F.T. - Não, não era. Não tenho certeza, depois eu digo a vocês. Foi uma eleição duríssima, porque há quatro anos nós não tínhamos o Clube.

L.H. - Exato. E há quatro anos eles tinham, então queriam permanecer.

F.T. - E eles tinham há quatro anos, exatamente, o que era uma vantagem com aquele quadro social todo. Lott era o ministro da Guerra do Juscelino, mas não intervinha nesses problemas, não. E a cúpula militar do Exército era muito contra nós. Mas o Lott, não faria isso, intervir e tal. O chefe da comissão escrutinadora era um general que já morreu - tinha um filho que era da artilharia de costa -, morreu até num acidente, de tiro que levou de um assaltante. Ele era o chefe da comissão escrutinadora e eu era o subchefe, na época ainda era coronel. E começou a votação. A votação durava um dia inteiro, até as seis horas, e aí começava a apuração, que ia pela noite adentro. Na apuração, nós sentimos que a eleição ia ser dura, porque anularam muito voto nosso. Sei que quando chegou ao final, o presidente da comissão escrutinadora estava com, digamos, duzentos votos em suspenso, que tinham sido impugnados por um lado e por outro. Então ele adotou o seguinte sistema, muito interessante: eram designados para a mesa, para o palco, três da chapa do Segadas e três da chapa adversária para, sem ver o voto, mas apenas com o histórico da impugnação, dizer se o voto era válido ou não. Disso estava dependendo a apuração, o resultado final. Eu conhecia a fundo a nossa votação, porque trabalhava dia e noite nisso - nessa época eu estava na Escola Superior de Guerra, não fazia nada, minha dedicação

era completa àquele negócio. Então ele dizia: "Voto de fulano de tal: impugnado por isso, impugnado por aquilo, invalidado e tal. O que você acha?" Eu não via o voto, mas sabia que aquele voto era nosso.

L.H. - Voto de fulano quer dizer na verdade voto para fulano, porque o nome do eleitor não aparecia.

F.T. - Ele dizia o nome do eleitor, porque o voto não era secreto. Então eram os casos em que o eleitor não dizia para quem era o voto.

L.H. - Na cédula, na carta, vinha o nome do eleitor?

F.T. - Do eleitor, assinado com firma reconhecida e tal. Então ele botava: "Tal voto..." Eu já sabia que o voto não era nosso, então dizia: "Impugnado." Eles que não sabiam, diziam: " Impugnado. "Quer dizer, impugnavam o voto deles mesmos, era uma vitória! Isso foi até o último, e nós ganhamos a eleição por 37 votos. O Segadas ficou numa gratidão tremenda a mim, porque eu fui o autor da coisa, já que conhecia todos os nossos votos. [risos] Até me disseram: "Mas você vai se meter nisso?" Eu: "Pode deixar, está tranquilo." Não anulava nenhum dos nossos votos - se eles anulavam, estava muito bem - e anulava todos os deles. Foi uma coisa! Isso foi até as quatro horas da madrugada, até a manhã do dia seguinte, então proclamaram o resultado: ganhamos por 37 votos, uma eleição de 12 mil votos, seis mil para cada um, ou dez mil votos e tal. Foi nessa que elegemos o Segadas, e o nosso Haskett Hall perdeu a chance de...

L.H. - Ser presidente do Clube e possivelmente comandante do I Exército.

F.T. - Nem uma coisa, nem outra. Brigou com Juscelino e acabou até lucrando, porque o Juscelino o mandou para a ONU, nos Estados Unidos. Imagine, general-de-exército ganhando em dólar nos Estados Unidos! Ficou milionário! Ele já era rico, não era um homem pobre.

L.H. - Nós temos falado muito nesses oficiais da Aeronáutica que vão ser adidos em Washington, em Paris, e numa série de depoimentos que temos, dizem muito que o início da influência dos adidos militares americanos no Brasil se deu a partir do Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, porque ele implicava a compra de material etc. É verdade isso?

F.T. - Muita, muita. Mas não era só isso. Pelo acordo, eles cediam o material, quer dizer, material para ser empregado de determinada maneira. É verdade que funcionava uma Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, que daria a última palavra. Mas a informação do adido era muito importante.

L.H. - Então conquistar as boas graças do adido era fundamental?

F.T. - Era! Nós cortejávamos os adidos americanos aqui na Aeronáutica! Cortejávamos! Eles tinham um tratamento especial: festas

para eles, gostavam muito de *whisky*, então muito *whisky* para eles e tal... Eram cortejados, porque deles dependia em última análise informar sobre a real necessidade daquele equipamento, como era empregado o equipamento aqui.

L.H. - E isso surgiu do acordo, a partir do acordo?

F.T. - A partir do acordo. E o acordo era terrível. Por exemplo, nós recebemos uma unidade de patrulha que funcionava em Salvador, ela era proibida de operar no Sul pelo acordo, só podia operar no Nordeste.

L.H. - Mas isso implicava que vocês teriam que ter também uma unidade de patrulha no Sul, mais material?

F.T. - Como não interessava ao americano, porque a nossa guerra no Sul era uma guerra que não tinha nenhum interesse para ele, talvez até fosse contra ela, nem existia a possibilidade de... Então o negócio era Nordeste.

L.H. - E o senhor acha que data daí também essa presença americana maciça no Brasil? Porque eu me lembro de uma entrevista que li há alguns anos do Lincoln Gordon na *Veja*, em que ele dizia que o pessoal americano no Brasil - entre funcionários de embaixada, aqueles movimentos tipo Voluntários da Paz, Ponto Quatro, Aliança para o Progresso, em suma - era o mais numeroso do mundo.

F.T. - Eu acredito. Era enorme!

L.H. - E que, não me engano, o sucessor do Lincoln Gordon, ou o sucessor do sucessor, enfim, teve como política reduzir drasticamente a presença do pessoal americano no Brasil. O senhor acha que isso tudo está muito misturado na mesma panela? Quer dizer, adido, acordo militar, era essa coisa do Nordeste que preocupava muito a todos eles?

F.T. - Não! A interferência americana nas forças armadas brasileiras era total, total! Desde o equipamento! E eles cultivaram isso sobretudo a partir da guerra-fria, e com uma atenção especial. Não só as equipes de americanos trabalhando eram enormes, como também convidavam militares brasileiros para irem visitar os Estados Unidos. Isso era constante.

L.H. - Agora, do ponto de vista estritamente técnico, o Brasil tirou muito proveito disso?

F.T. - Não creio, não creio. Do ponto de vista da Aeronáutica, a guerra trouxe um grande impulso ao desenvolvimento técnico militar da Força Aérea. E trouxe, inclusive, com a ajuda do americano. Porque desde o momento em que o americano se empenhou na sua preparação para a guerra, e ganhou a eficiência que nós conhecemos - particularmente até na aviação -, que era muito grande mesmo, ele nos ajudou muito, criando, como eu disse anteriormente, cursos de treinamento para patrulha, para um emprego mais...

L.H. - E de um padrão de qualidade bastante bom.

F.T. - Que não se obteve nas fases anteriores, das missões francesa, americana... No Brasil nós tivemos uma missão americana...

L.H. - Na Marinha, não foi?

F.T. - Na Marinha, e já no Ministério da Aeronáutica, uma missão americana...

L.H. - Ah, sim, no Ministério da Aeronáutica! Mas no Exército, nunca. No Exército sempre foi missão francesa, não?

F.T. - No Exército foi missão francesa, até acabar a guerra, porque aí não teve mais missão nenhuma. Mas havia estágios e... Não sei... O Exército não tinha uma missão militar americana, mas havia muita interferência americana em sua preparação e formação. Mas na Aeronáutica tivemos antes da guerra uma missão militar americana, que foi chefiada...

L.H. - Foi aquela chefiada pelo Le May, que esteve aqui pilotando uns...?

F.T. - Não. Pelo White que foi anterior ao Le May e foi o comandante-em-chefe da força aérea americana durante a guerra. Um sujeito muito simpático, falava português... Ele esteve aqui no Brasil e foi expulso! Era isso que eu queria dizer: ele foi expulso daqui! Porque houve aquele período do Brasil entrar na guerra, aquela fase do Getúlio, as dificuldades do Getúlio, e acabaram expulsando o White daqui. Eu o conheci, era um general...

L.H. - Um general?

F.T. - Não, quando ele veio aqui era coronel. Depois foi a general e foi o chefe da força aérea americana durante a guerra.

L.H. - Então ele foi anterior à visita do Le May?

F.T. - Anterior à visita do Le May, porque Le May foi depois, já no fim da guerra O Le May comandava a força de bombardeio americano...

L.H. - Exatamente. Ele veio pilotando uns B-17 que estiveram aqui.

F.T. - Exatamente. Depois o Le May substituiu o White no comando-em-chefe. Mas eu quero dizer o seguinte: a missão não teve sucesso aqui, embora eu acredite até que tenha sido útil, porque nós já estávamos meio atrasados. Mas veio a guerra, os americanos foram expulsos. Depois Getúlio entrou na guerra, o Brasil entrou na guerra, e nós começamos a ter um contato mais estreito com eles, porque eles tinham que patrulhar o litoral. Era imprescindível para eles. Nós começamos a nos intercalar nessa coisa e acabamos com grupos extremamente eficientes patrulhando o litoral.

L.H. - Mesmo com o adido e essa coisa de ceder equipamento etc., o senhor não acha que houve proveito técnico?

F.T. - Nenhum, acho que nenhum. O acordo Brasil–Estados Unidos, que marcou a maior dependência do Brasil já depois da guerra, já com o Getúlio na presidência, e uma interferência direta dos militares americanos na vida militar do Brasil não trouxe a meu ver nenhuma vantagem. Nenhuma, nenhuma, nenhuma!

L.H. - Que tipo de equipamento era repassado?

F.T. - Equipamento em geral já usado, já usado. Não que fosse mau, para nós era até bom, mas com muitas restrições humilhantes, humilhantes.

L.H. - Quer dizer, já era equipamento obsoleto nos Estados Unidos?

F.T. - Já, já. Isso, sim, não há dúvida nenhuma: era equipamento já obsoleto nos Estados Unidos. Mas aqui para nós, eram bons os aviões. Esses aviões ficaram até na Bahia, no nosso tempo do Melo. O Melo era muito americanista, adorava o americano, mas ele não tinha uma visão muito grande do aspecto geral do problema, de equipamentos, de treinamento.

Mas então, continuando a nossa história, eu assumi a chefia do gabinete, e a coisa funcionou bem.

L.H. - O que eu havia perguntado quando voltamos para a eleição do Segadas era como o senhor tinha combinado sua atividade na chefia do gabinete do Melo com a campanha, dessa vez, do Justino para o Clube Militar. Primeiro: por que a escolha do Justino?

F.T. - Por que a escolha do Justino, que foi em 58? Eu estava na chefia do gabinete. E nós não tínhamos um campo muito grande para escolher esses generais. Talvez tenhamos escolhido o Justino por ser o de menor significação no quadro do Exército -, talvez até seja uma confissão um pouco... Nos interessava um pouco... Não foi o caso do Segadas, que era um homem que tinha estado na guerra, tinha um passado. O Justino era muito apagado e de muito má fama.

L.H. - Digamos que talvez fosse mais facilmente manobrável.

F.T. - Manobrável, exato. Então botamos o Justino e nosso adversário foi o Castelo Branco, o marechal Castelo Branco. Essa foi a maior vitória que conseguimos dentro do Clube Militar, talvez maior do que a do Estillac, a primeira vitória do Estillac. E eu participei: não era mais chefe lá, mas tinha sempre tempo e trabalhei muito na campanha do Justino. Nós ganhamos fácil do Castelo. O Castelo ficou até... Porque quando acaba a apuração, a comissão escrutinadora proclama o vencedor. Então ficamos, uma meia-dúzia, até o fim, o Castelo também ficou. Quando ele ouviu a proclamação da eleição do Justino - eu estava ali, em pé, defronte dele e tal -, saiu uma fera, porque era uma desmoralização total para ele. O Justino era o fim, e ele, que já era um general de prestígio, foi derrotado pelo Justino!

L.H. - O que o senhor achava do Castelo?

F.T. - Era um homem que, inegavelmente, no quadro de oficiais do Exército, tinha um grande destaque. Era um homem inteligente, não há como negar, e com uma cultura geral pouco comum no meio militar. E cultivava muito relações em que pudesse exibir essa cultura. Por exemplo, era muito amigo do Humberto, que foi diretor da *Revista* no tempo do Estillac, e o Humberto é um homem muito inteligente, com muita cultura. Então ele cultivava isso. Acho que o Castelo era um homem ambicioso - ambicioso de liderança militar, e depois até de liderança civil - e muito superior ao nível existente dentro do Exército. Eu não conheci pessoalmente o Cordeiro, assim, de avaliar, mas conheci o Juarez, conheci o Justino, conheci o Canrobert, e o Castelo era muito superior a essa gente. E fazia muita questão de, aparentemente, ao contrário do Eduardo, que não tinha essa cautela, se mostrar apenas militar. Ele era apenas militar. Era um homem que tinha seus complexos, porque era feio, com o corpo meio desajeitado, mas supria essa deficiência de estampa com uma inteligência maior do que a dos outros, dos colegas, então brilhava. Quando fui aluno da Escola Superior de Guerra, o comandante era o Seco e ele era o diretor de ensino. Não sei se já contei, mas houve um fato muito interessante do Guerreiro Ramos.

L.H. - Contou, da palestra do Guerreiro.

F.T. - O Castelo ficou irritadíssimo! O Guerreiro, um professor, deu aquela, e ele saiu em cima do Guerreiro. Era muito vaidoso.

L.H. - Dizem muito que o Castelo era um homem rancoroso, talvez por ter um pouco misturada nessa necessidade terrível de vencer, digamos, uma aparência física desfavorável, essa coisa toda...

F.T. - Isso é possível.

L.H. - O senhor está me contando agora essa derrota do Castelo para o Justino. Se não me engano, foi o Justino que substituiu o Castelo no comando do IV Exército em 63, não foi?

F.T. - Foi, foi o Justino.

L.H. - Há um episódio de uma conversa do Castelo com o Arrais mais ou menos tentando jogar o Arrais contra o Jango, dizendo que era um sinal de grande desprestígio para Arrais o fato de que ele, Castelo, vinha para o Estado-Maior do Exército, e o novo comandante do IV Exército seria o Justino, que era um homem que não tinha qualidades. E ele faz, inclusive, uma série de observações negativas a respeito do caráter do Justino.

F.T. - Com razão, com razão.

L.H. - Agora o senhor está me contando essa história do Clube Militar, e eu não sei se também já estou jogando a bola muito para frente ou, digamos, reprisando muito este episódio, mas sei que há a história dessa conversa do Castelo com o Arrais.

F.T. - É muito possível.

L.H. - Porque o Castelo foi substituído pelo Justino no comando do IV Exército.

F.T. - É possível. Ele devia ter ódio do Justino, ele tinha. E com toda razão, porque o Justino não tinha caráter mesmo e o derrotou no Clube Militar. Quer dizer, numa coisa que ele levava como certa a vitória, saiu derrotado.

L.H. - O grupo do Castelo ainda se denominava Cruzada Democrática?

F.T. - Ainda era Cruzada Democrática. E nós não tínhamos denominação no Clube, éramos a chapa amarela. Nesse período - quero ver se me lembro bem quando foi - eu era chefe-de-gabinete do Melo, e o Melo programou uma viagem aos Estados Unidos - acho que já falei sobre isso.

L.H. - Não, o senhor disse que iria contar.

F.T. - O Melo foi convidado para fazer uma viagem aos Estados Unidos. A situação na Aeronáutica já era de uma oposição tremenda a ele, eu acredito - talvez não fosse a razão, mas diziam que era por minha causa - pela minha presença na chefia do gabinete.

L.H. - Mas o que o senhor andava aprontando naquele período que a reação estava tão grande?

F.T. - Nada, nada!

L.H. - Brigadeiro! [risos]

F.T. - Não, nada. Nosso único problema era manter o governo do Juscelino. E eles, que estavam conspirando contra o governo Juscelino, naturalmente se queixavam de que eu não dava campo para a conspiração. Mas o que eles queriam mesmo era um pretexto para desestabilizar o governo ou o que fosse. Então o Melo foi convidado para fazer uma visita aos Estados Unidos, que duraria 20 dias, e, conversando comigo, disse: "Quem eu vou deixar aqui na minha ausência?"

L.H. - Quem era naquela época o substituto do ministro?

F.T. - O substituto eventual do ministro para períodos cursos é o chefe do estado-maior.

L.H. - E quem era, o do Melo?

F.T. - Era o Reinaldo, de quem o Melo tinha um ciúme danado! Ele tinha medo de rodar do ministério por uma razão qualquer e o Reinaldo ir para o seu lugar. Era uma coisa terrível! [risos] Eu aconselhei, mas ele me opôs que não queria deixar o Reinaldo. E havia também a praxe nos ministérios, quando a ausência se dava por mais de uma semana, deve se colocar um outro ministro militar, no caso o da Marinha ou o do Exército. O da Marinha era o Matoso Maia, que o Melo não botaria porque tinha ódio dele por causa da questão da aviação embarcada. E a Aeronáutica também não deixaria botar o Matoso Maia. O outro era o Lott. Mas ele sabia da reação que haveria com o Lott.

L.H. - Também era problemático.

F.T. - Era problemático. Então acabou aceitando a idéia do Reinaldo, muito preocupado em que o Reinaldo acabasse ocupando o lugar dele.

L.H. - Mas não teve uma viagem do Lott que o Melo ficou em seu lugar?

F.T. - Foi aí que houve o problema: a viagem do Melo estava programada para dali a 15 ou 20 dias, tudo programado com muita antecedência, aquele sistema americano e tal, quando o Juscelino convidou o Lott para representá-lo no enterro do papa Pio XII.

L.H. - Isso foi em 1958...

F.T. - É, por aí. O Lott foi chefiando uma delegação brasileira. E aí, o que ele fez? Convidou o Melo para substituí-lo no Ministério da Guerra.

L.H. - O Lott já sabia dessa viagem do Melo?

F.T. - Não, não sabia. Não acredito que soubesse e não acredito em nenhuma malícia do Lott, porque ele não queria sofrer o que acabou sofrendo. Agora, para passar o Ministério da Guerra ao Melo,

convidou-o numa daquelas cerimônias militares impressionantes! Ele reuniu no saguão principal do Ministério da Guerra mais de cem generais!

L.H. - Bem do Lott mesmo, não?

F.T. - É. E o Melo em pé, fardado. Ele, um militar relapso, um sujeito que no Exército só fazia ser preso, receber as homenagens de uma centena de oficiais! E eu ao lado dele. [risos] O Melo ficou - aqui para nós - babado com aquela coisa! Era o auge da sua vida militar!

L.H. - É claro! Quem não gosta? Execrado no Exército e depois...

F.T. - Oriundo do Exército e desmoralizado no Exército. Aí voltamos no automóvel. Sob minha palavra, eu não dei uma palavra, ele mesmo puxou. Disse: "Veja você que coisa me aconteceu! Houve essa coisa toda, eu agora tenho que convidar o Lott para me substituir." Eu ainda disse: "Mas, Melo, bota o Reinaldo... Essa coisa vai complicar, o Lott aqui... E ele: "Mas não posso fazer isso!" Sinceramente...

L.H. - Mas ele não tinha escapatória. Pense bem, brigadeiro!

F.T. - Não podia fazer outra coisa. Eu até fiz assim uma de amigo da onça dizendo aquilo, mas eu sabia que ele tinha que botar o Lott.

L.H. - O senhor sabia que, politicamente, a coisa ia ser péssima. Agora, do ponto de vista do protocolo, ele não podia fazer outra coisa, senão seria uma tapa na cara do Exército.

F.T. - Exatamente. Então ele convidou o Lott para assumir o ministério. Isso foi uma bomba na Aeronáutica! Começou no dia... Ele não passou o cargo com a pompa que o Lott fez, não podia fazer o mesmo, porque nenhum brigadeiro iria.

L.H. - Mas a Aeronáutica, nós já conhecemos: os brigadeiros não vão.

F.T. - Ele passou o cargo no gabinete, e o Lott também não reclamou nada.

L.H. - Não passou recibo, não é?

F.T. - Aceitou, e no dia seguinte o Melo embarcou para os Estados Unidos. Era o dia 1º ou 2º de novembro, um feriado. Lá fomos todos para o embarque do Melo.

L.H. - Isso foi em 58.

F.T. - Deve ter sido em 58. Foi no fim de 58. Bom, o Melo foi embarcar, e o Lott foi ao embarque. E eu, chefe do gabinete do ministro que saía, continuei chefe-de-gabinete do que ficava. Então fiquei ali entre um e outro. O Melo estava se despedindo, quando vi passar na frente do Lott o brigadeiro Ivo Borges, que não o cumprimentou. O Lott, que já era um sujeito vermelho, ficou roxo! Mas, não disse nada. Eu vi aquilo, ainda corri para o Melo na porta do avião e disse: "Melo, o negócio vai ser um... O Ivo Borges passou agora pelo Lott não o cumprimentou, e o Lott está uma fera!" E o Melo: "Esse

canalha do Ivo Borges vai me estragar o embarque!" Mas satisfeitiíssimo de ir para os Estados Unidos! "Você agüenta a barra aí?" "Pode deixar, vá embora."

Depois do embarque levei o Lott até o carro dele, ele tomou o carro e eu fui para a minha casa. Era feriado, isso foi de manhã. Às 11 e pouco, o Lott bateu o telefone para mim: "Brigadeiro, o senhor chegou bem?" "Cheguei, e o senhor? Foi tudo bem?" E o Lott: "Tudo bem. Brigadeiro, os senhores usam na Aeronáutica o 'deveis informar'?" - o 'deveis informar' é um memorando que o sujeito manda para um faltoso, para que ele explique a falta, para depois puni-lo. Eu já vi logo o que era e disse: "Usamos, sim senhor." Aí o Lott: "Então, o senhor me faça o favor" - porque quem fez o memorando é o chefe-de-gabinete - "de fazer um 'deveis informar' para o brigadeiro Ivo Borges."

[FINAL DA FITA 11-B]

F.T. - Então redigimos o "deveis informar" e mandamos para o Ivo Borges. Passou-se um dia, dois dias, eu recebi a resposta num envelope fechado e mandei para o Lott.

L.H. - O senhor não leu? Passou direto para o ministro?

F.T. - Estava fechado, não li, passei direto para o ministro. O Ivo Borges fechou para eu não ler, eu acho. [risos] Mandei para o Lott, no dia seguinte ele não me disse nada e não mandou prender o Ivo Borges. Então liguei para ele: "Ministro, o senhor podia me informar apenas por curiosidade: o Ivo Borges deu uma informação satisfatória?" Ele disse: "Veja o senhor, brigadeiro, é tal coisa: o senhor sabe, nós não podemos deixar de acreditar no que um oficial-general diz. E ele disse que não me viu. Aqui para nós, é um negócio de cabo de esquadra, mas vamos aceitar a coisa: ele disse que não me viu..."

L.H. - Mas o Lott entendeu tudo? Não acreditou absolutamente?

F.T. - Entendeu, tudo, tudo! Mas aceitou. Aí começou um drama danado: no dia seguinte havia uma cerimônia de formatura da Escola de Estado-Maior da Aeronáutica, presidida pelo ministro, o Lott. Eu já sabia que ia acontecer o diabo lá! Fui apanhar o Lott de carro, na residência dele, no Maracanã, e fomos para o Galeão, onde era a Escola de Estado-Maior. Aconteceu realmente o diabo lá, mas não veio a público, porque o comandante debelou a coisa e houve a cerimônia. Daí em diante, cada dia...

L.H. - Havia um probleminha de chateação?

F.T. - Não, pior! Ia um brigadeiro para os jornais e dava uma entrevista espinafrando a presença do Lott no Ministério da Aeronáutica. Lott me chamava, prendia o sujeito: "Quatro dias na sua residência." No dia seguinte, outro; dois dias depois, outro...

L.H. - E o Juscelino e a Casa Militar?

F.T. - Aí eu comecei a me preocupar com o problema, ouviu? Eu digo: "Bom, isso vai afetar o Lott. O Juscelino vai acabar dizendo 'este não pode ser ministro.' E eu pouco estou ligando para o Melo, quero é o Lott, que sustenta esse regime que está aí."

L.H. - Porque o Lott cairia do Ministério da Aeronáutica e do Ministério da Guerra.

F.T. - Exatamente. Bom, em quatro ou cinco casos que aconteceram, o Lott, tranqüilo, dizia: "Prensa! Prensa," como se estivesse tomando um cafezinho! Prendia o sujeito! E então, preocupado, ligava para o Lino nos Estados Unidos - o Lino também estava lá com o Melo.

L.H. - Quer dizer que o senhor não tinha o Lino como canal?

F.T. - Não tinha um canal na presidência. Uma coisa trágica! Estava numa dificuldade tremenda! Eu digo: "Isso não tem fim, porque agora vem dez, vinte brigadeiros, e o Lott vai acabar desmoralizado."

L.H. - Se o máximo que estava acontecendo com eles era uma prisão de quatro dias, estava bem, iam presos.

F.T. - Iam presos. Então liguei para o Lino, nos Estados Unidos e expliquei a situação: "Olhe, Lino, a questão não é o Melo, não estou preocupado em defender o Melo, estou preocupado em defender o Lott e o governo do Juscelino, porque sei em que medida a estabilidade do governo Juscelino depende da presença do Lott no Ministério da Guerra." Então ele disse: "Faça o seguinte: ligue para o Melo." Deu lá as dicas para ligar, e eu liguei para o Melo. O Melo relutou pra burro nesse negócio, ouviu? Relutou como o diabo, mas acabou dizendo: "Eu vou voltar." Interrompeu a viagem e voltou. Aí a situação acalmou. Para você ver que era o Melo e as razões porque hoje tenho de queixa dele: eu agüentei esse troço aqui sofrendo o diabo, porque aquela história me incomodava e eu não podia fazer nada. No dia que o Melo chegou, de tarde, chegou com o Lino, fui recebê-lo. Ele foi para casa, que era no Galeão mesmo.

L.H. - A casa do ministro?

F.T. - É. E eu disse: "Melo, vamos fazer o seguinte: você vai descansar, e logo mais à noite eu passo na sua casa para contar essa história toda que aconteceu aqui." "Está bom." Fui embora, cerca de oito e meia, nove horas da noite, me bati para lá, eu e o Lino.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

L.H. - O senhor já havia informado previamente ao Lino do que tinha acontecido?

F.T. - Já, porque quando ele chegou, eu vim com ele. E ele havia concordado: "É, vamos lá contar ao Melo." E fomos à noite. Aí eu contei ao Melo, narrei tudo aquilo, a casa dos brigadeiros, o procedimento do Lott, por que eu o havia chamado. Ele ouviu muito friamente o negócio. Quando acabei, me despedi: "Bom, até logo." E fui embora com o Lino. No automóvel, na volta, eu disse: "Lino, esse camarada está estranho." E o Lino: "É, está estranho realmente."

No dia seguinte de manhã, o Melo foi para o gabinete e eu também. Aí, conversa daqui, conversa dali, eu cheguei a mencionar o fato de ter estranhado sua atitude, mas ele acabou me dizendo: "Olhe aqui, vou contar uma coisa, Teixeira: ontem, depois que eu cheguei, recebi a visita do Guedes Muniz e do Ivo Borges," - os dois principais da coisa - "e eles me disseram que tudo aquilo que ocorreu não foi por minha causa, foi por sua causa, porque você é comunista." Eu fiquei gelado, mas, como tenho muito sangue-frio nessas horas... fiquei revoltado com aquilo e disse: "É você aceitou essa...?" "Não, foram eles que disseram..." Eu então disse: "Melo, vou dizer uma coisa a você: acho isso ótimo, acho realmente uma coisa muito boa, porque há muitos anos eu sei que dizem que sou comunista, mas

ninguém ainda me disse como eles disseram a você. De forma que agora você vai fazer o seguinte: chama os dois aqui no seu gabinete amanhã para eles declararem na minha frente que eu sou comunista, porque vou processá-los." Ele aí pulou - para você ver quem era o Melo: "Ah, mas isso é ótimo! Vamos fazer isso. Eu até entro de sócio no advogado." [risos] Você está a ver que nenhum dos dois apareceu lá, nem fizeram declaração nenhuma.

L.H. - Mas a que o senhor atribui essa atitude deles, se é que houve? Houve mesmo?

F.T. - Houve. Sobre isso o Melo não mentiria.

L.H. - A que então o senhor atribui a atitude deles?

F.T. - Eu fazia mal a eles, fazia mal. Então o caminho era esse. Eles não tinham absolutamente certeza se eu era ou não era comunista. Podiam até desconfiar que fosse, pela coerência das minhas posições contra eles, contra o americano...

L.H. - E uma acusação dessas, no Brasil, sempre dá "ibope", não é?

F.T. - Sempre dá "ibope", pois é. Dá "ibope!" Então eles lançaram isso. Não, devo fazer justiça a eles: era voz geral. Quer dizer, no campo dos meus inimigos eu era o chefe dos comunistas. Apenas, como não podiam provar, porque era uma mentira, eles não escreviam. Chamado às falas, ninguém faria isso, como não fez até hoje, nem eu estando preso. Nem eu estando preso, compreendeu?

L.H. - O senhor não acha que poderia ser também uma atitude no sentido de, digamos, matar dois coelhos de uma cajadada só? Por exemplo: tinha havido o incidente deles com o Lott, e o próprio Ivo Borges foi quem começou tudo.

F.T. - Tudo, tudo, exatamente.

L.H. - Eles, se antecipando e indo ao Melo, de certa forma teriam uma espécie de *habeas-corpus* preventivo contra qualquer acusação vinda do Lott ou do senhor, e no frigidar dos ovos o senhor sairia da chefia de gabinete do Melo, que sobraria para algum deles.

F.T. - É. E veja você a incoerência da acusação: o Ivo Borges era inspetor geral da Força Aérea. Há coisa de um mês, ele tinha feito uma inspeção pelo Brasil todo, quer dizer, ocultou as bases, viu o que havia de comunismo nessas bases e a minha influência com... Viu tudo que tinha que ver. Ao voltar dessa inspeção, apresentou um relatório que sabia que o Melo não iria ler, porque o Melo não lia nada - não sabe ler, não lê, não lia nada! Então, o que o Ivo fez? Apresentou um relatório e veio a mim, o comunista, o chefe-de-gabinete, pedir que tomasse providências sobre os fatos do relatório que ele achava que mereciam... Quer dizer, é um canalha esse sujeito! E 15 dias depois foi dizer que havia se rebelado porque eu era comunista! Quer dizer, é um cachorro!

L.H. - Por isso é que eu acho que, muito mais do que qualquer outra coisa, poderia estar em jogo conquistar as boas graças do Melo e arrebanhar a chefia de gabinete.

F.T. - Exatamente. Ele sabia que quem dava firmeza política à atuação do Melo - política no sentido de prestigiar o governo constitucional etc. - era eu. Então era preciso me tirar dali. Quando estava o

Amarante, eles não fizeram nada. Quando fui para lá, dei uma coloração política à administração Melo que ela nunca poderia ter. Eles então começaram o torpedeamento total, e culminou nisso. Só estou citando este fato, primeiro, para você avaliar o grau de assinatura, vamos dizer assim, de pressão que havia contra mim; segundo, para mostrar que o Melo é um homem sem caráter, porque ele tinha que reagir a isso. Se ele tivesse a menor desconfiança, mínima que fosse, que eu era comunista, ia me botar no seu gabinete? Não podia botar.

L.H. - E se o senhor não era, ele devia prender os dois.

F.T. - Ou pelo menos reagir aos dois: "Vocês são uns canalhas, estão mentindo, ele não tem nada disso, é um oficial eficiente. Vocês é que fizeram uma indisciplina." Porque a verdade foi essa.

L.H. - Porque o chefe-de-gabinete é da confiança estrita do ministro, se o senhor não merecia a confiança do ministro, deveria ter sido demitido; e se merecia a confiança, eles deveriam ter sido punidos.

F.T. - Tanto eu merecia essa confiança que, quando ele deixou o Lott no ministério, sabia que o ministro ia ser eu, porque dali em diante o Lott iria apenas assistir o que eu levaria para ele, porque ele não iria querer mudar a Aeronáutica. Pois bem: havia essa confiança, foram lá os dois sujeitos que ele sabia que eram dois canalhas - o Ivo Borges e o Guedes Muniz tinham uma fama horrorosa - e ele aceitou essa acusação a ponto de me tratar, quando fui à casa dele à noite, com a maior frieza! Eu, contando os fatos, de que ele tinha sido vítima, porque ele inclusive teve que interromper sua deliciosa viagem aos Estados Unidos... Quer dizer, era um homem dessas condições.

L.H. - A partir daí, suas relações com ele devem ter esfriado muito, não é?

F.T. - Ah, muito! Mas também quero ser franco nessas declarações que estou fazendo: eu nunca o tive em grande conta. Eu agüentei o Melo no ministério esses três anos que fui chefe-de-gabinete, porque várias vezes o Juscelino chamou o Lino e quis tirá-lo do ministério, e eu e o Lino o agüentávamos.

L.H. - Mas, por quê?

F.T. - O Melo era um relaxado. E o Juscelino ao contrário, era um homem... Não sei como Juscelino era pessoalmente, mas era um homem que acordava às seis da manhã, levava a sério os problemas. E o Melo não levava a sério coisa nenhuma. Houve uma viagem a Pernambuco, porque Juscelino ia inaugurar lá qualquer coisa ligada à aviação, e o Melo não compareceu, ou se atrasou... No avião, o Juscelino disse o diabo, porque ele era desbocado: "Esse isso, esse aquilo! Não pode continuar!" E eu e o Lino o agüentávamos. Houve mais, vou contar, embora talvez não seja... O Melo tirou o Dario do DAC. E eu não tive influência nenhuma nisso, porque ele não gostava pessoalmente do Dario. Nessa época eu fazia muitas restrições ao Dario, de corrupção, de procedimentos éticos, muitas restrições mesmo, mas não concorri para tirá-lo do DAC. Foi o Melo que o tirou. Então tratava-se de substituir o diretor da Aeronáutica Civil, de encontrar um substituto. Eu pensei muito no problema porque, dado ao fato, como já disse antes, de ser um lugar em que convergiam interesses enormes e variados, havia choques, antagonismos. Então disse ao Melo: "Melo, se eu fosse você, indicaria para o DAC um amigo do Juscelino. Se não fizer isso, você vai ficar numa roda-viva, porque eles vão ao Juscelino: o Rubem Berta, o César de Melo, todos eles têm acesso ao Juscelino, à dona Sara..."

L.H. - Já tinham ao Getúlio, não?

F.T. - Já tinham ao Getúlio, sempre têm, não é? E o governo depende muito deles, porque arranjam um avião, fazem aquela coisa...

L.H. - E a aviação civil teve um desenvolvimento brutal naquele período, não foi?

F.T. - Brutal, brutal!

L.H. - Porque o Brasil é um país próprio para o avião.

F.T. - Exato, o Brasil pede o avião. Então eu disse a ele: "Bote o Dirceu." – Dirceu de Paiva Guimarães. Era um brigadeiro amigo do Juscelino, mas era meu amigo também, compreendeu? Me acompanhava em tudo. Mas não foi por isso que o escolhi, não.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

L.H. - Ele também era amigo do Juscelino?

F.T. - Amigo, porque serviu anos e anos em Belo Horizonte, no tempo em que o Juscelino era governador do estado. Ele tratava o Juscelino de você! E eu sabia disso. Bom, mas o Melo ouviu aquilo e ficou calado. Um dia lá, sem me dizer nada, preparou o decreto nomeando um outro, o brigadeiro João Mendes da Silva, para o DAC. O brigadeiro Mendes da Silva era um tipo completamente oposto, um sujeito que tinha má fama, já havia tido um processo de contas erradas quando foi diretor de uma escola de especialistas, enfim, tinha má fama na Aeronáutica.

L.H. - Isso, no DAC, ia ser uma delícia!

F.T. - O decreto foi para o Juscelino, e o Juscelino deixou aquilo para lá, não fez a nomeação. Não fez de saída. Quando o Melo saiu, o Lino me telefonou: "Francisco, eu estou telefonando porque o presidente me chamou lá agora e me disse para avisar ao Melo que ele não nomeia esse ladrão para o DAC." Nessas palavras.

L.H. - O Juscelino então sabia quem era esse brigadeiro?

F.T. - Ah, disseram tudo a ele! Não sei se algum cupincha seu da *Panair*, mas disseram tudo a ele! "Não nomeio esse ladrão!" E o Lino: "Como nós vamos fazer?" Eu digo: "Lino, vá ao Juscelino e, pelo amor de Deus, consiga dele a nomeação do ladrão, porque se o ladrão não for nomeado, o Melo vai pensar que fui eu que interferi, porque quero o Dirceu." E foi nomeado o ladrão. Para você ver como ajudávamos esse camarada. Foi o ladrão para o DAC e, 15 dias depois: Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar por que foi nomeado um ladrão para o DAC. São dessas fraquezas que você não pode cometer! Aquele pessoal mais ativo do Lacerda - o Gustavo Borges, o Lameirão - obteve da Câmara uma Comissão de Inquérito. Intimado a comparecer, porque foi ele que nomeou, o Melo levou a mim e ao Mendes junto com ele. Era muito esperto, o Melo!

L.H. - Mendes era o ladrão? [risos]

F.T. - Mendes era o ladrão, quer dizer, talvez até nem fosse ladrão... [risos] Bom, fomos eu e o Mendes. Foi aí que vi a comissão: uma coisa terrível, aquilo! Um aparato!

L.H. - Como foi essa Comissão de Inquérito? Porque a UDN devia estar com os dentes todos afiados.

F.T. - Estava lá o Gustavo Borges por trás de um deputado que hoje é até muito amigo meu, mas que nessa ocasião estava na oposição ao Juscelino... Era nacionalista, do PSD da Paraíba...

L.H. - O Joffily?

F.T. - O Joffily! Acho que era o Joffily, não tenho certeza. E eles destrambelharam tudo! "O senhor nomeou para diretor da Aeronáutica Civil, que é um lugar de importância, que lida com tais interesses, com tais coisas, fulano de tal, que tem um processo em São Paulo, tem isso..." Botou a vida do homem inteira...

L.H. - Mas o Joffily era um defensor danado do Juscelino, não era?

F.T. - Pois é, estava defendendo o Juscelino. Aí irou-se o Melo - felizmente em nome dele -, muito espertamente, disse: "Eu justamente já sabia que os senhores iam tocar nisso e trouxe o próprio aqui, o senhor João Mendes da Silva, para responder." O João Mendes então se defendeu, mostrou que aquilo tudo havia sido passado, e julgado e não se provara nada. Acabou que a comissão não deu em nada. Mas para você ver como o Juscelino, no fundo, tinha até razão na coisa, porque o Melo poderia ter evitado todo esse dissabor.

L.H. - Nomeando o Dirceu.

F.T. - O João Mendes foi um mau diretor da Aeronáutica Civil, porque realmente é preciso não só ser muito honesto, muito insensível à coisa, mas também um sujeito com visão, porque o jogo de interesses ali depende de muita coisa. Foi mal, mas não foi... Tinha boas relações comigo, não fazia parte da oposição a mim, esse João Mendes da Silva. Mas estou contando a você como eram realmente difíceis as nossas relações com o Melo. Agora, por que, então, perguntam, eu o mantinha lá? Porque nós não tínhamos outro.

L.H. - Não tinham mesmo brigadeiro?

F.T. - Não tínhamos, pelo seguinte: a situação... Talvez, se tivesse sido nomeado o Reinaldo - que depois, no Jango, se revelou o melhor ministro do ponto de vista do nosso grupo na Aeronáutica - fosse melhor. Mas nós tínhamos medo do Reinaldo. Eu tinha má impressão dele. Já contei até a você um fato, quando houve o Ministério da Aeronáutica, que ele não quis me nomear, mas acabou me nomeando porque soube que eu era amigo do Eduardo. Então, qual era a vantagem que o Melo nos trazia? É que ele era respeitado.

L.H. - E politicamente mais ou menos neutro, não é?

F.T. - Neutro. No fundo, ruim politicamente, mas como queria ser ministro, enquadrava-se naquele quadro. Depois que houve o problema da viagem dele, do Lott etc. e tal, mais ou menos um ou dois

meses depois, correu um boato na Aeronáutica, lá no palácio, que o Juscelino queria tirar o Melo, porque achava que ele havia se comportado mal ao permitir que aquela crise tomasse vulto. E nós ficamos preocupados, porque tirar o Melo implicava botar outro e de novo tentar uma conciliação. Então liguei para o Lott, porque tinha feito boas relações com ele...

L.H. - Claro, no período que o senhor ficou como chefe-de-gabinete.

F.T. - Foram uns dez a 15 dias agitados, e ele viu a firmeza com que tratei dos problemas, a isenção que tive. Então liguei para o Lott e disse: "Ministro, estou ligando para o senhor" - nós sabíamos que o que o Lott dissesse, o Juscelino aceitaria - "porque está correndo um boato na Aeronáutica, e que vem do palácio, que o Juscelino quer tirar o Melo da Aeronáutica." Ele disse: "Mas, brigadeiro, o presidente é um homem de caráter, " - quer dizer, admitiu a hipótese- "por que tiraria o Melo? Ele é um ministro que está satisfazendo, a crise foi toda contra..." Também não disse que ia falar com o Juscelino, mas o fato é que o Melo não saiu.

L.H. - Vocês acompanharam a substituição do Matoso Maia? Porque parece que também houve uma crise complicada na Marinha.

F.T. - Ele saiu antes do término do governo Juscelino?

L.H. - Acho que saiu. Não sei, só me lembro que houve um grupo de deputados que queria que o Guilhobel voltasse, mas não tenho certeza se o Matoso Maia saiu antes do final do governo.

F.T. - Não, não acompanhei, não estou a par, não. Eu me lembro que, no fim, quando o Lott se desincompatibilizou para ser candidato, o Denis assumiu. Então ficou o Denis, o Melo e... Não era o Matoso?

L.H. - Não sei. Porque eu ouvi uma informação... O Juscelino promoveu duas reformas ministeriais: uma mais ou menos em junho de 58, a pretexto de que as eleições de outubro exigiam a desincompatibilização de uma série de ministros que queriam se candidatar, mas que na verdade já fazia parte de uma jogada mais ampla do Juscelino - o JK-65, aquela coisa toda e tal. Aí houve a saída do Alkmin, aquele problema todo. E outra, quando ele nomeou o Amaral ministro da Viação e mandou o Lúcio Meira para o BNDE. O Lúcio Meira saiu da Viação para o BNDE. Tenho a impressão de que, nesse período, houve uma tentativa do Alkmin de manter de alguma forma sua influência dentro do ministério - foi quando o Juscelino nomeou o Negrão para ministro do Exterior. Então houve uma tentativa do Alkmin de manter um certo poder dentro do ministério, o Guilhobel seria mais ou menos do agrado do grupo de deputados, basicamente da Ala Moça; filiado ao Alkmin. Então eles queriam o Guilhobel no lugar do Matoso Maia. Mas agora o senhor me deixou em dúvida, não sei se o Matoso Maia chegou a sair efetivamente.

F.T. - Eu também não tenho certeza.

L.H. Agora estou me lembrando: houve essa tentativa, mas o Matoso Maia continuou até o final do governo. E sobre Aragarças?

F.T. - Aragarças já foi no fim do governo, meses antes. Jânio já era candidato, não era?

L.H. - Era, porque isso aconteceu no fim de 59, não foi?

F.T. - Fim de 59.

L.H. - Nós temos ainda o ano de sessenta todo pela frente, com a campanha do Lott, mas vamos deixar isso para depois.

F.T. - A campanha do Lott também temos que ver. Bom, Lacerda foi contra Aragarças.

L.H. - Mas como nasceu Aragarças? Foi um rescaldo da fermentação na Aeronáutica? Porque nesse período do Juscelino, embora as crises com a oposição estivessem todas muito violentas, tanto Jacareacanga, quanto Aragarças foram movimentos muito chinfrins, não, brigadeiro?

F.T. - Sem nenhuma significação, sem nenhuma repercussão.

L.H. - O estado de ebulição em que a Aeronáutica ficou esses anos do governo Juscelino produziu dois movimentos muito ridículos, não é?

F.T. - O primeiro limitadíssimo, com uma pessoa... Duas, porque afinal aquele outro aderiu, aquele baixinho... Mas, em suma, ninguém nunca entendeu Aragarças direito, porque aquilo foi mais o pessoal do Lacerda do que o do Eduardo.

L.H. - É. Paulo Vítor, Lameirão...

F.T. - Paulo Vitor, Lameirão, Burnier, Veloso, aquele rapaz do Exército, o Tarcísio, coronel Tarcísio, que ficou em evidência...

L.H. - Coronel Tarcísio, exatamente: Tarcísio Nunes Ferreira, uma coisa assim.

F.T. - Um advogado civil, filho do Justo Mendes de Moraes, aquele que foi diretor da Caixa Econômica... Em suma, foi um movimento até de mais vulto do que o de Jacareacanga.

L.H. - Pelo menos teve mais gente.

F.T. - Exatamente. E eles levaram dois ou três aviões nossos, seqüestraram um avião comercial... Mas o interessante foi que Lacerda denunciou Aragarças ao Lott.

L.H. - Por quê?

F.T. - Porque ele já estava certo de que o Jânio se elegeria presidente da República. Então não era para se precipitar um movimento que não teria nenhuma possibilidade de sucesso, permitindo talvez uma reação brutal, coisa que não era muito do feitio do Juscelino, mas que poderia ter ocorrido. Então o Lacerda foi contra. É verdade que ele denunciou Aragarças através daquele deputado de Minas que era o presidente da Frente Parlamentar Nacionalista... Depois apagou-se muito mas nessa época ele era presidente da Frente Parlamentar Nacionalista ... Hoje é do PDS, mas não me lembro o nome dele.

L.H. - O presidente da Frente Parlamentar Nacionalista era o Bento Gonçalves.

F.T. - Bento Gonçalves! O Bento Gonçalves, por força dessa luta nacionalista, era muito lottista e tal - já se falava em Lott. Então o Lacerda ligou para ele e pediu que avisasse ao Lott - aliás, uma coisa estranha, porque ele devia ter avisado à Aeronáutica, já que era um movimento da Aeronáutica. O Bento Gonçalves estranhou aquilo, mas o Lacerda explicou o que era e ele ligou para o Lott, que ligou para a Aeronáutica, para o Melo, para nós. Então ficamos sabendo do movimento, mas não deu mais tempo de interceptar os aviões que saíam do Rio.

L.H. - Quer dizer que vocês não sabiam de nada até o telegrama do Lott?

F.T. - De nada, até o telegrama do Lott. Aí corremos para ver, e realmente verificamos: eles levaram dois ou três aviões daqui do Rio e seqüestraram um avião da *Panair*, se não me engano, que ficou em Aragarças. Mas aquilo durou pouco, porque eles não saíram de Aragarças - Aragarças é muito vulnerável -, nós acabamos aterrando lá com avião, eles decolaram e foram inicialmente para o Paraguai. Nosso adido no Paraguai era o coronel Ricardo Nicoll - hoje é brigadeiro, foi demitido também -, de quem eles ficaram com um ódio danado! Ele agiu tremendamente contra eles, porque chegaram com três aviões e o Nicoll, que era íntimo do Stroessner - a força que o adido americano tem aqui, o adido brasileiro tem lá, sobretudo o da Aeronáutica tem uma força danada -, foi a ele e disse: "Tais aviões vêm aí," - os aviões haviam decolado, e ele já sabia que iam para lá - "e eu quero providências suas para interceptá-los." O Stroessner disse: "Olhe, Nicoll, a questão é sua." Chamou o chefe da Casa Militar e mandou uns caminhões, umas caminhonetes, sei lá, uns automóveis para o aeroporto acompanhando o Nicoll. Os aviões chegaram, e o chefe era o Veloso. Quando o Veloso desceu do avião, eles foram até onde os aviões estavam estacionados, o Nicoll se dirigiu a ele e disse: "Coronel Veloso, esses aviões são da Força Aérea Brasileira e de agora em diante estão sob a nossa jurisdição. Vou tomar..." E o Veloso: "Não me dirijo ao senhor, vou me dirigir às autoridades paraguaias." Aí o chefe da Casa Militar, um tal de coronel Quinões, disse: "Não, coronel Veloso," - parece que ele era coronel - "quem manda aqui é o coronel Nicoll." O Nicoll tinha levado alguns sargentos, e quando eles saíram, ocupou os aviões com os sargentos. Eles entraram nas caminhonetes, nos automóveis e foram para um cassino, onde ficaram - como é que se diz? - exilados. O Nicoll então pegou os aviões com toda a documentação que eles levavam, e que comprometia... Aí que a gente vê que o negócio era maior, mas falhou tudo: era pessoal do Exército comprometido, da Aeronáutica...

[FINAL DA FITA 12-A]

L.H. - Quer dizer que tinha gente do Exército e da Aeronáutica comprometida com Aragarças?

F.T. - Do Exército e da Aeronáutica. O Nicoll fez pastas do Exército, da Marinha, da Aeronáutica, do pessoal civil, e trouxe pessoalmente ao Brasil. Primeiro ele tratou com o Stroessner de fixar o local em que os exilados deveriam ficar. E foi terrível, porque uns ficavam no interior... O Veloso acabou indo para a Bolívia; o Burnier e o Veloso foram para a Bolívia, não aceitaram a...

L.H. - E onde anda essa documentação?

F.T. - Essa documentação, o Nicoll trouxe pessoalmente ao Rio, levou ao gabinete...

L.H. - O senhor viu?

F.T. - Eu vi, tive acesso a essa documentação. Mas aconteceu o seguinte: o Melo tomou conhecimento daquilo e levou um susto!

L.H. - Mas quem havia de interessante envolvido nessa história?

F.T. - Não me lembro bem. Sei que eram generais, era mais o pessoal miúdo, coronéis, mas havia muita gente envolvida. O fato é que o Melo ligou para o Lott e disse: "Olhe, Lott, tem aqui um problema..." E o Lott: "Tire uma cópia e me mande." E o Melo: "Mas o documento é secreto, não se pode tirar cópia." Disse o Nicoll: "Perdão, ministro, tem aqui uma cópia que eu já tirei." E entregou. Isso foi no fim do governo do Juscelino. O fato é que não se apurou nada, não se levou adiante, não se abriu inquérito, e o negócio morreu ali.

L.H. - Não se levou muito a sério.

F.T. - Não se levou muito a sério. Quem levou mesmo a sério e pagou por isso foi o Nicoll, porque agiu violentamente contra eles pensando que... Acabou que aqui o negócio caiu em água morna, o próprio Lott não fez grande coisa, não apurou coisa nenhuma.

L.H. - E mais tarde foram pegar o Nicoll na curva.

F.T. - Pegaram na curva e demitiram. Foi demitido! Depois de 64 ele foi demitido, porque ficaram com ódio dele! Então esse foi o problema de Aragarças, um problema sem grandes conseqüências. Aquilo durou o quê? Quarenta e oito horas. Porque eles decolaram, no dia seguinte nós já conseguimos... Eles interditaram a pista, mas nós pousamos lá com um avião, eles debandaram e foram para o Paraguai.

L.H. - No fundo Aragarças foi mais curto do que Jacareacanga?

F.T. - Mais curto do que Jacareacanga.

L.H. - Jacareacanga ainda teve aquele negócio dos pára-quedistas, aquele vai-não-vai e tal...

F.T. - E muito longe. Lá eles se limitaram a Aragarças e foram logo para o Paraguai. Viram que o movimento não teve as adesões esperadas, então foram embora. Para esses Juscelino não deu anistia; a anistia para eles realmente só foi dada quando o Jânio assumiu.

L.H. - Pelo Jânio?

F.T. - Pelo Jânio. A maioria era da Aeronáutica; do Exército, tinha só o Tarcísio e tinha esse advogado filho do Justo Mendes de Moraes. Acho até que esse rapaz já morreu, morreu moço. Eu o encontrava muito na praia, agora, depois de despedido. Ele olhava para mim, não com um olhar agressivo, mas como quem conhece e nunca foi apresentado. Eu também olhava para ele, acho que morreu de um acidente, um negócio de um tiro em uma garagem, um problema desses de violência, mas não sei se morreu. Então esse foi Aragarças. Aí, ainda no gabinete do Melo, começou a campanha eleitoral, com o Denis no Ministério da Guerra inteiramente contrário ao Lott e o Melo muito discreto.

L.H. - Como ficou a situação do Lott do ponto de vista do gabinete do Melo? O Melo não deu apoio ostensivo ao Lott?

F.T. - Não deu apoio ostensivo ao Lott. Não deu, vou dizer a você por que: o pessoal do Jânio, o *staff* do Jânio fez um cerco aos ministros militares do Juscelino, o Denis, o Melo e o da Marinha - na Marinha isso não tinha grande importância porque lá o Heck, que era do lado do Jânio, já dominava. Então fizeram um cerco, com promessa de que eles seriam os ministros do Jânio, como aliás aconteceu com o Denis, que foi.

L.H. - Era um cerco de oficiais ou eram civis mesmo?

F.T. - Acho que eram civis. E na parte da Aeronáutica, um dos principais era aquele rapaz - é um senhor da nossa idade, da mesma época - filho do Antônio Carlos Andrada, que era procurador em São Paulo...

L.H. - Fábio Andrada.

F.T. - Ele era aviador da reserva aérea, muito amigo do Melo, e era muito Jânio. Então tenho a impressão de que foi ele que fez a ligação com o Melo. O Denis se entregou logo ao Jânio Quadros, fez uma campanha contra o Lott no Exército proibindo... Evidentemente que nisso tudo há o fato concreto, hoje já sabido, de que o Juscelino não tinha o menor interesse na eleição do Lott. O Juscelino não tinha nenhum interesse, nenhum! Pelo contrário, jogava na vitória do Jânio a possibilidade de voltar em 65. E o que eles acenavam para o Melo como a dificuldade para ele ser o ministro do Jânio, era a minha presença no gabinete. Então ele começou a querer brigar comigo - isso assim já em dezembro, a dois ou três meses da posse... E eu não dava recibo. A coisa já estava delineada, Jânio Quadros estava eleito, e eu já sabia a que fim me destinavam. Finalmente, um dia, Melo propôs me nomear para adido em Paris.

L.H. - Como tentam o senhor com esses cargos de adido!

F.T. - Tem razão, adido em Paris. Isso, digamos, em dezembro. Eu pensei comigo: "Bom, adido não vou ser, porque mesmo aceitando o processamento, o *agrément* demora dois, três meses; o Jânio assume e anula tudo isso." Mas, para tranquilizar o Melo, eu disse: "Aceito." Ele então fez um expediente, chegou a fazer o expediente para eu ser adido em Paris. [risos]

L.H. - E o senhor continuou no gabinete enquanto isso?

F.T. - Continuei no gabinete até o último dia. Evidentemente, em 31 de janeiro, dia da posse do Jânio Quadros, a nomeação ainda não tinha sido resolvida burocraticamente. Quero dizer a você o seguinte: eu não tomei uma providência! Não fiz uma farda, essas coisas que a gente tem que fazer, porque sabia que não ia de jeito nenhum. Mas o Melo achou que com aquilo tinha dito: "Ele está fora, não fica mais."

L.H. - Quem foi nomeado? O Grun Moss? Como ele surgiu?

F.T. - O Grun Moss foi da Casa Militar do Dutra. Eu era muito amigo dele, amigo pessoal, ele foi de Marinha também, tiramos juntos o curso superior de comando e estado-maior na Escola de Estado-Maior. Ele era, aqui para nós... Nós éramos muito amigos, e eu até o animei muito no curso. Porque era um curso muito à toa, muito sem

dificuldades, mas era um curso muito trabalhoso, exigia. E ele se emaranhava todo, porque não era nenhum sujeito capaz, assim, de improvisar, e até quis pedir trancamento de matrícula, o que acabaria com sua carreira. Então me disse: "Não faça uma coisa dessas! É um curso que esses vagabundos aí estão tirando, você vai tirar com uma perna nas costas." Eu o animei muito e ele acabou tirando o curso. Ficamos muito amigos, muito amigos.

Bom, quando acabou o curso, o Dutra elegeu-se presidente da República, e eu não sei por quê razão o Grun Moss foi convidado para subchefe da Casa Militar do Dutra, no tempo do Alcio Souto. Isso foi por volta de 46, quando justamente nós tínhamos eleito o Obino presidente do Clube Militar. Eu era da diretoria do Clube e me dava muito, tinha excelentes relações com o Obino - esse detalhe eu até esqueci de contar, mas é interessante. Isso foi em 46. Certo dia, o Moss, muito meu amigo, subchefe da Casa Militar, me chama na Presidência da República. Lá fui eu - pelo menos era um susto: "O que é que há?" Não era para ser adido em lugar nenhum. [risos] Foi uma conversa... Ele era muito enrolado, falava muito explicado, mas disse o seguinte: que o general Alcio Souto, chefe da Casa Militar, tinha recebido uma denúncia de que eu era comunista - é bom para voltar ao tema; a gente que tem de vez em quando voltar ao tema,[risos] - e ele, Grun Moss, tinha dito ao Alcio Souto que me conhecia muito, achava isso uma coisa... Mas o Alcio tinha pedido para ele apurar. Eu digo: "Pois não. Como você quer apurar?" "Não, eu..." "Bom, vou contar a minha vida a você: minha vida..." Minha vida nessa época, fora as atividades profissionais, era o Clube Naval, onde eu jogava pôquer - nessa época eu gostava muito de jogar - e o Clube Militar, onde eu tinha sido eleito para a diretoria. Então eu disse: "Vá lá no Clube Naval, vá no Clube Militar, procure o general Obino, indague dele e tal..." Fiz apenas uma exposição do que eu fazia, não me defendi: "Se isso é ser comunista, muito bem, vocês tomem as providências." Naturalmente fincando o pé na minha posição de membro da diretoria e atuante do Clube Militar, que era onde estava o problema - evidentemente não era porque eu jogava pôquer no Clube Naval. Passou uma semana, ele me chamou lá de novo: "Bom, Teixeira, está tudo apurado, não há nada contra você." Eu digo: "Estou muito satisfeito." E ele: "Que bom, isso é ótimo, porque é uma acusação desagradável e tal... Agora o general Alcio Souto quer falar com você." Eu tinha horror ao Alcio Souto! Um golpista, tinha derrubado o Getúlio... Então eu disse: "Se ele quer falar comigo, o que é que eu vou fazer? Vamos. Mas acho que não há necessidade." "Não, vamos lá..." E fomos para a sala do chefe da Casa Militar. Eu fiquei na ante-sala, ele entrou. Quando ele foi me chamar, que eu ia entrando, chegou o Obino para despachar com o Alcio Souto, porque era chefe do EMFA, marechal, a figura mais... Quando o Obino entrou, disse: "O, Teixeira você por aqui?" Fez uma festa danada! Eu achei aquilo ótimo, porque pensei: "Esse sujeito vai ver que pelo menos o marechal Obino não..." Aí o Alcio Souto, que era uma pose, uma figura, disse: "Não, coronel, eu apenas quis conhecer o senhor, porque do ponto de vista das acusações, o que o coronel Moss resolveu, está resolvido." Apertou a minha mão, fui embora e me livre muito bem dessa primeira acusação.

L.H. - E o senhor ficou gratíssimo ao Obino por ter aparecido naquela hora.

F.T. - Foi o que me deu força. [risos] Mas, então, voltando ao Moss, até essa época ele não era um homem politizado. Digo isso porque eu era e convivia com ele. Depois ele foi ser adido no Chile, onde passou dois anos. Não sei se lá ele se impressionou, mas voltou com minhocas na cabeça de ser uma grande figura, foi promovido a brigadeiro, provavelmente no tempo do Getúlio... Sei que foi aí que ele começou a aparecer, na morte do Getúlio, teve papel saliente no apoio à "república do Galeão", aquela coisa. Como eles eram muito carentes de lideranças, eram uns sujeitos muito gastos, ele vinha novo, tinha bom nome...

L.H. - Porque o Eduardo esgotava isso, não? Havia o Eduardo como líder. Agora, e depois do Eduardo? Não tinha ninguém, porque tudo se concentrava nele.

F.T. - Exatamente. E aquela "república do Galeão" foi muito explorada pelo Eduardo, mas ela era mais lacerdista do que eduardista. E o Grun Moss entrou por essa porta às avessas: nem era eduardista, nem era muito lacerdista, mas cultivou aquilo, dando apoio aos lacerdistas mais agitados, aos eduardistas e tal. Ele apareceu aí. Quando foi no 11 de novembro, tomou posição contra a posse do Juscelino. Na época ele era comandante da Escola de Estado-Maior no Galeão. Quer dizer, ele tomou posição contra o 11 de Novembro, nem foi contra a posse; contra a posse ele não se manifestou. Era muito ligado ao Fleiuss, muito amigo do Fleiuss. O Fleiuss ao contrário dele, era muito inteligente! Não estou dizendo que ele fosse... Mas não era um gênio, não era. E o Fleiuss, não, o Fleiuss era realmente de uma inteligência rara. E dominava muito o Moss, que o acompanhava. Então o Moss queria o Fleiuss ministro para ele ser chefe-de-gabinete, sei lá o que ele queria ser.

L.H. - Mas quando o Fleiuss foi ministro ele não...

F.T. - Não foi chefe-de-gabinete. O chefe-de-gabinete foi o brigadeiro Matos, Carlos Alberto de Matos, muito meu amigo. Eu concorri muito para ele ser promovido a brigadeiro, e ele continuou meu amigo em todas as circunstâncias. Era irmão do Fernando e do Dante de Matos.

F.T. - Bom, quando o Fleiuss foi ministro do Juscelino, o Moss foi para o CMTA. O Fleiuss o levou para o Comta, que eu comandava e eu considerei aquilo... O Fleiuss exigiu, porque o comandante do CMTA era um brigadeiro, saiu depois de Jacarepaguá, e eu, coronel, estava no comando. Então eu sofri a humilhação de passar o comando do CMTA ao Moss, porque compareceu toda a fina flor do golpismo militante, tudo o que era coronel...

L.H. - Só para ver o senhor passando o cargo para o Moss.

F.T. - Para ver eu passar o cargo a ele assumir. Ele então assumiu e ficou no Comta ligado ao Fleiuss, junto ao Fleiuss, mas falando muito em nome do Eduardo, em nome do lacerdismo existente e tal. Com isso, ganhou a possibilidade de ser ministro do Jânio.

L.H. - Porque é estranho. Digamos, para o mundo exterior foi...

F.T. - Uma surpresa aparecer esse nome.

L.H. - Porque o Sílvio Heck já vinha aparecendo há muito tempo.

F.T. - E apareceu no caso do navio, do *Tamandaré*.

L.H. - O Denis já estava há muito tempo na coisa; agora, o Grun Moss, de repente, foi uma coisa que me pareceu meio tirada do bolso do colete.

F.T. - Porque eles não quiseram... Não sei porque razão não botaram o Fleiuss ministro do Jânio, não sei, e botaram o Moss. Mas por isso, porque ele não se comprometeu, ficou sempre na oposição ao Juscelino, mas participando através do Fleiuss, enquanto possível, enquanto o Fleiuss foi ministro.

Quando o Fleiuss deixou o ministério e ficou afastado, ele se afastou também. Mas o Grun Moss não era coisa que nos preocupasse; pouco falador e tal... De forma que foi ministro do Jânio Quadros.

L.H. - Acho que agora podemos entrar na campanha do Lott. Por que o Lott? A parte o fato que nós sabemos que o Juscelino foi obrigado a engolir o Lott, porque ele não queria ninguém do PSD, queria mesmo era que a UDN ganhasse... Mas, por que o Lott?

F.T. - Durante o período de gestação e da campanha do Lott, eu estava em Brasília, porque o gabinete do Melo, todos os gabinetes ministeriais funcionavam em Brasília.

L.H. - Não, eles só passaram a funcionar em Brasília no governo do Jango.

F.T. - Não. Quando Juscelino mudou a capital...

L.H. - Sim, mas ele mudou em 60, e a campanha do Lott veio desde 59.

F.T. - Ele passou o governo em 61, não foi? Mudou em 60, em janeiro de 60.

L.H. - Agora, desde 58, 59, o Lott já estava sendo veiculado como candidato.

F.T. - Falado, não é? Nessa fase em que o Lott ocupou o Ministério da Aeronáutica, isso deve ter sido em fins de 58, provavelmente, o brigadeiro Epaminondas pediu uma audiência a ele. O Lott concedeu, e o Epaminondas foi lá. Eu assisti à coisa: o Epaminondas foi propor ao Lott, naturalmente querendo ter prioridade na idéia, a candidatura Lott à presidência da República. E foi engraçado, porque o Lott recusou, dizendo: "Não, eu não dou para isso: não sou político, e a presidência deve ser ocupada por um homem político. Acho que podia ser um militar, mas tinha que ser um político, e eu não tenho nenhuma convivência com a política. Acho que o bom candidato seria o Juraci Magalhães." O Lott ainda foi indicar - e o Epaminondas levou um susto - um udenista: "Devia ser o Juraci Magalhães." Nessa fase, quer dizer, em fins de 58 e princípio de 59, não estava na cabeça do Lott ser candidato. Até estava em sua cabeça não aceitar, o candidato que ele achava ideal, com uma visão muito reduzida do mundo político, era o Juraci, que era um político e militar. Ele propôs o Juraci. Talvez eu ainda estivesse aqui na gestação do problema, mas ele só foi lançado candidato tarde. Custou muito o PSD lançar um candidato. Dizem que os responsáveis pela candidatura Lott foram os militares do nosso grupo- confesso que não participei disso - que fincaram pé no Lott, o apresentaram à Frente Parlamentar Nacionalista e, como o Juscelino não tinha nenhum interesse num bom candidato, o PSD aceitou a candidatura Lott. Mas eu não participei disso. Não sei, talvez nessa fase eu estivesse aqui no gabinete, já estava de mudança para Brasília... Lembro-me que lá eu observei com muita nitidez, não só pela atitude do próprio Juscelino, mas pela do grupo à sua volta, com o qual eu tinha contato, que ele não tinha nenhum interesse na campanha do Lott, não demonstrava nenhum interesse na campanha do Lott. E acho que a candidatura Lott foi um erro, um erro. Foi um mau candidato. Se ele fosse eleito presidente, talvez fosse até um bom presidente, não sei, tenho minhas dúvidas, mas era um homem muito honesto para fazer o que lhe parecesse o certo. Ele não faria uma coisa de que não estivesse absolutamente convencido, e acabaria indo pelo caminho certo. Mas como candidato... Imagine! Contra o Jânio Quadros, a habilidade política em pessoa, foi um mau candidato, na minha opinião. Dizem que o grupo militar nacionalista, já nessa época vitorioso no Clube Militar...

L.H. - Novamente no Clube Militar, com o Justino.

F.T. - Novamente no Clube Militar, com o Justino, pressionou muito, e isso já muito relacionado... Porque, realmente, na medida em que os problemas do gabinete me absorviam muito, as atividades político-militares, particularmente no Exército, se limitaram muito, porque o centro era o Clube, mas eu não podia frequentá-lo, porque estava no gabinete.

L.H. - O senhor então participou menos dessa segunda campanha do Justino?

F.T. - Não, da segunda campanha ainda participei. Até houve o seguinte: depois de o Justino eleito com a nossa chapa, vários companheiros nossos que participavam da diretoria foram transferidos do Rio. E uma comissão de pessoas proeminentes que apoiaram a candidatura Justino - nesse caso foi o Suzano, eu, acho que o Oromar Osório, aquele general -, fomos ao Justino para protestar por ele ter permitido aquilo. E ele para você ver o que era o Justino, virou-se e disse: "Mas vocês estão errados! Vocês têm que fazer como eu: eu votei no Lott, mas não digo a ninguém, digo que votei no Jânio. Vocês têm que dizer que votaram no Jânio, e não estar por aí dizendo que votaram no Lott. Têm que transferir." Um sujeito sem-vergonha completo! Aí houve uma coisa muito interessante: logo em seguida o Justino foi nomeado adido no Paraguai e demitiu-se da presidência do Clube. Então, como ele não se licenciou apenas, mas se demitiu da presidência do Clube, tinha que haver uma eleição pelo Conselho Diretor - quer dizer, pelos conselhos todos reunidos - para escolher o novo presidente. E foram apresentados dois candidatos: o Paulo Torres e eu. Eu fui candidato à presidência do Clube Militar [risos] - eu nem lembrava disso, mas outro dia me lembraram - e perdi. Perdi para o Paulo Torres, já com todo mundo transferido.

L.H. - Mas o Paulo Torres só completou o mandato do Justino até 62?

F.T. - Só completou o mandato do Justino até 62, e então promoveu a outra eleição que nós perdemos. O nosso candidato era o Peri, e o candidato deles o Magessi. Mas esta foi uma eleição roubada, muito furtada.

L.H. - Mas o Peri não estava no Sul, em Santa Maria, uma coisa assim?

F.T. - O Peri estava no Sul, mas nós fomos lá, ele aceitou a candidatura e veio para cá. E fez a campanha, uma campanha muito ativa, muito interessado pela eleição. Nós ganharíamos a eleição, mas o secretário do Clube, que era pró-candidatura Magessi, um coronel Américo não sei de quê, comandou a roubalheira, e o chefe da campanha, coronel Graça, que era professor da Escola de Estado-Maior, e com quem eu tinha até muito boas relações, o que fez? Pegou o fichário com todos os sócios do Clube e falsificou, digamos, três mil votos de sócios fora do Rio para o Magessi. A eleição possibilitava essa coisa, porque o sujeito só assinava o nome e reconhecia a firma. Reconhecida a firma, quando chegava a apuração, batia o voto do sujeito que tinha votado em nós no interior e o que ele tinha falsificado; como eram dois votos, anulava-se. Até que um desses sócios votantes na nossa chapa, a do Peri, estava presente na hora da apuração e quando viu o seu voto anulado, disse: "Mas, como está anulado? Eu não dei esse voto!" Fomos lá ver, e o voto era falso.

L.H. - Então se levantou suspeição sobre todos os outros votos anulados.?

F.T. - Sobre aqueles votos anulados. Isso ocorreu com dois, três ou quatro sócios que estavam lá presentes e verificaram que seus votos tinham sido anulados, porque ele pegou indiscriminadamente:

se o voto não fosse dado, era deles, se fosse nosso, anulava. Para você ver como era a cúpula militar, apesar de estarmos no governo do Jango em 62, com tudo na nossa mão. Eu me lembro que o escritório da... era no senado, que ficava no antigo Monroe, então fui lá procurar esse Graça. E ele me disse com o maior cinismo: "É isso mesmo. Entre na Justiça, entre na Justiça!" Eu digo: "Está bom." Até o Aragão que estava comigo, quando voltamos para o Clube disse uma frase que eu nunca mais esqueci: "Bom, só há uma solução, que é trazermos os fuzileiros para fechar tudo." [risos] Eu digo: "Não, deixe para lá." E perdemos a eleição. Perdemos essa eleição para o Magessi, o que foi importante para eles, porque depois veio a crise, e eles estavam com o Clube na mão.

L.H. - Diga-me uma coisa, brigadeiro: o que se observou na campanha do Lott foi um apoio muito ostensivo da esquerda, um apoio ostensivo inclusive dos comunistas, à campanha. Como isso se casa? Para mim é o impossível filosófico.

F.T. - Isso é verdade. Os comunistas também têm responsabilidade na candidatura Lott, o que é uma incoerência.

L.H. O impossível. Não sei se eu cheguei a comentar outro dia com o senhor, fora da gravação, que eu tenho um folheto assinado pelo Prestes chamado: *Porque os comunistas apoiam Lott e Jango*. E é um negócio de um oportunismo!

F.T. - Ah, total, total! Um erro gravíssimo! E jogou os comunistas na seguinte situação: o Lott é um anticomunista assumido, visceral. Ele mesmo, não nega. Para mim, é o erro do Andrada Serpa agora. O Andrada Serpa é anticomunista, mas nas suas jogadas, nos seus projetos políticos ele precisa do apoio, do beneplácito dos comunistas. Então poupa os comunistas, o que é uma falsidade. Ele não precisa disso, porque os comunistas não precisam que ele... Basta que ele seja autêntico. O Lott era autêntico, era um anticomunista autêntico. É verdade que era um anticomunista que não embarcava na perseguição aos comunistas como indústria; pelo contrário, ele deu comandos a comunistas notórios como o Henrique Oest, a quem deu um comando em Alagoas, um batalhão da... Para nomear o coronel Tácito comandante do regimento de Lorena, em São Paulo, ele teve que demitir o comandante do II Exército, que não aceitou. E ele: "Eu nomeei, ele fica." O coronel Tácito assumiu, e o general saiu do comando.

[FINAL DA FITA 12-B]

F.T. - Então eu digo: Lott, nesse particular, era um homem profundamente honesto. Era anticomunista, católico praticante...

L.H. - Militante, não é?

F.T. - Católico militante. Agora, ele não aceitava essa acusação de comunista gratuitamente. Por exemplo, apesar de tudo isso, dessas tantas e tantas vezes em que viu meu nome acusado, sempre foi muito amigo. Quando eu o procurava, me recebia muito bem, conversava, ele me ouvia até, devo dizer a você isso, me ouvia. Naturalmente há muitos anos que não o procuro, procurei a última vez na campanha da anistia. Então é o que eu digo: foi um erro dos comunistas, porque eles sabiam que o Lott seria um mau candidato. Quer dizer, ele ia a comícios e colocava posições inaceitáveis para os comunistas. Resultado: o Partido não votou nele, eu acredito.

L.H. - O Partido Comunista não votou no Lott?

F.T. - Acredito que não, não votou no Lott. O Jânio os seduzia: "Estudante... Não, o estudante é para estudar." Agora, o estudante, para estudar, numa fase daquelas... Então eu acho que houve... Quando eu digo que os militares tiveram uma influência decisiva na candidatura Lott, eu somo aos militares os comunistas.

L.H. - E o Jango? Porque também houve muitas reticências: de um lado o PSD não queria mais a aliança com o PTB; de outro lado, aceitava a aliança, mas não aceitava o Jango; e ainda de outro, o próprio PTB não queria mais fazer aliança com o PSD. Há um discurso do Roberto da Silveira, se não me engano, onde ele diz que, muito a contragosto o PTB caminharia junto com o PSD ainda nas próximas eleições mas que isso jamais voltaria a acontecer etc. Tanto que a grande incógnita já era como o PTB iria se comportar em termos de presidência da República em 65. Mas há uma notícia de que o Jango só foi escolhido candidato à vice-presidência porque o Osvaldo Aranha morreu. O candidato do PTB a vice era o Osvaldo Aranha, mas ele morreu em 27 de janeiro... Tanto que a convenção do PSD só escolheu o presidente, o Lott, e deixou para escolher o vice mais tarde. Então, como se coloca essa situação do Jango, o PTB e os militares nacionalistas? Que tipo de contato vocês tinham com essa área?

F.T. - Acho que aí realmente, do ponto de vista de um interesse de burguesia, do empresariado, que teve muita influência nessa aliança populismo e PSD, trabalhismo e PSD, isso estava esgotado. Não havia mais interesse nesse problema. Então o PTB, que realmente vinha crescendo, já queria, por um lado...

L.H. - O PTB cresceu brutalmente durante o governo Juscelino.

F.T. - Exatamente. Durante o governo Juscelino, o PTB já vinha com pretensões de tirar do PSD a liderança nessa aliança. Daí essas manifestações e o pouco interesse na campanha. Acho que com o Jango, não. O Jango teve habilidade, porque a área popular que apoiou... Qual era o candidato a vice do Jânio?

L.H. - Milton Campos.

F.T. - O Milton Campos era um bom candidato para a elite, não era um bom candidato para a massa. O Jango, não, ainda era um candidato para a massa.

L.H. - Mas é muito interessante, porque o Milton Campos só perdeu... Quer dizer, as pessoas falam sempre muito na votação estrondosa de Jango, mas eu fui olhar.

F.T. - Foi menor do que a do Jânio.

L.H. - O Milton Campos perdeu para o Jango por duzentos mil votos. Quer dizer, quem derrotou o Milton não foi o Jango, foi o Ferrari, que abriu uma dissidência.

F.T. - Que foi também candidato.

L.H. - Que foi candidato avulso à vice-presidência. Quer dizer, o Jango já estava com problemas nessa área eleitoral.

F.T. - Já estava com problemas. A eleição dele foi um milagre, um milagre!

L.H. - Porque, se não me engano, perdeu no Rio Grande, o Ferrari ganhou dele no Rio Grande. Então a área do PTB...

F.T. - Se o Ferrari também não fosse candidato, talvez o Jango ganhasse no Rio Grande, porque o Ferrari era do PTB, uma dissidência do PTB.

L.H. - Era do MTR, Movimento Trabalhista Renovador, lembra?

F.T. - Era.

L.H. - Agora, como vocês do grupo nacionalista das Forças Armadas se ligaram a esse tipo de campanha?

F.T. - O grupo empenhou-se decididamente no Lott; no Lott e no Jango, decididamente. E digo mais: uma grande parte do *staff* do Lott era de militares - o Nelson Sodré participou, o Kardec Leme também era do *staff* do Lott, e vários outros militares. O forte era militar de esquerda, do pessoal nacionalista. E é que eu digo: foi muito uma candidatura militar. Agora, não tinha força para fazer o Lott dizer aquilo que o povo queria que ele dissesse. Não tinha força, porque o Lott nesse ponto diz o que acha que deve ser dito. É duro! Era duro.

L.H. - E o Jânio vinha como um foguete, não?

F.T. - Como um foguete, invencível! Como o Brizola aqui, agora: dificilmente se ganharia dele nas condições em que se deu o pleito. Ele foi um vendaval que varreu isso aí e que também durou pouco. [risos]

L.H. - Tal como o Jânio, não acha?

F.T. - Tal como o Jânio.

L.H. - Agora, do ponto de vista de compromissos, da campanha e de uma série de coisas, o Lott assumiu alguns compromissos com relação à ala nacionalista das forças armadas?

F.T. - Não. Compromisso, ele não deve ter assumido. Agora, era tido na conta de um nacionalista. Quer dizer, não bem de um nacionalista, mas um patriota, vamos dizer assim.

L.H. - O que quer dizer: "era tido na conta de alguma coisa?"

F.T. - Na conta de um patriota. Então a tese que se defendia era a seguinte: Um patriota, face a decidir os interesses do país, não ficará contra o país em favor dos interesses estrangeiros. Ele será um nacionalista. Quer dizer, era uma lógica, não sei até que ponto certa, a nossa, de que o patriota tinha que ser nacionalista, porque o que prejudicava o progresso, o desenvolvimento nacional era a

predominância no país dos interesses estrangeiros, no sentido... Em suma, essa lógica era a que tínhamos em relação ao Lott.

L.H. - Mas o senhor mesmo observou que não sabe até que ponto essa lógica era tão certa.

F.T. - Eu também não estou convencido.

L.H. - Porque não se pode dizer que o Juscelino não fosse patriota, e no entanto, no governo Juscelino houve a entrada de capital estrangeiro e de uma série de coisas.

F.T. - Não, eu hoje inverte a minha posição. Naturalmente, no final, teria que dizer isso a você. Eu hoje acho que o nacionalismo é secundário na luta por um progresso político, social. Fundamental é a democracia. Quer dizer, hoje eu inverte. Por exemplo, nesse caso: se tivessem sido eleitos o Jânio e o Milton Campos, e o Jânio renunciasse, como renunciou, o Milton Campos teria ajudado muito mais a um progresso político no sentido de uma democracia mais estável no país do que foi possível ao Jango.

L.H. - Mas nesse caso o Jânio não renunciaria.

F.T. - Nesse caso o Jânio não renunciaria. Talvez não renunciasse. O Jânio só renunciou porque o governo ia cair na mão do Jango, e ele esperava voltar.

L.H. - Exatamente. Porque a renúncia do Jânio para entregar o governo para o Milton Campos seria recebida com aplausos de pé pela nação, não acha? [risos]

F.T. - Aí íamos todos desejar, e sobretudo a UDN.

L.H. - E também, de outro lado, essa caracterização do Lott como homem muito honesto, o que ele efetivamente é, um homem muito reto, essa coisa toda, acaba sempre me lembrando o Geisel. Eu tenho muito medo dessas pessoas honestíssimas demais no poder. O senhor não acha que o político tem que ter um pouco de malícia?

F.T. - Sim. Mas no caso a comparação não está boa, [risos] porque não acho o Geisel nem tão honesto, nem tão...

L.H. - Mas é o retrato que pintam, digamos, e por baixo corre a maior roubalheira, as maiores coisas, não sei o quê. Porque eu acho que o máximo da honestidade, às vezes, se encontra um pouco com o máximo da ingenuidade.

F.T. - É, estão muito ligadas.

L.H. - Não digo que o presidente da República tenha que ser ladrão, não é isso absolutamente. Mas acho que uma certa malícia política faz parte do jogo, o senhor não acha?

F.T. - Inclusive num jogo político, a ascensão do jogo político exige isso. Quer dizer, não adianta nada o sujeito ser profundamente honesto se não sabe fazer política. Foi o caso do Lott, perdeu; foi o caso do Jânio, venceu, porque teve a malícia. É claro que para o país, entre o Jânio e o Lott, seria preferível o Lott, eu não sei, também não juro muito isso, não. Mas de qualquer maneira seria melhor, porque o

outro era um maluco: jogou o país numa contradição tremenda, com uma política externa esquerdista, para frente, e uma política interna profundamente reacionária, criando contradições internas seríssimas. Quer dizer, não se sabia o que ele era, afinal. Mas voltando à pergunta: acho que é claro que sem essa habilidade, o sujeito não cresce politicamente e sem essa habilidade também não se mantém no poder. O Juscelino, por exemplo, era extremamente hábil. Nós vimos aqui, no trato com os militares que o apoiaram incondicionalmente na candidatura e na posse: de repente ele tirou um deles e botou justamente o oposto, que foi o Fleiuss. Nós não nos zangamos por isso, não. É claro que ficamos chateados, perdemos tempo, mas continuamos apoiando o governo do Juscelino.

L.H. - Mas era importante para ele que o outro lado não o hostilizasse demais.

F.T. - Foi uma habilidade que no caso do Juscelino não deu certo, porque ele acabou tendo que tirar o Fleiuss. Mas foi uma demonstração de habilidade, de flexibilidade política, de não se amarrar a um grupo. Veja o Getúlio: o Getúlio tomou posse, fundamentalmente, porque dois ou três generais o apoiaram depois de eleito, entre eles o Estillac, que vinha de uma vitória estrondosa no Clube Militar contra o Cordeiro de Farias, o homem que tinha deposto o Getúlio quatro anos antes. Getúlio então botou o Estillac ministro da Guerra, mas não vacilou em tirá-lo quando sentiu que ele não correspondia mais à sua política. Foi fatal para ele? Talvez tenha sido, mas foi uma manobra que ele fez. Não deu certo, porque depois ele acabou caindo. Não sei se cairia se tivesse mantido o Estillac. Uma outra habilidade do Juscelino: aturava o Lott. Não deve ser fácil aturar o Lott ministro, ouviu? Porque o Lott é chato! E ele aturou o Lott o tempo todo. Eu acho - nesse ponto estou até com aquela menina que escreveu o negócio do Juscelino, a Maria Vitória Benevides, e até disse a ela aqui - que uma das razões foi o fato de ter um único ministro da Guerra todo o seu período de governo, porque o militar se habitua a respeitar aquele que nomeia, que demite, que manda para o estrangeiro. Se começar a mudar, a querer mudar a toda hora, os grupos vão se formar, e aí acabou-se.

L.H. - Por outro lado, o Lott, como o senhor mesmo disse, até para mandar adido tinha uma espécie de quadro de acesso. Quer dizer, nem a habilidade de mexer com isso ele tinha.

F.T. - Não, não tinha. Não era político! Quer dizer, mesmo aquele instrumento que é próprio de quem está no poder, sobretudo na área militar - e na civil deve ser muito parecida -, como promover, nomear, ele aboliu, criou critérios.

L.H. - Claro, porque se o senhor tem recursos políticos e não distribui, comete suicídio.

F.T. - Comete suicídio. Porque até distribuindo aparentemente errado, quer dizer, premiando um inimigo, como fazia muito o Getúlio, se ganha esse sujeito.

L.H. - Exatamente, foi isso que o Juscelino fez com o Nelson de Melo.

F.T. - Com o Nelson de Melo: chamou-o para a Casa Militar e acabou-se, ele ficou mudo.

L.H. - Acabou com a reação.

F.T. - Não importa que o Nelson de Melo não fosse tratado à altura de um chefe da Casa Militar pelo Juscelino, mas era o chefe da Casa Militar.

L.H. - E ficou fascinado pelo Juscelino o resto da vida.

F.T. - O resto da vida. Pronto, é isso mesmo, você tem toda razão: tem que ter habilidade, tem que ter habilidade.

L.H. - Acho que o Lott, na presidência da República, seria um ministro da Guerra na presidência da República.

F.T. - É, seria uma incógnita. Daí eu disse a você que foi um erro - daqueles entre os quais estão muitos militares e o Partido Comunista - a insistência pela candidatura do Lott. Foi estreiteza até: dos militares, pelo fato de quererem um presidente militar de quem estavam próximos; e do Partido, iludido com o problema do... Não vamos dizer, iludidos, mas enamorados do anticomunista Lott, por este não discriminar nas nomeações para comandos etc. Quer dizer, esses dois erros levaram à candidatura Lott, que não seria o presidente ideal, e que não podia ser eleito de jeito nenhum. De jeito nenhum!

L.H. - Além dessa ilusão e, enfim, como o senhor disse, de um certo alívio pelo fato de Lott não discriminar os comunistas e tal, havia uma dose de oportunismo muito grande, não?

F.T. - Ah, total, total! Era oportunismo! E digo isso não por que discordasse na época da candidatura do Lott. Mas eu não participei, não participei. Realmente a candidatura se esboçou quando eu ainda estava no Rio, mas na fase final, também fiquei um pouco afastado do problema porque estava em Brasília, vinha aqui uma vez por semana; e não era, assim, da direção do nosso grupo militar na época, como tinha sido anteriormente durante muito tempo.

L.H. - E quem estava liderando esse grupo nesse momento em que o senhor estava afastado?

F.T. - Do Exército, não sei, talvez o Nelson Sodré, o Pinto Guedes também teve alguma... Mas o Pinto Guedes não era um fanático do Lott.

L.H. - E na Aeronáutica, Lott encontrou algum amparo, alguma aceitação?

F.T. - Limitadíssima. Só do nosso grupo, não é? Só do nosso grupo. A Aeronáutica era totalmente contra o Lott.

L.H. - E do grupo de vocês, quem mais ou menos representava a Aeronáutica nessa...? Por exemplo, havia alguém no *staff* do Lott?

F.T. - Da Aeronáutica, acho que não. Desse *staff* atuante, que coordenava campanha, que freqüentava o escritório, acho que não. Isso realmente já se processou durante o ano de 60, não é? E nesse ano eu não estava aqui. Mas posso até ver isso. Vou até ver, porque isso é curioso, a pergunta é interessante.

L.H. - Saber quem da Aeronáutica estava participando de alguma forma. Mas diga-me uma coisa: como foram esses primeiros tempos de Brasília? O senhor foi para lá logo na inauguração?

F.T. - Logo na inauguração. Fui e fiquei um tempo. Aquilo era vida dura. Brasília, aliás, era muito divertida na época, porque todo mundo queria conhecer Brasília. Eu estava sozinho lá, porque a

Iracema ficou aqui, então vinha toda semana, toda sexta-feira, e voltava segunda. O Melo também. Mas foi meio duro instalar aquilo. Nessa época tinha pouca coisa da Aeronáutica lá. Tinha o gabinete...

L.H. - Mas os prédios dos ministérios já estavam construídos?

F.T. - Já. Nós ocupamos o prédio do ministério, e foram-se instalando aos poucos as diretorias, depois o Estado-Maior foi para lá... No fim do ano já estava praticamente tudo em Brasília.

L.H. - E qual foi a sua primeira impressão de Brasília? O que achou daquilo?

F.T. - Eu nunca fui, assim, grande admirador de Brasília. Achava aquilo... Politicamente, eu achava que o poder político isolado lá não era aquilo que eu gostava. Eu gostava do Rio, porque havia pressão sobre a Câmara, sobre o Congresso, e lá, naquela época, era nula.

L.H. - O senhor já suspeitava que iria acontecer o que acabou acontecendo, afinal?

F.T. - Acabou acontecendo com aquele poder lá. Agora, como cidade, Brasília é bonita, é uma beleza de cidade. Eu me lembro que uma vez eu fiz uma viagem a Portugal inaugurando uma linha da TAP - Transportes Aéreos Portugueses. Essa linha era conjugada com a *Panair*, a *Panair* dava assistência. Em suma, a *Panair* me convidou e eu fui com um outro brigadeiro. Fomos a Portugal. E lá, o presidente da *Panair* arranjou uma visita ao Salazar. Ele ainda estava no poder, mas já muito... E eu achei interessante, porque ele, durante a conversa com três brasileiros - éramos dois brigadeiros e o César Pires de Melo, superintendente da *Panair* -, meteu o pau no Oscar Niemeyer e em Brasília. Um absurdo! Nós, boquiabertos com aquilo, porque todo mundo considerava o Oscar um nome internacional. Brasília um exemplo de... Meteu o pau, o Salazar. [risos] Aliás, eu tive duas coisas muito engraçadas na minha vida, uma foi esse contato com o Salazar, e meses depois ele deixou o poder, teve aquele derrame; e outra coisa foi com o Batista, meses antes de o Batista cair, no tempo do Jânio...

L.H. - Não, foi ainda no tempo do Juscelino, ele caiu em 59.

F.T. - Ele caiu em 61, não foi?

L.H. - Não, a revolução foi em 59: 61 foi quando Fidel se declarou marxista-leninista, não sei o quê, e mudou os rumos.

F.T. - Mas a queda foi em 59.

L.H. - Foi. Tanto que o Jânio, na campanha eleitoral, já visitou Cuba com Fidel, aquela coisa toda.

F.T. - Justamente, ele visitou Cuba. Exato. Em 59 eu fiz parte de uma comissão - era um negócio de aeroclubes - que o americano promoveu em Havana; o adido aqui convidou uma delegação brasileira, e o DAC me indicou. Então fui a Havana, e lá tive um contato, a delegação brasileira chefiada por mim foi fazer uma visita ao Batista. Ele caiu meses depois também. Mas ele, ao contrário do Salazar, informou-se sobre o Brasil, mostrou-se muito a par do que se passava aqui, da situação brasileira e tal. Um sargento muito hábil.

L.H. - E o que vocês acharam de Havana naqueles últimos tempos?

F.T. - Ah, Havana era uma beleza!

L.H. - Dizem que Havana era o grande cabaré da América.

F.T. - Era o cabaré do americano, uma beleza! Tinha um *night-club* lindíssimo, com programas... Era uma beleza Havana para isso. Uma miséria danada, mas para esse aspecto de diversão e jogo...Era uma cidade bonita. De forma que esses dois ditadores, eu os despedi. [risos]

L.H. - Se essa moda pega, vão andar convidando o senhor para uma porção de lugares. [risos]

F.T. - Para visitar o Pinochet, para visitar o Pinochet. [risos]

[FINAL DA FITA 13-A]

7ª Entrevista: 06.01.1984

L.H. - Brigadeiro, uma vez empossado no governo, Jânio Quadros tomou medidas na área das forças armadas, consideradas, por alguns elementos, como uma demonstração de pacificação nas forças armadas. A primeira delas, na área do Exército, foi a promoção do Mamede a general, e uma outra na área da Aeronáutica, que eu acabei descobrindo que foi a promoção do Adil a brigadeiro. Como o grupo de vocês, esses oficiais mais nacionalistas dentro da Aeronáutica, conviveram nesses sete meses do governo Jânio Quadros?

F.T. - Acho que essas duas promoções eram esperadas, uma vez que esses dois - Mamede no Exército e Adil na Aeronáutica - vinham sofrendo preterições dos governos que nós apoiávamos, e eles formavam diretamente com o grupo golpista, vamos dizer assim, ou gorila. Então as promoções eram esperadas. Agora, a nossa posição face ao governo do Jânio - e eu aqui quero me referir particularmente à Aeronáutica - foi a seguinte: ficamos todos sem função, todos encostados. Não fazíamos oposição ao governo do Jânio, até porque, por princípio, defendíamos a posse do Jânio e sua permanência no poder. Então fomos alijados da parte administrativa, de comandos etc. É claro que isso se deu com aqueles de maior graduação, porque os de menor graduação tinham que ter uma função qualquer, as mais secundárias possíveis.

L.H. - Vocês têm nas forças armadas uma expressão que eles usam muito no Itamarati, que é "ficar no corredor"? Quando alguém fica sem função, como se diz isso nas forças armadas?

F.T. - Lá não é "ficar no corredor", é "ficar encostado."

L.H. - Em geral vocês ficam encostados onde?

F.T. - Adidos à Diretoria de Pessoal. O sujeito ficava adido à Diretoria de Pessoal, quer dizer, ficava em casa e só ia lá receber dinheiro. Foi bom, até tirei férias. [risos] Mas, naturalmente, nós acompanhávamos o governo do Jânio e sentimos, como todo o Brasil sentiu, que havia uma contradição fundamental: enquanto que internamente ele era um reacionário, externamente era um

progressista, um homem avançadíssimo, com relações com a União Soviética, com Cuba... De forma que aquilo era uma contradição que nós, que conhecemos bem as forças armadas, dissemos ser insanável ali dentro. Até que nesse período, não me recordo bem quem foi, mas um político do nosso lado conversou conosco, militares da Aeronáutica, todos encostados e tal, e nós mostramos isso: não queríamos nada do Jânio, queríamos apenas que fosse coerente, porque se ele continuasse apoiado nos militares de extrema direita e fazendo uma política externa de esquerda, iria sofrer as conseqüências disso. Ele até nos levou ao João Dantas, aquele do *Diário de Notícias* que tinha sido embaixador do Jânio, nós tivemos uma conversa com ele e mostramos isso. Ele achou muito razoáveis as nossas observações sobre o quadro, sobretudo o quadro militar, não reivindicando nada, e até achando que se Jânio quisesse, mudasse a política externa... mas apenas que desse uniformidade, homogeneidade à sua política. Ele ficou de falar com o Jânio, mas eu creio até que não houve tempo, porque um mês depois... O Jânio não era um homem fácil de ser abordado, então não sei até que ponto ele realmente tinha acesso ao Jânio. O fato é que a renúncia foi pouco depois, quer dizer, deu-se o desfecho e nós já estávamos esperando, que seria um choque do Jânio com a área militar.

L.H. - O senhor acabou de colocar um problema que é dos mais interessantes do ponto de vista do governo em geral, a falta de coerência entre a política interna e a política externa, sendo que a política interna era uma política conservadora, e Jânio estava apoiado nas forças conservadoras da nação. O senhor não acha que, em geral, são os governos conservadores que conseguem fazer uma política externa mais aberta? Dizendo até de outra forma: uma política externa extremamente aberta? Eu até critico um pouco essa idéia de política externa independente, porque acho que toda política externa é independente; ela pode ser não-alinhada, pode ser uma série de coisas, agora, esse termo acho meio mal colocado, digamos.

F.T. - Só se é independente dos Estados Unidos.

L.H. - Pois é, exatamente. Mas vamos ver o caso dos Estados Unidos, por exemplo: só um governo conservador, como foi o governo de Nixon, conseguiu ir à China e à União Soviética. Se um governo democrata pretendesse fazer aquilo, tenho a impressão de que não teria condições interna de fazer. Então não vejo tanta incoerência assim na política externa do Jânio, que era uma política de abertura para o Leste, que era uma política de relações com todos os países, porque acho que se fosse um governo de esquerda internamente, não teria condições de levar essa política externa adiante durante muito tempo.

F.T. - Acho que você tem toda razão. É claro, nos Estados Unidos isso é até uma tradição: quanto mais reacionário é o governo, mais possibilidades ele tem de abrir na política externa.

L.H. - Aliás, a política externa dos democratas é sempre um desastre.

F.T. - É sempre um desastre, exatamente. Mas no caso brasileiro, isso se verifica também. Vamos analisar aqui dois governos: o do Getúlio e o do Juscelino. Ambos esses governos, sobretudo o do Getúlio, tinham uma política externa muito de acordo com o americano e uma política interna muito independente do americano.

L.H. - É. Exatamente.

F.T. - Getúlio acabou até caindo, a pressão americana deve ter aumentado muito pelas posições que ele vinha tomando internamente em relação ao petróleo, de aceitar a idéia do "O petróleo é nosso." O próprio Juscelino tinha uma política externa muito de acordo, porque ele fazia questão de não se chocar com a política externa americana.

L.H. - Os americanos até nem gostavam do Juscelino.

F.T. - Não gostavam do Juscelino. E internamente era o desenvolvimentista que de certa maneira se chocava, como ele se chocou, com o fundo monetário - essa é uma verdade - mas isso é mais compreensível. Com o Jânio era o oposto, era uma política interna ultraconservadora apoiada nas forças armadas. Porque o próprio Getúlio e o Juscelino, a contragosto, não se apoiaram nas forças armadas conservadoras da época; o Getúlio, pelo contrário, partiu do Estillac para o Zenóbio, e o Juscelino, na Aeronáutica, por exemplo, partiu do Fleiuss para o Melo, para nossa ascensão ao poder. Então para fazer uma política interna mais progressista, ele se apoiava, a contragosto - por aquela tese que eu já defendi, de que a idéia deles era a conciliação -, nas parcelas das forças armadas mais progressistas, vamos dizer. Progressista está mal dito, ou de esquerda, em suma...

L.H. - Mais abertas em geral?

F.T. - Mais abertas em geral. As outras eram muito bitoladas. Então o que eu dizia era o seguinte: ou os militares que eram o sustentáculo do governo do Jânio fariam com que ele modificasse sua política externa, ou ele ia cair, ou então se chocaria com elas. Parece que isso chegou a haver: segundo me disseram, houve um choque entre Jânio e as forças armadas, sobretudo os ministros militares da época. Mas ele caiu mesmo por seu temperamento e por choques com o Congresso, coisas até hoje nunca bem explicadas nem por ele, nem por ninguém. Mas havia esse problema, e ele fatalmente se chocaria com esse grupo, porque esse grupo não aceitava o Che Guevara, as relações com a União Soviética. O grupo era muito contra. Não que eles tivessem uma visão do que fosse uma política externa boa ou má; o problema era o anticomunismo, era a submissão, porque Jânio não se submetia ao americano, não se submetia. Até eu conheci um rapaz, um civil, e ele dizia que nos Estados Unidos, lá no meio das embaixadas e no Departamento de Estado, eles publicavam um boletim informativo sobre as providências do Brasil à embaixada. Sempre tinha coisas do Brasil. E era uma procura para saber qual tinha sido a última do Jânio, todos preocupadíssimos com o governo do Jânio Quadros, que era um choque com o americano.

L.H. - Mas, engraçado, a vitória do Jânio despertou uma aprovação muito grande nos Estados Unidos, porque logo depois, porém ainda antes da posse, o Brasil conseguiu um empréstimo muito grande que estava sendo negado ao Juscelino, quer dizer, antes de o Jânio tomar posse, os americanos já estavam liberando um empréstimo grande para o Brasil. E algumas semanas, ou um mês antes da renúncia do Jânio, o Mariani conseguiu um empréstimo de um bilhão de dólares a fundo perdido, o que era uma ajuda substancial para o governo.

F.T. - Eles não deviam aprovar as relações com a União Soviética, as relações com Cuba, mas talvez gostassem da política interna do Jânio.

L.H. - Exatamente. Sabiam que era um governo austero, e uma série de coisas que estavam se passando aqui dentro pelo menos seguraria a situação interna brasileira.

F.T. - E um Mariani no ministério era uma garantia para o americano de que a política interna seria de acordo com o que eles desejavam. Está certo, na minha opinião isso é verdadeiro. Quer dizer, quanto mais progressista é internamente o governo, menos progressista ele é na sua política - não é bem política - no seu relacionamento com as forças externas.

L.H. - Ele não pode segurar as duas coisas ao mesmo tempo.

F.T. - Ele não pode.

L.H. - Agora, o ministério que o Jânio reuniu à sua volta, independentemente de ser conservador ou não, foi um ministério um pouco estranho, porque ele nomeou uma série de ministros sem sequer conhecê-los pessoalmente: nomeou o João Agripino sem conhecer, nomeou

o Mariani sem conhecer, nomeou o Afonso Arinos sem conhecer. O senhor acha que havia alguma incompatibilidade do Jânio com o sistema democrático, ou isso é coisa de paulista provinciano?

F.T. - Eu acho... Mas vamos ver esses nomes citados: ele escolheu bem, porque o Afonso Arinos era um nome na época, um homem... Quer dizer, ele escolheu sem escolher - talvez sem impor ao Afonso Arinos uma política externa, e o Afonso Arinos também não tinha condições de impor a ele -, mas escolheu pessoas que não conhecia na área política geral que o apoiou. Não foi feliz na escolha dos ministros militares, porque o Denis era um homem já viciado no 11 de Novembro, vinha do 11 de Novembro, mas é verdade que teve seu período de adesão quando foi ministro, que o Lott se desincompatibilizou.

L.H. - Sim, ele praticamente traiu o Lott.

F.T. - Traiu o Lott, traiu o Lott, foi o que o credenciou para... Moss, eu não sei quem o levou para o ministério. Acredito mais que tenha sido assim uma amizade, porque ele era muito ligado àquele rapaz que era procurador, de família mineira, o filho do Antonio Carlos, o Andrada...

L.H. - O Fábio Andrada?

F.T. - O Fábio Andrada era muito amigo do Moss, mas não era uma expressão na Aeronáutica, nem de um lado, nem do outro: era mais um homem ligado à política do Fleiuss, que era um político de conciliação, e escolheu o Moss. Também não foi má escolha, não. Agora, o problema é que ele era maluco.

L.H. - E o Sílvio Heck?

F.T. - O Sílvio Heck era um doido e não tinha competência. Mas a Marinha, no quadro, não tinha... O Sílvio Heck ganhou muito renome no 11 de Novembro, porque comandava um navio que saiu barra afora. Ganhou nome ali. Agora o Denis, o Heck e o Grun Moss eram decididamente reacionários, assim, de um ponto de vista de pensamento militar.

L.H. - O Jânio trouxe o Cordeiro para a chefia do Estado-Maior das Forças Armadas.

F.T. - Sim. Levou para chefe da Casa Militar aquele Pedro Geraldo, que era um homem benquisto no Exército. Era um homem do esporte, benquisto no Exército. Mas o Jânio também desmoralizava muito os ministros com aqueles bilhetes que tornava público. Era uma maluquice completa!

L.H. - Do ponto de vista da política das forças armadas houve propriamente alguma modificação no Clube Militar? Porque o presidente era o Justino, que tinha sido reeleito em 60.

F.T. - Exato, o presidente era o Justino, que depois deixou a presidência, porque foi nomeado adido no Paraguai. Acho que contei isso, quando ele foi nomeado adido, vagou a presidência do Clube e houve uma eleição pelo Conselho Diretor - que é reunião do Conselho Deliberativo etc. -, e eu até fui candidato. Para perder, não é? Foi eleito o Paulo Torres - esse que foi senador -, o candidato da situação, que era majoritária no Conselho, porque o Justino... Então, do ponto de vista do Clube Militar, a situação ficou inalterada ou, por outra, melhorou para eles, porque saiu o Justino - que não era deles, tinha sido eleito por nós - e assumiu o Paulo Torres.

L.H. - Então, na verdade, vocês foram derrotados?

F.T. - Fomos derrotados. Agora, justiça seja feita ao Paulo Torres: ele se conduziu muito bem no período como presidente do Clube. Até me recordo de assembléias que houve, e ele era um isento, não participava. É verdade que levou para secretário um sujeito que acabou nos furtando a eleição seguinte, de 62.

L.H. - Como era o nome dele?

F.T. - O secretário era um coronel Américo, uma figura que também sumiu, e o candidato deles era o Magessi. O Jango já estava na presidência, e o nosso candidato era o Peri Bevilácqua.

L.H. - Nessas assembléias que houve nesse período, em que o Paulo Torres se comportou muito bem, que tipo de temas eram debatidos?

F.T. - Eu não me lembro... Parece que foi uma modificação no estatuto, para mudar o tipo de eleição... Ele portou-se bem, não foi uma coisa política, não.

L.H. - E a *Revista do Clube*, continuava saindo?

F.T. - Eu não sei se interromperam, ouviu? Não sei, mas acho que continuava saindo, devia continuar, mas aí a *Revista* não fazia mais aquele reboliço da do nosso tempo, sobretudo na primeira fase.

L.H. - Porque há temas muito interessantes a se discutir nesse início da década de 60, sobretudo as propostas do governo Kennedy, a política da nova fronteira, o problema da Aliança para o Progresso etc., quer dizer, há uma série de questões que envolvem o Brasil, que seriam, enfim, questões debatíveis, digamos, no Clube.

F.T. - Mas nesse período, mesmo no tempo do Justino, o Clube não teve mais a atuação anterior, embora continuasse uma tribuna livre, disso não há dúvida nenhuma.

L.H. - Com a questão da renúncia, quer dizer, quando se verificou que não havia solução e que Jânio efetivamente renunciou, qual foi a iniciativa de vocês? O grupo nacionalista tomou alguma iniciativa, apoiou a iniciativa dos partidos de pedir a posse, enfim, que tipo de movimentação vocês fizeram?

F.T. - Nós nos movimentamos rapidamente no sentido da luta pela posse do vice-presidente. Era uma posição coerente, legalista etc., sobretudo também porque o Jango era um homem nosso, vamos dizer assim. Mas fomos presos, fomos presos.

L.H. - Como foi essa história?

F.T. - Logo que o Jânio renunciou, os três ministros militares prenderam a todos nós. Eu fui para o Corpo de Fuzileiros Navais, porque ainda era brigadeiro, e a oficialidade toda, mais de 40 da Aeronáutica, foi presa num navio, navio da esquadra, da armada, da Marinha, um navio-transporte. No Corpo de Fuzileiros Navais encontrei o Suzano também preso, um outro que tinha sido chefe do Estado-Maior no tempo do Juscelino, era Silva, um baixinho, não me lembro agora o nome dele, e um general da reserva, irmão daquele Guedes...

L.H. - De Minas?

F.T. - De Minas, que em 64 revoltou...

L.H. - Carlos Luís Guedes.

F.T. - É, o Carlos Luís Guedes. Esse outro era um meio maluco, falador e tal. Ficamos presos os quatro lá.

L.H. - O senhor foi preso por ordem do ministro?

F.T. - Do ministro. Eu estava em casa e senti que ia ser preso. Nós tivemos várias reuniões, inclusive uma na casa do Osvino, para combinar a ajuda que se poderia dar. Nesse tempo, já havia aquele movimento...

L.H. - Quem freqüentava, em geral, essas reuniões?

F.T. - Da Aeronáutica, éramos muitos. Era o Aragão, da Marinha, era o Osvino e o pessoal do Exército, coronéis... Do Exército, não tínhamos generais, esse é que era o fato, a maioria era coronel, tenente-coronel. Mas tínhamos o Osvino, general há muito tempo, general antigo, general-de-exército, que nessa época, se não me engano, parece que estava na Escola Superior de Guerra, quer dizer, estava também encostado lá no Exército. Dali eu fui para casa, senti que ia ser preso, mas disse: "Vou deixar. Vou ser preso, vamos ver o que eles fazem." Então eles me convocaram a comparecer ao Ministério da Aeronáutica, na seção do Rio.

L.H. - Quem, em geral, faz isso? O chefe do estado-maior?

F.T. - Foi o chefe do estado-maior, que era o Ismar Brasil, mas eu fui chamado por um subchefe, que era esse brigadeiro João de Almeida.

L.H. - O Ismar Brasil não era o chefe do estado-maior do Grun Moss?

F.T. - Do Grun Moss e o João de Almeida, esse brigadeiro, era subchefe. Eu apareci lá, sentei-me numa cadeira, ele ficou numa mesa em frente e começou a conversar, sem nenhuma idéia de me prender. Tenho a impressão de que ele tinha se comunicado com o Moss para dar ordem de prisão ou coisa que o valha. Eu estava ali sentado, quando vi um oficial-de-gabinete aparecer na porta e fazer um sinal para ele - acho que era uma... Aí ele disse: "Você vai ser preso." Eu digo: "Está bom, não tem problema." Então ele permitiu que eu fosse em casa, escoltado, peguei a roupa e fui para o Quartel dos Fuzileiros Navais. A renúncia foi no dia 25, isso deve ter sido no dia 26. E fiquei preso. Eu assisti a posse do João Goulart pelo rádio, preso.

L.H. - A posse foi dia 7 de setembro.

F.T. - No dia 7 de setembro eu ainda estava preso, porque só depois que o Jango assumiu foi que chegou a ordem para me soltar. Soltaram primeiro os oficiais-coronéis que estavam no navio, e eles foram para o prédio do Ministério da Marinha reclamar que eu também estava preso. Não sei se isso influenciou, mas mandaram nos soltar. Fomos soltos, fizemos uma reunião lá em casa... Ah, porque antes - isso é curioso mesmo -, quando houve a renúncia e verificou-se que não havia reversão daquela situação, nós fizemos uma reunião enorme lá em casa. Eu morava nessa época lá no Posto 6, numa casa muito grande, então foram mais de 80 oficiais, e apareceu também o Tancredo Neves. Porque eu me dava muito com o Tancredo, de encontros como chefe-de-gabinete do Juscelino, politicamente, não é? Então Tancredo assistiu à reunião, ouviu tudo, viu aquela ebulição, aquele desejo de reagir, e, quando saiu me chamou num canto: "Olhe Teixeira, eu tenho que ir embora, mas queria que vocês não tomassem nenhuma decisão sem falar comigo. Você sabe o meu telefone, sabe onde eu moro e tal." "Sei perfeitamente." "Está bom." Saiu dali, no dia seguinte embarcou para Montevidéu, voltou com o Jango e acabou primeiro-ministro. Nós saímos dali e fomos para a cadeia.[risos]

L.H. - Vida dura, não é brigadeiro?

F.T. - Vida dura. E ele fez o ministro da Aeronáutica... Qual o ministro da Aeronáutica do Jango na primeira...?

L.H. - Foi o Clóvis Travassos.

F.T. - O Clóvis Travassos, homem do Eduardo.

L.H. - De novo!

F.T. - Repetiu-se toda aquela cena que eu já conhecia. A nova reunião lá em casa: fomos todos, Exército etc., e resolvemos que eu iria a Brasília para me entender com o Tancredo, já escolhido primeiro-ministro e já propondo ao Congresso o gabinete, e o Ministério da Aeronáutica com o nome do Clóvis Travassos. Eu fui, e assisti a eleição numa sala, não me lembro com quem, um daqueles deputados amigos nossos. Quando a eleição acabou, falei com o Tancredo e fui duro com ele. Ele me disse: "Mas é uma circunstância," - ele é habilíssimo - "disso você não tenha dúvida. Nós vamos mudar tudo. Esta é uma primeira fase para dar segurança e ter a aprovação do Congresso." Aquela coisa toda, e eu duro com ele, reclamando. Então aconteceu isso, foi a nossa atuação nessa fase, o que vale dizer:

na primeira fase do governo João Goulart nós continuamos encostados. Eu fui para o EMFA, fui ser subchefe do EMFA.

L.H. - Quem foi o chefe do EMFA nesse período?

F.T. - O chefe do EMFA nesse período foi o Osvaldo Mota, que tinha um irmão oficial de Marinha que eu conhecia...

L.H. - O irmão era o Sílvio Mota?

F.T. - Não, não. O Osvaldo Mota tinha um irmão oficial de Marinha, que foi deputado federal, o Valdemar de Araújo. Então fiquei encostado no EMFA quando o Jango assumiu, e o Clóvis Travassos foi ser ministro da Aeronáutica. Aí já estávamos mais atentos ao problema, e recebemos um aviso, Jango mandou um emissário nos procurar pessoalmente para promover uma reunião e explicar que aquele negócio do Clóvis era uma coisa muito passageira e que nós disséssemos o que queríamos. Nós queríamos que ele tirasse o Clóvis.

L.H. - Passageira, mas ficou até o plebiscito.

F.T. - Não, o Clóvis saiu antes. Porque antes do plebiscito houve a mudança do Tancredo pelo...

L.H. - Pelo Brochado, mas o Clóvis continuou.

F.T. - Não, não. Saiu o Clóvis e entrou o Reinaldo, tenho certeza. Eu saí do EMFA e fui nomeado comandante da Zona - isso deve ter sido em 62.

L.H. - Engraçado, porque antes de vir para cá, eu dei uma olhada em umas anotações exatamente sobre os ministros da Aeronáutica do período, e acho então que estou com uma informação errada. Porque vi o seguinte: o Clóvis, no gabinete Tancredo, no gabinete Brochado e no gabinete Hermes Lima. Com o plebiscito entrou o Reinaldo, e depois do Reinaldo, ainda teve um outro...

F.T. - O Botelho.

L.H. - O Anísio Botelho, exatamente. Eu preciso ver isso então, porque nas minhas anotações o Reinaldo entrou quando o Jango assumiu o governo presidencialista.

F.T. - Não, o Reinaldo... Porque no Exército saiu o Segadas Viana, foi nomeado o Nelson de Melo por dois meses, e depois do Nelson de Melo, foi o...

L.H. - Depois foi o Krueel, exatamente. Dizem até que quem articulou a derrubada do Nelson de Melo foi o próprio Krueel, para assumir o ministério.

F.T. - Ele era chefe da Casa Militar. Houve uma manobra, o Nelson Melo ficou dois meses, teve que renunciar por uma coisa qualquer que houve, e entrou o Krueel. Você tem razão: no presidencialismo continuou o Krueel, e o Reinaldo então foi para a Aeronáutica. Eu me lembro que quando houve o problema lá, era o presidencialismo. O Lacerda fez um programa na televisão... É, o Krueel era o ministro da Guerra.

L.H. - Foi a questão do estado de sítio, o pedido de estado de sítio?

F.T. - Não. O Lacerda fez um programa de televisão, em que terminou dizendo: "Não, o Jango, esse não, porque se ele vier, eu o pego pelos chifres" - uma coisa qualquer assim um pouco grosseira.

L.H. - Não, foi uma história assim: "O touro, a gente pega pelos chifres." E aí dizem que ele riu e disse:

F.T. - "Ele eu também pego" - uma coisa dessas assim. O Jango não ouviu esse programa, mas o Kruel gravou e, junto com aquele chefe da Casa Militar, o Albino Silva, foi mostrar ao Jango, o que foi uma maldade. O Jango ficou muito abatido com aquela coisa, e o Kruel e o Albino disseram: "O senhor não se preocupe com isso, me dê carta branca, que nós liquidamos esse homem." E o Jango teve uma fraqueza, deu carta branca a eles. Então eles programaram um plano diabólico, ouviu? Acho até que não tinha ninguém para cumprir o plano. Seria um plano de promover no largo do Machado, no Rio, um comício, em que botariam o CGT, os operários, e lá animariam aquele pessoal para ir ao Palácio Guanabara, numa passeata contra Lacerda, fariam uma passeata contra o Lacerda, haveria uma baderna, o Lacerda reagiria e haveria a intervenção, aí o Exército interviria - mas o Exército aqui era o Osvino, e os operários eram o CGT. E isso tudo no maior segredo, quer dizer, uma burrice enorme, porque sem gente não se podia planejar nada. Então o Reinaldo, que estava por dentro do plano, veio de Brasília - ele sempre vinha ao Rio -, chamou o Scaffa, que era o chefe-de-gabinete do Rio, porque sempre existe um...

L.H. - Ah, com a ida para Brasília, ficou um gabinete aqui e um gabinete lá?

F.T. - Ficou. O Reinaldo então veio, chamou o Scaffa e disse: "Olhe, há isso, mas é o maior segredo e tal." E o Scaffa disse: "O senhor tem que dizer isso ao Teixeira, porque ele comanda a III Zona, e a coisa vai se passar aqui." E ele: "Não, não posso dizer." Ah, porque quando o Kruel contou ao Reinaldo, exigiu um compromisso da mais absoluta reserva! "Não fale a ninguém, porque esse negócio tem que ser uma surpresa." Acabou o Reinaldo dizendo: "Bom, então vá ao Teixeira e avise a ele." Quando o Scaffa me avisou, eu disse: "Isso é uma barbaridade, um absurdo!" Coloquei-me imediatamente contra a história, ouviu? Não disse nada ao Reinaldo, mas peguei o automóvel e fui ver o Osvino para saber o que ele achava daquilo. Quando cheguei no gabinete do Osvino, o CGT estava, quer dizer, todo mundo já sabia da história.

L.H. - Que segredo mais mal guardado!

F.T. - Um segredo terrível! Mas o CGT foi contra, não participou absolutamente da coisa, e o Osvino, que tinha horror ao Kruel, imediatamente condenou, disse que não daria tropa, que não haveria... Aí o negócio morreu, eu voltei para o meu gabinete e fiquei na expectativa. Às sete horas da noite, o Albino me telefonou...

[FINAL DA FITA 13-B]

L. H. - O Albino veio de Brasília para falar com o senhor?

F.T. - Não, ele veio de Brasília para comandar essa operação que fracassou completamente, não houve um ponto em que desse certo. Então, às sete horas, ele me chamou. E eu fui me encontrar com ele, aqui para nós, disposto a gozá-lo, porque fui contra a operação, achei de uma burrice danada. Imagine, entregar isso ao Krue! Cheguei lá e o Albino estava arrasado - estava fardado, mas desabotoado, meio deitado num sofá... "Olhe, Teixeira, eu o chamei aqui porque estou desgraçado! Fracassei completamente nisso." Eu aí disse a ele: "Mas, Albino, você fracassou porque tinha que fracassar. Você quer fazer uma operação que envolve classe operária, força armada, tropa, e não combina nem com a classe operária ou com quem a representa, nem com quem representa a força armada aqui! Tinha que fracassar! Mesmo a proposta que vocês fizeram ao Jango foi uma proposta absurda, uma proposta muito mais contra o Jango do que a favor dele! Vocês iam tomar o poder do Jango!" - botei mais o Krue! no negócio. "Agora, você não está perdido. Eu dou um avião para você ir encontrar o Jango em Marília - havia um negócio em Marília nesse dia, e o Jango tinha saído de Brasília para lá -, você vai explicar tudo a ele, vai fazer uma autocrítica disso e tal..." Ele aceitou. Então eu dei o avião, ele foi para Marília e conversou com o Jango, mas o Jango já tinha esquecido o caso, nem queria... Mas deu-se esse fato que eu achei muito engraçado, porque foi uma bolação do "seu" Krue! com o "seu" Albino de uma operação que envolvia tropa, força, e não combinaram nada com ninguém! Segredo até para nós, que seríamos os executores. [risos]

L. H. - Mas não houve também uma tentativa de seqüestro do Lacerda pelos pára-quedistas? Como foi essa história?

F. T. - Seria a prisão do Lacerda. Vou dar a você uma informação que recebi de terceiros: o general que comandava os pára-quedistas - até o apelido dele era faz-tudo, não me lembro o nome - recebeu uma ordem do ministro, não sei se já era o Jair, não posso garantir, de prender o Lacerda numa cerimônia que ia haver no... E ele começou incumbindo de fazer a operação o Boaventura, irmão desse ministro...

L.H. - Costa Cavalcanti?

F.T. - Costa Cavalcanti. Aliás o Chico Boaventura é um homem muito correto, acabou cassado... Até um detalhe: certa vez, numa dessas eleições do Clube Militar, nós fizemos uma reunião para ver o nosso candidato e, inadvertidamente, um companheiro nosso de chapa levou o Boaventura para essa reunião. [risos] Uma maluquice. Ele achava o Boaventura tão bom que devia estar do nosso lado, então o levou! [risos] Na primeira falação que houve, o Boaventura levantou-se e disse: "Meus senhores, estou aqui por engano. Meu lugar é outro, com licença." Também não disse mais nada. [risos]

L.H. - Foi finíssimo!

F.T. - Foi corretíssimo! Ele podia ter ficado lá como espião, e nem quis ouvir o resto! Mas o Boaventura negou-se a fazer a operação, naturalmente avisou o general, que incumbiu então o Maфра, que era um major ou tenente-coronel e servia nos pára-quedistas - depois caiu num ódio danado dele e o demitiu. O Maфра foi, mas não conseguiu fazer também, o ambiente não era a nosso favor. O faz-tudo bebia como o diabo, então o negócio foi combinado numa bebedeira no Copacabana. Foi um troço também muito caricato.

L.H. - Era um período em que se estava tentando provocar uma intervenção na Guanabara e ao mesmo tempo em Pernambuco para contrabalançar um pouco as forças, o que parece que colocou o Arrais muito contra o Jango, não foi?

F.T. - Exatamente, e colocou o Arrais muito contra o Jango, muito! Houve ainda outro incidente desses: o Lacerda estava em Los Angeles, quando deu uma entrevista no Los Angeles Times, espinafando o governo brasileiro, com aquele estilo dele e tal. E houve uma reunião ministerial, na qual o Jair propôs a intervenção na Guanabara, a prisão do Lacerda... Nesse caso foi a prisão do Lacerda, a intervenção foi até pedida oficialmente depois. Acho que foi numa reunião dos ministros militares, e o Jango concordou com a coisa. Mas o Jair chamou o ministro da Aeronáutica, o Anísio Botelho, e disse: "Olhe, o Lacerda, para mim, não tem problema nenhum, é uma coisa à-toa ir lá prendê-lo. Agora, a possibilidade de reação do lado do Lacerda é o Borges..."

L.H. - Que era o secretário de Segurança do Lacerda na Guanabara.

F.T. - Que era o secretário de Segurança. "E o Borges é da Aeronáutica. Então eu queria que você o prendesse primeiro." Imagine! [risos]

L.H. - Queria tirar o Borges do caminho?

F.T. - Queria tirar o Borges do caminho, o que não levaria a nada, porque o Borges não iria impedir coisa nenhuma. "Ele está na reserva, de forma que você veja qual é o mecanismo que tem para convocá-lo e prendê-lo disciplinarmente, qualquer coisa assim. Se ele resistir, como você não tem tropa, peça a tropa do I Exército, que eu vou dar uma ordem para a tropa ficar à sua disposição." "Está perfeito." O Botelho saiu dessa reunião e foi para o meu gabinete - isso era umas seis horas. "Olhe, nós vamos fazer essa operação." Eu digo: "Está bem. Mas não sei até que ponto as coisas estão certas, Botelho. Não sei se é certo prender o Lacerda, que tipo de intervenção é essa.. E quanto ao problema do Borges, acho que não tem problema nenhum, o caso é prendê-lo, apenas: chamá-lo aqui e prendê-lo. Agora, em todo caso, vou estudar a legislação que está aí, vou ver o que temos que fazer e depois digo a você." Ficamos até um pouco tarde lá com os especialistas, e vimos que não tinha que mudar legislação nenhuma, o caso era convocá-lo. "Então vamos fazer a operação, vamos prender o Borges." Mas aí me deu um estalo. Eu digo: "Vamos checar esse Jair." Chamei o meu chefe de estado-maior na zona aérea e um oficial-de-gabinete do Botelho, que estava lá de prontidão, e disse: "Vão ao I Exército e peçam a tropa. Nós queremos a tropa."

L.H. - O comandante do I Exército era...

F.T. - O Moraes Ancora, e o chefe do estado-maior dele era um general também, que tinha o apelido de Passarinho. Bom, eu fiz aquilo porque sabia que não tinha tropa nenhuma à disposição, era tudo uma fantasia do Jair para ver se a gente prendia o Borges... sei lá qual era a jogada. Mas eles foram ao I Exército - isso já à meia noite -, chegaram lá e acordaram o superior de dia: "Nós viemos aqui em nome do brigadeiro Teixeira, porque o ministro prometeu uma tropa." E ele: "Tropa!? Não tem tropa nenhuma." "Mas não é possível! O ministro da Guerra disse ao ministro da Aeronáutica que a tropa do I Exército estava à disposição para essa operação assim, assim." "Um momento!" E acordou o chefe do estado-maior: "Não tenho tropa nenhuma!" Acordou o homem, e não tinha tropa nenhuma! Quando aquela notícia chegou, já era uma hora da manhã. Então eu disse: "Está tudo suspenso." Imagine se eu vou me meter a maluco e prender o Borges!

L.H. - O senhor ia servir de bucha de canhão!

F.T. - De bucha de canhão. Eu disse: "Está tudo suspenso, vamos para casa dormir." No dia seguinte, entre seis e sete horas da manhã, eu bati na casa do ministro: "Olhe, Botelho, não houve nada daquilo, por uma razão muito simples: não tinha tropa nenhuma." Ele era meio gago..."Mas não é possível... O Jair... Não é possível!" Eu respondo: "É possível, sim, porque eu ouvi isso, isso e isso." E ele: "Vamos ao Jair." Às sete e meia, oito horas, estávamos no gabinete do Jair. Eu fui testemunha, até fiquei... Porque o Jair disse: "Mas eu não disse nada a vocês que ia dar tropa!" E nem falava mais em prender o Lacerda, aquilo não tinha existido para ele. O Botelho ficou uma fera e disse: " Olhe, Jair, agora eu vou pedir essas coisas por escrito." Quer dizer, foi outra fantasia! Para você ver o que era o Jair, um homem em quem o Jango confiava.

L.H. - Pois é, essas autoridades militares do período do Jango, principalmente do Exército, foram muito irregulares, não?

F.T. - Muito, muito!

L.H. - Como era o Segadas como ministro da Guerra?

F.T. - O Segadas já tinha sido inclusive presidente do Clube Militar, eleito por nós. Depois de ele ser presidente do Clube e tudo o mais, a coisa evoluiu num sentido mais complicado, quer dizer, de maior definição. E ele se definiu pelo lado de lá; era um homem conservador, mas um homem sério. Não sei se foi porque eu funcionei muito na campanha dele, mas fiquei muito amigo do Segadas, tinha uma boa impressão dele. É claro, não era um homem... Era um anticomunista danado, muito reacionário.

L.H. - Mas um oficial correto?

F.T. - Correto, correto. Não era politizado, político como era o Cordeiro ou como foi o Denis. Era um homem correto, tinha um bom nome, foi um bom militar na FEB, e eu tinha uma boa impressão dele. Para você ver a situação, no tempo da gestão do Segadas, logo no primeiro ministério do parlamentarismo, o Nelson Werneck Sodré, que era coronel na época, já estava transferido, desde o tempo do Jânio, para servir em Belém. E o Nelson não queria ir para Belém - ninguém quer ir para Belém, o sujeito quer ficar no Rio - por todas as razões, e sobretudo em razão de uma perseguição política de um governo que era nosso. Então ele foi ao Jango, ou mandou alguém ao Jango, explicar que ele queria a anulação daquela transferência. O Jango chamou o Segadas, conversou com ele e não anulou a transferência. O Nelson então pediu transferência para a reserva. O Jango recebeu o pedido de transferência para a reserva, rasgou-o, chamou o Nelson e explicou a ele que fosse para Belém, porque aquilo era passageiro - como estava tapeando a gente na Aeronáutica! E o Nelson disse: "Não, eu não vou. Para Belém, eu não vou." Não foi, fez outro pedido de reforma, que o Jango acabou lhe dando, mas o Segadas manteve sua transferência para Belém, mesmo sabendo que era uma perseguição política do Denis.

L.H. - Do governo anterior?

F.T. - Do governo anterior. E o Nelson foi para a reserva.

L.H. - O senhor já deu aqui dois fatos que mostram muito a ambigüidade desse primeiro ministério parlamentarista: a posição do Tancredo com vocês com relação à nomeação do Travassos e esse caso agora. Mas ao mesmo tempo o senhor me diz assim: "Mas o governo era nosso." Era mesmo?

F.T. - Não. Até então não era nosso. Foi o caso do Juscelino: a Aeronáutica passou a ser nossa quando o Fleiuss saiu, porque o ministro da Aeronáutica passou a ser o Melo. Mas uma vez o Jango se ausentou do país, ou licenciou-se, não me lembro por quê, e também não me lembro bem como eram as promoções na época, mas o fato que ocorreu foi que o Grun Moss era brigadeiro, e o Clóvis Travassos o promoveu a major-brigadeiro. Isso teve uma repercussão tremenda na nossa área. E chegou ao Jango. Eu acho que não foi o Jango que assinou essa promoção, seria muito descaramento dele assinar a promoção do Grun Moss! E eu achei engraçado o seguinte - para você ver o que era a coisa nessa época: o Jango reassumiu, e naturalmente deve ter dito alguma coisa ao Clóvis Travassos, porque ele mandou me chamar - eu servia no EMFA, era subchefe do Estado-Maior das Forças Armadas. Ele disse: "Eu o chamei aqui porque, imagine, o presidente se ausentou, havia essas promoções a fazer, e ele me recomendou que eu o ouvisse para fazer essas promoções. Mas eu, nesse afobamento... Acabou que a promoção saiu, eu não o consultei, mas estou chamando você aqui para..." Acho que o Jango mandou ele obter o meu "concorde-se" com a promoção, deve ter sido uma coisa desse tipo. "De forma que eu queria saber sua opinião, você me desculpe" - o Clóvis era muito falso, ouviu? Eu disse: "Olhe, Clóvis, em primeiro lugar eu não tenho que dar mais opinião nenhuma: ele está promovido. Agora, se quer a minha opinião, não é má promoção, ele é um bom oficial." Eu estava atrás, eu era brigadeiro, então ele podia estar pensando que eu queria preterir o Grun Moss. E continuei: "Eu não tenho que dar opinião no caso, até porque a promoção já está feita. Mas, à parte isso," - como quem diz: - pode descansar o Jango - "eu pessoalmente não sou contra essa promoção." Quer dizer, para mostrar a você que, na primeira fase do Jango, a coisa era muito na base da conciliação. A primeira fase foi de conciliação.

L.H. - O Travassos disse ao senhor que o Jango teria dito a ele que o ouvisse?

F.T. - Antes de promover, antes de promover!

L.H. - E como foi o seu contato com o Jango? Como o senhor o conheceu e como evoluiu o seu contato com ele?

F.T. - Conheci o Jango desde o tempo do Getúlio, porque ele era ministro do Trabalho, e naquelas questões trabalhistas e tal... Depois, quando ele foi vice-presidente do Juscelino, eu tive algum contato com ele, tínhamos boas relações, tratava-o de você, porque havia aquela luta, e ele se interessava muito pelos problemas da Aeronáutica, como o problema da promoção do Adil, que ele era muito contra, e além disso também precisava de nós para ajudar, para dar avião. A Aeronáutica tem muita força, e é sempre essa força relativa: o sujeito precisa ser amigo para ter avião, para viajar. Então eu me dava com o Jango. Quando ele assumiu o governo, eu cortei... Ou, por outra, não cortei, mas até por um pudor, por uma espécie de pudor, eu evitava muito pular por cima dos ministros para procurar o Jango escondido na casa dele, que ele adoraria, aqui para nós, adoraria. Mas eu evitava, sinceramente evitava. Acho que, durante todo o governo do Jango, eu tive dois ou três contatos pessoais com ele, chamado por ele: o primeiro foi na passagem do Osvino para a reserva. Ele chamou a mim e ao Crisanto, que era general, para irmos à Brasília, e nos pediu muita reserva. Então saímos daqui num avião às quatro da manhã e aterrissamos num campo perto da granja do Torto - quando chegamos, ele estava até

tomando chimarrão. O assunto era o seguinte: ele ia passar o Osvino para a reserva - o que foi o grande erro militar do governo do Jango, a meu ver -, mas como sabia que eu e o Crisanto éramos muito amigos do Osvino, quis nos explicar - eu não digo ganhar - o fato de não mantê-lo na ativa por intermédio da "lei Denis." Nós, já prevendo isso e achando que o Osvino era uma peça muito importante no esquema militar, como era, tínhamos mandado fazer um estudo, pelo consultor jurídico do Ministério da Justiça, sobre o problema da permanência do Osvino na atividade. Aquilo então estava mastigado, não tinha dúvida nenhuma, nem precisava de outra lei.

L.H. - Podia-se aplicar a "lei Denis" e ficava tudo bem.

F.T. - A legislação existente já dizia tudo, e o consultor nos deu aquilo por escrito. Mas não sabíamos que o assunto era esse, e fomos lá os dois, eu e o Crisanto. Aí o Jango disse: "Eu os chamei aqui porque vocês são muito amigos do Osvino, eu queria que soubessem" - aí contou a mesma história - "que não posso mantê-lo na ativa, porque a lei não permite: eu mandei estudar o problema, e queria avisar a vocês assim em primeira mão." Nós dissemos: "Presidente, isso, não. O senhor nos desculpe, mas temos aqui um estudo completo do consultor jurídico do Ministério da Justiça, mostrando que não muda nada: é só se fazer um decreto convocando para o serviço ativo." Ele então disse: "Ainda que eu possa, acho que é uma aventura, coisa e tal..." "Mas nós já tínhamos conversado com o Osvino, e o Osvino queria, estava desejando muito permanecer na ativa. O Osvino realmente não foi ministro quando o Krueel foi porque não quis, tinha muito medo de avião; depois, quando o Krueel foi substituído pelo Jair, aí ele já não teve mais influência, o Jango escolheu o Jair mesmo. Eu até disse: "Olhe, presidente, o problema é o seguinte: o general Osvino aceita até, se convocado, não permanecer no I Exército e ir para o III Exército. Ele é gaúcho, ficaria lá." "Ah, eu não posso... E acabou confessando que era uma imposição do Jair e do Albino, esse sem-vergonha do Albino, que era uma cria de Jair e também do Osvino. "Está bom, o senhor é o presidente. Agora, é um erro, ele vai fazer falta." Então esta foi a primeira vez que estive com o Jango. A segunda vez, que eu me recorde - parece que teve uma outra vez que eu não me lembro bem, fora alguns encontros, porque ele embarcava muito de avião na III Zona -, foi quando ele, às vésperas do golpe de 64, me chamou para ir ao Laranjeiras. Fui lá de manhã, estavam também um da Marinha, parece que era o Aragão, e o Crisanto, que nessa época servia no Paraná, mas estava aqui de férias. Então ele ouviu a mim e ao Crisanto. O Crisanto queria, nessa altura do jogo - isso aqui para nós -, substituir o Assis Brasil, porque havia uma campanha contra o Assis e tal. Então, quando o Jango foi me ouvir, perguntou: "O que você está achando da situação?" Eu digo: "Olhe, presidente, quero ser muito franco com o senhor: estou achando a situação política melhor, porque houve aquele comício, o Arrais compareceu, o Brizola compareceu, então as divergências na nossa área política, se não se resolveram, se atenuaram com essas presenças. Agora, militarmente, estamos mal. E quero dizer uma coisa, presidente: não estou me referindo à Aeronáutica, a Aeronáutica está ótima, o ministro é excelente," - eu até exagerei - "me consulta em tudo o que faz. Não estou aqui pleiteando o lugar dele, ele está ótimo. É o Exército." "Mas, o Exército!?" Eu digo: "É, o Exército. Porque o senhor veja o seguinte: no tempo em que o Osvino comandava o I Exército, havia coisas mais cabeludas - na questão do voto dos sargentos, aquele subtenente Alcir não sei de quê, fez um discurso dizendo que o voto seria submetido pelas baionetas e tal -, mas o Osvino reunia aqueles oficiais, que eram os mesmos de hoje, muito reacionários, muito apolíticos, e resolvia tudo. E por quê? Porque o Osvino tinha os seus comandados, os generais - eram dez ou quinze generais do I Exército na mão dele -, e através de conversas em casa, de pijama, ia botando todos eles a par do que o governo estava fazendo e do que o governo queria fazer. Eles estavam comprometidos, então, não havia nada. Hoje, não. E vou dizer ao senhor por quê." Ah, mas houve aí um fato paralelo: depois do comício do dia 13, eu fui chamado ao apartamento do

Assis Brasil no Leme, onde estavam, além dele, o Darci Ribeiro - esse nosso prezado amigo - e dois ou três oficiais da Casa Militar.

L.H. - Ou seja, o chefe da Casa Militar, o chefe da Casa Civil...

F.T. - E três ou quatro oficiais, acho que era o Pinto Guedes e mais uns dois da Casa Militar, do Exército. Então o Assis me perguntou: "Teixeira, estou chamando você aqui porque se está planejando uma manifestação de sargentos ao presidente e eu e o Darci aqui presente queríamos saber sua opinião sobre essa coisa." Eu disse: "Olhe, Assis, sou virtualmente contra. Sou contra pelo seguinte: você é militar, mas o Darci não é obrigado a saber que isso não acrescenta um milímetro à força militar do Jango. Ao contrário, nós, que já estamos cheios de dificuldades para manter os oficiais numa função etc. e tal, vamos ter maiores dificuldades ainda, porque eles têm horror a essa quebra de hierarquia, a essa coisa..."

L.H. - É não conhecer as forças armadas!

F.T. - Foi o que eu disse a eles - até o que vou dizer você não pode publicar, porque parece que estou agredindo o Darci Ribeiro. Ele então interveio, dizendo: "Não, Teixeira, você está enganado! Tem que haver a manifestação, porque se o Jango não aceitar essa manifestação, o Brizola aceita, o Arrais aceita, e eles vão capitalizar a força..." Um troço! Eu digo: "Bom, por esse ângulo, não posso examinar a questão."

L.H. - Isso com a conspiração quase na rua?

F.T. - Na rua. Foi depois do comício. Uma semana depois do comício: o comício foi no dia 13, por conseguinte, foi uma ou duas semanas antes da coisa. "Bom, Darci, nesse campo eu não opino. Esse é um campo em que vocês decidem. Minha opinião é essa do ponto de vista militar." E fui para casa. Passaram-se uns dois ou três dias e aparentemente... Eu disse: "Desistiram da manifestação." Nisso, recebo um telefonema do Assis: "Olhe Teixeira, estou telefonando pelo seguinte: ficou resolvido que vai haver a manifestação dos sargentos," - para você ver como as coisas se resolviam mal - "e, uma vez que vai haver," - como quem diz: "Não fui eu que fui a favor" - "nós temos que fazer o melhor possível, então eu queria que você se incumbisse do problema na Aeronáutica." Veja você!

L.H. - Que presente, hein?

F.T. - Mas veja o que eu fiz! Eu disse: "Assis, você já falou com o ministro da Aeronáutica?" - eu era cauteloso. Ele disse: "Não, estou justamente ligando para você falar com ele." "Ah, bom. Então está bem, vamos ver." E desliguei. O ministro estava em Brasília, liguei para Brasília: "Botelho, recebi agora um telegrama do Assis assim, assim, assim." Ele disse: "Não é possível, eu não sei de nada!" Eu digo: "Muito bem, mas em todo o caso é isso: o Assis..." E ele: "Não faça nada, que eu vou ao Rio para resolver a coisa." Não fiz nada, e nada fiz mesmo da tal manifestação que acabou havendo - foi isso que contei ao Jango. Depois que o Assis me telefonou, ou que liguei para o Botelho, eu digo: "Saio do negócio, a Aeronáutica não participa disso, pelo menos até o Botelho voltar de Brasília e dar uma ordem em contrário." Aí recebi um telefonema do Âncora, comandante do I Exército, e, pelo tom com que ele falava, um tom de discurso, um tom patético, eu tive a impressão de que havia alguém ao seu lado. "Teixeira, eu estou lhe telefonando pelo seguinte: recebi aqui a informação de que você está coordenando uma manifestação de sargentos ao presidente, e eu queria que você soubesse que o

Exército protege o presidente em todas as horas, como protegeu no comício do dia 13 aqui na Central, mas o Exército não promove comícios..." - me esculhambando, ouviu? Quando ele acabou, eu digo: "Um momento, Âncora, vamos esclarecer isso desde o começo: em primeiro lugar, não estou coordenando manifestação nenhuma, apenas recebi um telefonema do Assis Brasil - se há algum coordenador dever ser ele - me pedindo para falar com o ministro. Eu liguei para o ministro, e até agora não recebi nenhuma instrução dele sobre o assunto. Aliás, o Assis me disse também que ia falar com você ou com o Jair." "Não, não falou nada!" - para ver como a coisa andava.

L.H. - As pessoas insuflavam e tiravam o corpo fora?

F.T. - Tiravam o corpo fora, compreendeu? E sem nenhuma orientação. Então, nesse encontro com o Jango, que já foi às vésperas de ele cair, foi na segunda-feira da semana anterior, porque ele foi passar as férias da Semana Santa fora, voltou depois, houve o negócio dos marinheiros...

L.H. - E depois o comício no Automóvel Clube, que foi no dia 30, na véspera do golpe.

F.T. - O dia 31, se não me engano, caiu numa quarta-feira, e esse meu encontro com o Jango foi na segunda-feira, dez dias antes. Então eu disse: "O senhor veja, por exemplo, presidente," - tratando-o com todo o formalismo - "que no tempo do Osvino era assim, agora é completamente diferente. Por exemplo: o Âncora é uma pessoa que eu acho muito correta, está se portando bem, não estou aqui fazendo crítica a ele, mas houve isso" - e contei o fato. "No tempo do Osvino, não haveria um negócio desses! Se há uma manifestação ao presidente, o Âncora não pode falar da maneira como falou comigo." O Jango disse: "Você tem toda razão, eu preciso conversar, vou falar com o Jair para ele promover esse entendimento dos generais comigo, com a nossa política." Era essa a tese que eu defendia: esses generais de hoje eu já não sei mais como são, mas aqueles generais não eram homens comprometidos, excetuando uma minoria, nem com um lado nem com outro. Então, o sujeito, em vez de deixar que eles se comprometessem com o outro lado através de denúncias que o governo era isso, o governo era aquilo, devia comprometê-los com o seu lado, atraí-los, conversar com eles. E o Jango: "É, vou falar com o Jair. "Acho que nem chegou a falar, porque já tinha baixado ao hospital, nem doente estava! Eu tenho a pior impressão do Jair nisso tudo. Mas esta foi a segunda vez que eu estive com o Jango e ainda o encontrei mais uma vez num embarque dele para São Borja. Porque nessa mesma segunda-feira, ou na terça, eu recebi o telefonema de um almirante - aí todo mundo na Marinha já sabia que o Jango ia tirar o ministro da Marinha, o Sílvio Mota, por causa dos marinheiros, que já estava em efervescência. Parece que o Sílvio Mota já tinha punido os marinheiros, uma coisa assim.

L.H. - Essa questão foi muito mal resolvida também.

F.T. - Muito mal resolvida. Então recebi o telefonema desse almirante, que me disse muito sensatamente o seguinte: "Olhe, Teixeira, estou telefonando porque sei que você tem ligações com o Jango, com a Casa Militar, com esse pessoal."

[FINAL DA FITA 14-A]